



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

AMAURY ARAUJO SANTOS

BELARMINO DE MATTOS: o *Didot* da imprensa maranhense (1840-1870)

São Luís

2019

AMAURY ARAUJO SANTOS

BELARMINO DE MATTOS: o *Didot* da imprensa maranhense (1840-1870)

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Castro

São Luís

2019

AMAURY ARAUJO SANTOS

BELARMINO DE MATTOS : o *Didot* da imprensa maranhense (1840-1870)

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: / /2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cesar Augusto Castro (Orientador)
Pós-Doutor em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Diana Rocha da Silva
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Leoneide Maria Brito Martins
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Valdirene Pereira da Conceição (Suplente)
Doutora em Linguística
Universidade Federal do Maranhão

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu sopro primeiro, meu guia, socorro presente nas horas de angústia. À minha mãe, Maria Raimunda A. Santos, a meu pai, Arlindo de Jesus Santos, e a meus irmãos, companheiros, amigos, confidentes e meus primeiros amigos e apoiadores.

Aos meus avós paternos e maternos, *In Memoriam*, pela existência de meus pais, Raimunda e Arlindo, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam, especialmente às minhas avós, Dona Ray e Dona Mercês, meus tesouros que repousam ao lado de Deus, minhas melhores memórias de infância, as referências de retidão, força e coragem que levo pela vida.

AGRADECIMENTOS

A todos os funcionários da Universidade Federal do Maranhão, por todo apoio e por proporcionarem um ambiente propício para o desenvolvimento do meu conhecimento e deste trabalho.

Ao meu professor orientador Cesar Augusto Castro, pelo empenho dedicado ao meu projeto de pesquisa, por todo apoio e paciência ao longo da elaboração deste estudo. Mais que um mestre, um amigo, um irmão. Gratidão eterna pelo seu “empurrão”, sem o qual essa caminhada não teria tido início.

A todos (as) os (as) professores (as) do Departamento de Biblioteconomia da UFMA, por todos os conselhos e ajuda durante os meus estudos e desenvolvimento acadêmico.

Gostaria de deixar registrado o meu profundo agradecimento à Fátima de Almeida Braga, Leoneide Maria Brito Martins e Valdirene Pereira da Conceição, professoras que me abraçaram como aluno e como amigo durante toda minha caminhada, sendo compreensivas e firmes no tempo certo, como somente as mães sabem ser, amo-as para sempre!

Ao professor Samuel Luis Velázquez Castellanos, que tanto me incentivou durante os anos de graduação, minha eterna gratidão por sua atenção, amizade e carinho. Um novo irmão que a vida de me deu de presente.

Aos meus amigos de trabalho da Gráfica Universitária, do CCSO e do DPQ da UFMA, por onde passei e tive a honra de conquistar amigos, os quais serão para toda a vida.

Aos colegas e parceiros de pesquisa do Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL), por toda a ajuda e apoio durante este período tão importante da minha formação acadêmica, especialmente ao Matheus Souza, Jarina Serra, Mayra Cabral, Andreia Carvalho, Almicéia Borges, Joerberth Machado, Kathia Salomão, Luciana Furtado, Phellype Kássio e à professora Diana Rocha Silva, integrante desse grupo, parceira de muitas lutas para o desenvolvimento de nossas pesquisas e eventos.

Ao pessoal da Biblioteca Pública Benedito Leite, do Arquivo Público do Estado do Maranhão e a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

É chegado ao fim um ciclo. Sendo assim, dedico este trabalho a todos que fizeram parte dessa etapa da minha vida.

*A tipografia é o ofício que dá forma visível e durável –
e, portanto, existência independente - à linguagem humana.*

(Robert Bringhurst)

RESUMO

Analisa o lugar de Belarmino de Mattos na constituição da imprensa do Maranhão no período oitocentista, dada a sua importância como o Didot da imprensa maranhense e, por consequência, um dos principais mediadores da cultura escrita local entre os anos de 1840 e 1870. Para tanto, tece a trajetória do estabelecimento das tipografias no Maranhão, destacando as condições de nascimento da imprensa no Brasil e os movimentos políticos e culturais que viabilizaram a sua implantação em solo maranhense; descreve, também, os principais fatos que circundaram a prática tipográfica local, visando compreender o papel que Belarmino de Mattos ocupou no processo de instalação e atuação das oficinas tipográficas e como defensor dos tipógrafos, além de sua contribuição para a produção e circulação de impressos na Província. O estudo se caracteriza como do tipo Bibliográfico-Documental, com privilégio para o uso de obras que discorrem sobre a história da imprensa no Maranhão (FRIAS, 1866; LOPES, 1959) e sobre a vida e obra de Belarmino de Mattos (HALLEWELL, 2012). Com relação à pesquisa documental, esta investigação centrou-se nos jornais em que Belarmino teve importante papel como impressor ou foi citado, foram eles: *A Imprensa (1857)*, *O Paiz (1870)*, *A Coalizão (1862)* e *o Publicador Maranhense (1842)*. A abordagem teórico-metodológica utilizada se baseia nos pressupostos da História Cultural (CHATIER, 1988) e no método prosopográfico (STONE, 2011). Conclui que, como tipógrafo, Belarmino de Mattos foi considerado um mestre impecável de sua arte; além de, em sua trajetória profissional, ter trabalhado em defesa dos tipógrafos maranhenses, tendo em vista que essa categoria frequentemente sofria medidas de censura e perseguições por parte dos opositores da imprensa livre e democrática do Maranhão no período oitocentista; no mais, como forma de garantir proteção financeira àqueles que por situações diversas necessitavam de amparo físico e orçamentário, ele participou efetivamente da criação da Associação Tipográfica Maranhense, em 1857, na qual, dado o seu renome e contribuições para o campo da imprensa local, ganhou o título permanente de membro honorário.

Palavras-chave: História da Imprensa Maranhense. Tipógrafos Maranhenses. Belarmino de Mattos. Maranhão oitocentista.

ABSTRACT

It analyzes the place of Belarmino de Mattos in the constitution of the Maranhão press in the nineteenth period, given its importance as the Didot of the Maranhão press and, consequently, one of the main mediators of the local written culture between 1840 and 1870. To this end, weaves the trajectory of the establishment of the printers in Maranhão, highlighting the conditions of birth of the press in Brasil and the political and cultural movements that enabled its implementation in Maranhão soil; It also describes the main facts surrounding the local typographic practice, aiming to understand the role that Belarmino de Mattos played in the process of installation and performance of the typographic workshops and as an advocate of the printers, as well as his contribution to the production and circulation of printed matter. Province. The study is characterized as Bibliographic-Documentary, with privilege for the use of works that discuss the history of the press in Maranhão (FRIAS, 1866; LOPES, 1959), and about the life and work of Belarmino de Mattos (HALLEWELL, 2012). Regarding documentary research, this investigation focused on the newspapers in which Belarmino de Mattos played an important role as a printer or was cited, namely: *A Imprensa* (1857), *O Paiz* (1870), *A Coalizão* (1862) and *Publicador Maranhense* (1842). The theoretical-methodological approach used is based on the assumptions of Cultural History (CHATIER, 1988) and also on the prosopographic method (STONE, 2011). He concludes that as a typographer Belarmino de Mattos was considered an impeccable master of his art; In addition, in his professional career, he worked in defense of the Maranhão typographers, considering that this category often suffered censorship and persecution by opponents of the free and democratic press of Maranhão in the nineteenth period; Moreover, as a way of guaranteeing financial protection to those who, due to different situations, needed physical and budgetary support, Belarmino de Mattos effectively participated in the creation of the Associação Tipográfica Maranhense, in 1857, in which, given its renown and contributions to the press field, has gained the permanent title of honorary member.

Keywords: History of the Maranhense Press. Maranhenses typographers. Belarmino de Mattos. Nineteenth century Maranhão.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Fontes móveis de metal e de madeira.....	23
Figura 2 - Prelo de Tipos Móveis de Gutemberg.....	24
Figura 3 - Prelo Águia.....	27
Figura 4 - Prelo metálico Stanhope.....	27
Figura 5 - Página frontal d' <i>O Conciliador do Maranhão</i>	28
Figura 6 - Gravura de Belarmino de Mattos.....	30
Figura 7 - A Malagueta Maranhense (1848).....	34
Figura 8 - Recorte d' <i>O Progresso</i> (1847).....	35
Figura 9 - Cabeçalho do Jornal <i>A Imprensa</i> (1857).....	42
Figura 10 - Publicações acerca das eleições da Associação Tipográfica Maranhense.....	46
Figura 11 - Detalhe de capa da <i>Revista Typographica</i> (1907).....	48
Figura 12 - <i>Revista Typographica</i> homenageia a Belarmino de Mattos (1913).....	53
Figura 13 - Recorte do jornal <i>O Paiz</i> , nº 62, de 19 de maio de 1870.....	54
Quadro 1 - Tipografias estabelecidas na capital da Província.....	37
Quadro 2 - Tipógrafos envolvidos no processo.....	43
Quadro 3 - Composição da Diretoria da Associação Tipográfica Maranhense.....	47
Quadro 4 - Obras impressas por Belarmino de Mattos.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A SOCIEDADE E A REVOLUÇÃO DA NOVA ARTE	23
2.1	O alvorecer da imprensa no Brasil	26
2.2	Os primórdios da tipografia no Maranhão	27
3.1	As tipografias: local de inovar e imprimir	37
3.2	O defensor da classe tipográfica	38
3.3	Os tipógrafos do mestre Belarmino: a força de uma categoria	39
3.4	Associação Tipográfica Maranhense: o triunfo de uma classe oprimida.....	41
3.5	O impressor/editor Belarmino de Mattos	50
3.6	Do prelo ao pó: o processo e o fim	53
3.7	Homenagens póstumas a Belarmino de Mattos	54
4	CONCLUSÃO	57
	REFERÊNCIAS	57
	ANEXOS	60

1 INTRODUÇÃO

Procurar indícios, rastros e sinais (GIZBURG, 2002) para tecer um discurso histórico não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente quanto mais recuamos no tempo, por dois motivos: o primeiro pela necessidade de localização das fontes, nem sempre disponíveis ou quando existem, estão dispersas em diferentes *lugares da memória*¹ (NORA, 1993), como arquivos, bibliotecas, museus entre outros. O segundo, que prescinde do entendimento dos termos, expressões e formas de construção textual do passado. Esses são desafios a serem enfrentados pelos historiadores que, ao adentrarem nesses lugares, precisam entender, também, as regras e as estruturas de organização dadas pelos profissionais da informação (bibliotecários, arquivistas, por exemplo) ao arrumarem em uma perspectiva labiríntica as fontes bibliográficas e arquivísticas (BARATIN; JACOB, 2006).

Compor os textos de trás para frente e de cabeça para baixo era um desafio maravilhoso que me enchia de ânimo, era como montar todos os dias um quebra-cabeças. O ponto de partida para minha aproximação com as artes gráficas se deu ao fazer um curso² que tinha o objetivo de formar jovens carentes na arte da impressão e encadernação. O primeiro contato com essa arte foi num prelo antigo, de acionamento manual por alavanca, não era uma atividade fácil, visto que demandava muita força para manuseá-lo, mas enfim, assim se iniciou minha paixão pela tipografia.

Falar do papel que Belarmino de Mattos ocupou no processo de instalação e atuação nas oficinas tipográficas, sua contribuição para a produção e circulação de impressos na Província do Maranhão, bem como, suas relações com os tipógrafos justificam o meu interesse por esta temática de pesquisa. A profissão que ocupo na Universidade Federal do Maranhão, como técnico em artes gráficas, atividade que tem me oportunizado adentrar no universo da composição (convencional ou eletrônica) de textos produzidos pelos diferentes atores que integram essa Instituição. O segundo, pela minha incursão discente no curso de

¹ *Lugar de memória* é um conceito histórico posto em evidência pela obra *Les Lieux de Mémoire*, editada a partir de 1984 sob a coordenação de Pierre Nora, formada por sete tomos, sendo o primeiro *Les Lieux de Mémoire*, os três seguintes *La République* e posteriormente mais três volumes intitulados *Les France*. Essas obras se tornaram referência para o estudo da história cultural na França. Os lugares de memória, para Nora, são lugares em todos os sentidos do termo, vão do objeto material e concreto ao mais abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus diversos, esses aspectos devem coexistir sempre.

² Curso Técnico em Artes Gráficas oferecido pelo Colégio Universitário, que funcionava no bairro Vila Palmeira, mantido pela Universidade Federal do Maranhão.

Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, em especial, nas disciplinas que tratam dos aspectos históricos ou de organização e tratamento da informação.

Dessa experiência emergiram algumas perguntas: De que maneira ocorreu o processo de inserção da tipografia no Maranhão? Quais os tipógrafos mais representativos no oitocentos? Que repercussão houve acerca do trabalho desses profissionais? Qual a relevância de Belarmino de Mattos na tipografia maranhense no período de 1840 a 1870?

Na tentativa de responder a essas questões procuro me apropriar de autores que se reportam à história da tipografia maranhense ou sobre a história do livro e dos impressos no Brasil, dos quais destacamos Frias (1866), Hallewell (2012) e Lopes (1959), por possibilitarem uma compreensão sobre o lugar ocupado pela imprensa na Província do Maranhão no oitocentos e o papel exercido pelos tipógrafos que diretamente contribuíram para a criação do epíteto de “Atenas Brasileira”.

Dentre os vários tipógrafos³ citados, nos interessou, particularmente, Belarmino de Matos, por ser considerado um dos maiores tipógrafos maranhenses do oitocentos, de cujas mãos saíram impressos que mereceram reconhecimento em nível nacional e internacional e pelo seu envolvimento na defesa da sua categoria profissional, ao criar em 1857, a Associação Tipográfica Maranhense, com o objetivo de defender a categoria de impressores que sofriam, censuras e perseguições políticas da sociedade “endinheirada” da época.

Antônio Lopes, na *História da Imprensa no Maranhão*, afirma que:

Com Belarmino de Mattos, simples operário que se imortalizou pelo amor ao trabalho, espírito progressista, gosto artístico e probidade, a arte tipográfica chegou no Maranhão a um nível de perfeição superior ao que havia alcançado em outros pontos do Brasil. Para a sua tipografia afluíam encomendas do Pará, Ceará, Pernambuco e Bahia [...]. Sem esse obreiro-editor não seria possível o movimento intelectual que no século XIX granjeou para o Maranhão o título de Atenas brasileira (LOPES, 1959, p. 17).

O período Imperial no Maranhão é marcado por fortes embates entre os intelectuais, tendo como palco os jornais que circularam a partir de 1821, quando dos prelos da *Tipografia Nacional Maranhense* circulou *O Conciliador*, primeiro jornal publicado na Província maranhense. Equipamentos e pessoal foram trazidos de Portugal pelo governador Bernardo do Silveira. A partir de então, vai ocorrer uma mudança social e política na cidade de São Luís, posto que, se as notícias circularam, até então, de forma oral, as arengas políticas se faziam nos bancos das praças e nas esquinas da cidade, agora são os jornais a forma pela qual os

³ Antônio de Frias, Sátiro Faria, Ignácio José Ferreira, dentre outros.

homens se utilizam para acusar, elogiar ou para divulgarem o cotidiano da cidade. Dessa forma, *O Conciliador* era um órgão oficial que apresentava, além da matéria atinente aos atos da administração pública, notícias resumidas e alguma transcrição útil ou variedade” (LOPES, 1959, p. 29).

Nesse contexto, prolifera a imprensa no Maranhão e, por conseguinte, a profissão de tipógrafos e de jornalistas que se destacam no Brasil, a exemplo de Odorico Mendes, João Lisboa, José Cândido de Moraes e Silva, Cândido Mendes, Estêvão Rafael de Carvalho, dentre outros, que não somente fundaram jornais, como atuaram fortemente como redatores. Sendo que alguns desses jornais apresentam um ciclo de vida muito curto.

Castro (2009), ao estudar a imprensa maranhense no oitocentos, a classifica em dois grupos: os jornais que se destinavam a debater aspectos mais gerais da Província e os de caráter mais específico, isto é, aqueles que tratavam de assuntos como literatura, religião ou educação. Sendo que, estes últimos eram mantidos com recursos dos próprios jornalistas e cuja sobrevivência dependia sobremaneira das vendas dessas edições. Ao contrário daqueles que eram mantidos pelos cofres provinciais, a exemplo do *Publicador Maranhense*⁴, que, mesmo sob “arengas” políticas e ideológicas, conseguiram manter um maior período de circulação. Assim, ao transitarmos pelas pesquisas históricas, essa fonte se constitui em referência primeira e obrigatória para entendermos o movimento político, social, cultural e educacional maranhense no oitocentos. Posto que, em preto e branco, encontramos, nas páginas impressas dessas fontes, diversos discursos que nos possibilitam adentrar pelo cotidiano da cidade de São Luís e das demais localidades do Estado.

Nesse cenário conturbado é que situamos as figuras de Belarmino de Mattos, Antônio de Frias, Inácio José de Ferreira e outros impressores que vão fazer uso da “maquinaria” de Gutemberg e distribuir para os “letrados” maranhenses do oitocentos, almanaques, livros escolares, obras traduzidas de autores franceses e portugueses, isto é, são os primeiros mediadores da cultura escrita do Maranhão, entendidos a partir da acepção de Gomes e Hansen (2016), como “[...] atores estratégicos nas áreas da cultura e da política [...] [e da impressão] que se entrelaçam, mas sem tensões, mas com distinções ainda que, historicamente ocupem posição de “reconhecimento variável na vida social”.

⁴ A circulação desse jornal se deu em um período longo e constante na província, prolongando-se de 1842 a 1885, sendo publicado na tipografia Ignácio José Ferreira e contou com vários redatores, dentre eles Francisco Sotero dos Reis (1856 a 1861), Temístocles Aranha (1862 e 1863) e Antônio Henriques Leal em 1864 juntamente com Felipe Franco de Sá que se junta a ele em 1865 e Francisco José Viveiros de Castro em 1885.

Isso posto, demarcamos como objetivo geral desta pesquisa analisar o lugar de Belarmino de Mattos na constituição da imprensa maranhense no período de 1840 a 1870.

Por “cultura letrada” estamos entendendo as diversas formas de manifestação expressas na imprensa periódica e que possibilitam adentrarmos por diversas facetas da província em geral e particularmente do Brasil e de outras localidades. Posto que, observamos que os jornais além de trazerem matérias sobre o Maranhão, possibilitam também identificarmos notícias diversas sobre os acontecimentos em países da Europa, nos Estados Unidos, etc. Isso evidencia que a imprensa, além de trazer debates sobre o cotidiano maranhense, também ilustrava a sociedade do período.

Assim, o primeiro objetivo específico é tecer a trajetória da tipografia no Maranhão no oitocentos. Sendo o segundo, descrever - mesmo de maneira lacunar - os principais fatos que movimentaram a imprensa maranhense de modo a podermos alcançar o terceiro objetivo específico, que é compreender o papel de Belarmino de Mattos nesse contexto, à medida em que, nas oficinas da *Temperança* e d’*O Progresso*, o *Didot* maranhense vai aprender a arte de manejar os prelos.

Tal abordagem justifica a relevante contribuição de Belarmino de Mattos, cuja vida foi dedicada a essa arte, de tal maneira e com tanto empenho e zelo que fora, por muitos, considerado o *Didot*⁵ maranhense. Assim, o segundo objetivo específico é tecer uma análise prosopográfica de Belarmino de Mattos e a sua atuação no campo tipográfico maranhense.

Diante isto, é preciso atentar para o fato que o nosso interesse não é tecer, aqui, uma história da imprensa, que pode ser entendida e se confundir com a produção e circulação de jornais. O que interessa, nesta seção, portanto, é a história dos impressos para além dos jornais, isto é, todos os produtos que saíam das oficinas tipográficas (livros, folhetos, almanaques). Por oficina tipográfica, compreendemos como um conjunto de máquinas, tipos, tintas e papéis com a finalidade de materializar a memória oral em informações transmissíveis e de caráter permanente de forma física.

O foco temporal desse trabalho centra-se no período entre 1840 a 1870, quando Belarmino de Mattos inicia e finaliza suas atividades como tipógrafo.

⁵ Didot é o nome de uma família de famosos impressores franceses, perfuradores e editores. Por meio de suas conquistas e avanços em impressão, publicação e tipografia, a família emprestou seu nome às medidas tipográficas desenvolvidas por François-Ambroise Didot e ao tipo de letra *Didot* desenvolvido por Firmin Didot, reconhecidamente os melhores impressores daquela época.

Na perspectiva de atender aos objetivos propostos para esta pesquisa, os procedimentos metodológicos adotados foram, a princípio, realizar um amplo e consistente levantamento sobre a instalação da tipografia no Maranhão realizado no Arquivo Público do Estado e na Biblioteca Pública Benedito Leite, de modo a mapear a trajetória de Belarmino de Mattos nesse contexto.

Entretanto, Lopes (1959), na obra *História da Imprensa no Maranhão*, expressa a dificuldade de investigar essa temática, por conseguinte, os diferentes sujeitos que integram o circuito das comunicações, estabelecidos por Darnton (2010): livreiros, tipógrafos, encadernadores, fornecedores, dentre outros. Para esse autor, o maior entrave encontrado é a escassez de fontes ou quando essas existem, encontram-se bastante deterioradas pela ação do tempo, pela falta de conservação dos órgãos responsáveis por sua guarda e preservação, refletindo sobremaneira o descaso do Estado com o seu patrimônio documental. Essa mesma observação foi feita por Braga (2015, p. 41. Grifo nosso), ao comentar que

A falta de investimento humano, financeiro e materiais necessários para formação, conservação e manutenção do acervo constatam-se a olhos vistos, nos microfilmes, nas seções de obras raras das bibliotecas pesquisadas, transformando o que seria uma tarefa prazerosa e tranquila numa acirrada concorrência pela disputa da melhor máquina ou mesmo para conseguir utilizar qualquer uma delas. Além de existirem poucos equipamentos é comum encontrá-lo obsoletos ou quebrados o que dificulta a vida do pesquisador e compromete o resultado da pesquisa.

Além disso, a localização dessas fontes exige do pesquisador estratégias de busca, díspares formas de acesso, de análises e comparações, na medida em que os documentos somente “falam” quando o pesquisador os toma nas mãos e os interpreta, procurando compreender as narrativas do dito, dos silêncios, do pensado, sentido ou vivido. Esse diálogo do pesquisador com as fontes traz a sensação de fascínio, descoberta e conquista. Assim, podemos compreender que os arquivos e bibliotecas “[...] não guardam apenas desejos, aspirações e sonhos indivisíveis; são também produtos da sociedade que os configurou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (FÁVERO, 2000, p. 105).

No Arquivo Público do Estado do Maranhão, esses patrimônios documentais estão à disposição dos pesquisadores na sessão História dos Impressos, mas é preciso compreender que eles estão envoltos em névoas de técnicas de organização e distribuídos numa ordem labiríntica, em armários e estantes (CERTEAU, 1994) que precisam, em princípio, ser desvendados para podermos tocá-los, senti-los e ouvir as vozes de quem os escreveu.

Lopes (1959), ao fazer uma cartografia da história da imprensa maranhense, afirma que o primeiro trabalho enfocando o assunto foi publicado por Francisco Sotero dos Reis no

jornal o *Publicador Maranhense*. O segundo, a *Memória da tipografia maranhense*, de José Maria Correia de Frias (1866) e, em seguida, o livro de Joaquim Serra, *Sessenta anos de jornalismo*. De forma mais recente, destacamos os estudos de Jorge (1987, 1998) e, de maneira mais esparsa e lacunar, artigos científicos e teses, como Arcanjo (2008) e Silva (2017). Contudo, todos esses trabalhos abordam temáticas como escravidão e literatura, centradas em um ou vários jornais ou nos jornalistas como Garcia de Abrantes, João Lisboa e Odorico Mendes. Todavia, não localizamos pesquisas que tratam da contribuição dos tipógrafos na constituição da história da imprensa e dos impressos no Maranhão. Tal verificação permite-nos afirmar que esta monografia, centrada em Belarmino de Mattos, é um trabalho original e de relevância para podermos compreender a ação desses homens que labutavam com prelos, tintas e papéis e que fizeram com que o Maranhão, na arte da impressão, assumisse, no oitocentos, destaque em âmbito nacional, como afirmam Hallewell (2012), Serra (1883), Lopes (1959), dentre outros autores.

Sobre Belarmino de Mattos, o trabalho mais alongado sobre sua trajetória pessoal e profissional encontra-se na obra *Pantheon Maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos*, de autoria de Antônio Henriques Leal, publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa, em quatro volumes em 1873.

O Pantheon Maranhense é um instrumento para se perceber de onde os sujeitos sociais, membros da Athenas, falavam, embora não sejam eles que falam, e sim o autor, que fala por eles. Ainda que não retrate toda a elite, aliás, nunca foi essa a sua intenção, os critérios de inclusão na obra - consequentemente, os de exclusão - não levam em consideração somente a capacidade intelectual dos biografados, perfilando literatos, jornalistas, juristas, oradores, entre outros, mas também de políticos, reforçando o elemento de distinção social por condição de notoriedade como qualidade de pertencimento a uma elite (BORRALHO, 2010, p. 36).

Essa citação de Borralho (2010) nos leva a tecer alguns comentários com relação à Belarmino de Mattos. Primeiro, que ele não se enquadra em nenhuma dessas categorias expressas pelo autor, como jornalista, apesar de ter alguns escritos publicados na imprensa, não podemos restringi-lo ao exercício dessa profissão, portanto, o enquadraremos na categoria “entre outros”. Segundo, apesar de não fazer parte de uma “elite política” no oitocentos, pertencia a uma elite de homens que contribuíram para formar um pensamento sobre a *Athenas* a partir das suas atividades como tipógrafo. Terceiro, pela análise nas matérias publicadas nos jornais *A Imprensa* e *O Publicador Maranhense*, podermos afirmar que a presença de Belarmino na obra de Henriques Leal se deu pelas relações de amizade, assim como no âmbito profissional e em recorrência de concepções político-partidárias na medida em que ambos militavam no partido liberal, defendendo a autonomia da província maranhense

e a valorização dos deputados junto à Assembleia Nacional, assumem ainda, o movimento em prol da classe dos tipógrafos, a partir da Associação Tipográfica Maranhense.

Foi em Belarmino de Mattos que a Divina Providencia encarnou a ideia da criação da Associação Typografica Maranhense, e ele, purificado na crença de ser útil e com o coração aberto ao esmeril do trabalho, confiou depois esse segredo da sua consciência e *generosa proteção, ao seu amigo, o ilustrado Dr. Antonio Henriques Leal*, e o incumbiu da confecção dos Estatutos, de acordo com as bases que lhe apresentara” (REVISTA TIPOGRÁFICA, n. 12, 26 jul/1908, p. 1 grifo nosso).

É necessário enfatizar que essa investigação configura-se no campo da história cultural, centrada nos fundamentos de Certeau (1994), Burke (2000), Chartier (1998), Barros (2003), dentre outros, que contribuem teórica e metodologicamente com os estudos e as pesquisas que tem como foco as práticas dos sujeitos (bibliotecários, editores, tipógrafos) e os espaços de sociabilidade ou os lugares de memória, como bibliotecas, gabinetes de leitura, arquivos; trabalhos que são levados a efeito pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e das Práticas Leitoras (NEDHEL), especificamente, investigações sobre a história do livros, da imprensa periódica e das bibliotecas.

A História Cultural⁶ é um campo historiográfico que se torna mais evidente nos anos iniciais do século XX. É opulenta ao abrigar diferentes possibilidades de tratamento, por vezes, antagônicas. Entendida como uma história que não está limitada a analisar apenas a produção cultural literária e a artística, ela ultrapassa as fronteiras da cultura popular.

Peter Burke (2000) trata sobre a origem da história cultural em torno de 1800, ao descrever sobre as mudanças ocorridas nessa área, por meio de obras das gerações, as lacunas e a elevação a estudos culturais:

Nessa época, a ideia de uma história geral da cultura e da sociedade já se havia sido estabelecida em alguns círculos intelectuais, pelo menos de Edimburgo a Florença, de Paris a Göttingen. Na geração seguinte, esse estilo de história seria marginalizado com a ascensão de Leopold von Ranke, no início do século XIX, e da história política, narrativa baseada em documentos associada a ele e a sua escola.

Não quer dizer com isso que a história cultural desapareceu por completo do século XIX. A concepção de Jules Michelet da história foi ampliada o bastante para incluir a cultura (em particular no volume sobre o Renascimento francês). O mesmo se aplica, na verdade, à Ranke. Sua *History of England* (1859-68), concentrada no

⁶ Sobre a explicação da constituição da história cultural, Peter Burke esclarece: “Não há concordância sobre o que constitui a história cultural, menos ainda sobre o que constitui a cultura. Há mais de quarenta anos, dois estudiosos americanos começaram a mapear as variações do emprego do termo em inglês e reuniram mais de duzentas definições concorrentes. Levando-se em conta outras línguas e as últimas quatro décadas, seria fácil reunir muito mais. Portanto, na busca do nosso tema talvez fosse adequado adaptar a definição de homem dos existencialistas e dizer que a história cultural não tem essência. Só pode ser definida em termos da nossa própria história”. BURKE, Peter. *Variedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 13.

século XVII, abriu espaço para uma história da literatura da época. Entre os estudos dedicados à cultura, incluem-se as palestras de François Guizot sobre “General History of Civilization in Europe” (1828) e a “History of Civilization in France” (1829-32), que passaram por várias edições em francês e outras línguas. O estudo clássico de Jacob Burckhardt, “The Civilization of the Renaissance in Italy” (1860), foi muito apreciado nos fins do século XIX, embora atraísse relativamente pouca atenção na época da publicação. No mundo da língua alemã, a importância da história cultural e a maneira como se deveria escrever a história cultural continuaram sendo temas de debate. Tem-se dito que, em fins do século XIX, a reafirmação da fidelidade à tradição da história cultural era um meio de manifestar oposição ao regime pós-1871.

Contudo, o século XIX testemunhou uma extensa lacuna entre história cultural, basicamente abandonada à história amadora e profissional, e história ‘positivista’, cada vez mais interessada em política, documentos e ‘fatos concretos’. Apesar das mudanças ocorridas na última geração, entre elas a elevação de ‘estudos culturais’ à respeitabilidade acadêmica, talvez ainda seja cedo demais para dizer que essa lacuna foi preenchida.

Um caminho para uma compreensão da diferenciação da mudança da história cultural ao longo do tempo é apontado por Barros (2003). Segundo esse teórico, os historiadores do século XIX ficavam à margem das manifestações culturais que se referiam à cultura popular e ignoravam que qualquer objeto material produzido pelo homem também fizesse parte da cultura (ou mais especificamente, da cultura material), possivelmente, seria o que Burckhardt⁷ se referiu como a “alta cultura”. Mas, considerando que toda vida cotidiana está inserida no mundo da cultura, uma vez que o indivíduo, ao existir produz cultura automaticamente por meio da comunicação. Nesse caso, Belarmino de Mattos, ao atuar na tipografia maranhense como impressor, editor, defensor da profissão de tipógrafo, também produziu cultura.

Barros (2003) por sua vez, conceitua a História Cultural como o campo de saber historiográfico atravessado pela noção de cultura que é “um conceito extremamente polissêmico”, isto é, de muitos significados. No entanto, para este estudo monográfico, adotaremos o conceito de cultura de Clifford Geertz⁸ por ser o mais citado entre os estudos referentes à história cultural de acordo com Burke, “o antropólogo que inspirou a maioria dos

⁷ Jacob Christoph Burckhardt (1818-1897) foi um historiador da arte e da cultura suíço. Professor de história da arte na Universidade de Basileia e na Universidade de Zurique. Escreveu importantes obras nas áreas da história cultural e história da arte.

⁸ Clifford James Geertz (1926-2006) foi um antropólogo estadunidense, professor emérito da Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, nos Estados Unidos. Seu trabalho no "Institute for Advanced Study" de Princeton se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico. *A Interpretação das Culturas* mostra a visão de Geertz sobre o que é cultura, que papel esta desempenha na vida social e como deve ser estudada, numa tentativa de esclarecimento sistemático do próprio conceito cultural em suas relações com o comportamento real de indivíduos e grupos.

historiadores culturais da última geração, especialmente nos Estados Unidos” (BURKE, 2008, p. 51).

Geertz (1989, p. 89) trabalhou em seu livro *A interpretação das culturas*, o que ele chamou de “descrição densa” na qual define cultura como:

um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas de formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, se perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida.

Pesavento (2012) também apresenta a história cultural com base em autores em um estudo intitulado *Arqueologia da História Cultural*, descrição semelhante ao que Burke (2008) realizou em *O que é a História Cultural?* Essa autora remete seu estudo à antropologia cultural, para sustentar o que seria a arqueologia da história cultural, à semelhança com o trabalho de Burke (2008), uma vez que ele também recorre à antropologia para explicar esta teoria, fazendo referência à noção de alta e baixa cultura para alargar as temáticas da história cultural:

[...] história cultural é um ‘conceito vago’. Em geral, é usado para se referir à ‘alta’ cultura. Foi estendido ‘para baixo’, continuando a metáfora, de modo a incluir a ‘baixa’ cultura ou cultura popular. Mais recentemente se ampliou para os lados. O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Numa geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2008, p. 44-45).

À medida que Burke (2008), ao referir-se a esse conceito, explica a relação dos teóricos com a história cultural, é possível observar o desdobramento dessa teoria ao longo dos tempos e como ela, mesmo não apresentando uma definição precisa na sua visão, faz uso de outros conceitos como o de “cultura” para ser melhor compreendida. Ao remeter-se aos estudos de Burkrhardt sobre a cultura, observamos a explicação da necessidade de expansão dos temas estudados pela cultura, aqui dividida em “alta” cultura e “baixa” cultura, para que pudesse incluir novos temas do estudo da história cultural relacionados aos artefatos e às práticas, como a ação de Belarmino de Mattos na tipografia maranhense no oitocentos.

Mas, afinal, o que estuda a história cultural? Duby (1990, p. 147), mostra que a história cultural “se propõe observar no passado, entre os movimentos de conjunto de uma civilização, os mecanismos de produção dos objetos culturais”. Sobre isso, Barros (2003) acrescenta, que além dos mecanismos de produção de objetos culturais, ela também enfoca os mecanismos de recepção e cita o livro como exemplo, pois, o autor, ao escrevê-lo está

exercendo a função de produtor cultural e o leitor desse livro, ao ler, está produzindo cultura porque cada leitor recria o texto original de uma nova maneira, assim, a leitura é uma prática criadora. Ele ainda descreve que “uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constituiu no momento da recepção” (BARROS, 2003, p. 146).

Os eixos da história cultural são os objetos culturais, os sujeitos, as práticas, os processos e os padrões, sendo o foco de interesse dos estudos de parte dos historiadores culturais do século XX. Ainda sobre o objeto de estudo dessa teoria, Chartier (1988, p. 16-17) referencia como principal objetivo “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Para isso, aponta caminhos: um deles é sobre as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreensão do real. Para ele, existem variáveis consoantes às classes sociais ou aos meios intelectuais, que são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo, a exemplo dos tipógrafos que gravitavam em torno da Associação Tipográfica Maranhense, idealizada por Belarmino de Mattos em 1857.

Outro se refere à percepção do social que, segundo Chartier (1988), não há discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas, sejam elas culturais, políticas e escolares que tendem a impor uma autoridade à custa de pessoas, de forma a legitimar um projeto. Nesta monografia, em prol da arte tipográfica na província do Maranhão, no período entre 1840 a 1870.

Para descrevermos o percurso do tipógrafo Belarmino de Mattos, da imprensa no Maranhão, nos valem, também, dos fundamentos teóricos e metodológicos do método prosopográfico ou análise de biografia que tem sido adotado como uma das técnicas do pesquisador da história.

A prosopografia é usada como uma ferramenta com a qual se atacam dois dos mais básicos problemas na história. O primeiro refere-se às origens da ação política: o desvelamento dos interesses mais profundos que se considera residirem sob a retórica da política; a análise das afiliações sociais e econômicas dos agrupamentos políticos; a revelação do funcionamento de uma máquina política e a identificação daqueles que manipulam os controles. O segundo refere-se à estrutura e à mobilidade sociais: um conjunto de problemas envolve a análise do papel na sociedade, especialmente as mudanças nesse papel ao longo do tempo, de grupos de status específicos (usualmente da elite), possuidores de títulos, membros de associações profissionais, ocupantes de cargos, grupos ocupacionais ou classes econômicas; um outro conjunto de problemas refere-se à determinação do grau de mobilidade social em determinados níveis por meio de um estudo das origens familiares (sociais e geográficas), dos novatos [recrutados] de um certo status político

ou posição ocupacional, o significado dessa posição em uma carreira e o efeito de deter essa posição sobre as fortunas da família; um terceiro conjunto de problemas lida com a correlação de movimentos intelectuais ou religiosos com fatores sociais, geográficos, ocupacionais ou outros. Assim, aos olhos de seus expoentes, o propósito da prosopografia é dar sentido à ação política, ajudar a explicar a mudança ideológica ou cultural, identificar a realidade social e descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos em seu interior. Inventada como um instrumento da história política, ela é agora crescentemente empregada pelos historiadores sociais (STONE, 2011, p.115-116).

Para a aplicação dessa técnica, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos a partir do levantamento das fontes bibliográficas correntes e/ou retrospectivas como: livros, artigos que tratam de Belarmino de Mattos, tais como: Leal, Borralho, Braga, Hallewell, dentre outros.

Em seguida, realizamos a pesquisa documental tomando como referência o Fundo⁹ sobre a Associação Tipográfica Maranhense, no Arquivo Público do Estado do Maranhão, o que nos possibilitou compreender o movimento associativo e político de Belarmino de Mattos a favor da categoria dos tipógrafos no oitocentos. Em seguida, recorreremos à imprensa periódica, a exemplo dos jornais *Imprensa* (1857), *O Paiz* (1870), *A Coalizão* (1862) e o *Publicador Maranhense* (1842), selecionados por serem fontes bibliográficas que fazem referência a Belarmino de Mattos.

Um dos documentos relevantes neste estudo foi a *Revista Tipográfica Maranhense* publicada pelo Órgão das Classes Gráficas do Maranhão, impressa nas oficinas do Diário do Maranhão. Ela começou a circular em de outubro de 1907, com periodicidade bimensal, e, provavelmente, parou de circular em fevereiro de 1914. Destacamos, dentre as suas várias edições, o número 40, de 1907, dedicada exclusivamente a Belarmino de Mattos.

A partir dessas fontes - bibliográficas e documentais - estabelecemos as seguintes categorias as serem tratados sobre o *Didot Maranhense*, conforme indicação de Stone (2011), a exemplo: nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, experiências profissionais e movimentos políticos, ou seja:

Os vários tipos de informações sobre [...] [Belarmino de Mattos], combinados e examinados em busca de variáveis significativas. [...] [foram] testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação [do referido tipógrafo maranhense].

⁹ Em arquivologia ou arquivística, “Fundo” refere-se a um conjunto de documentos, independente de sua forma ou suporte, organicamente produzido e/ou acumulado e utilizado por um indivíduo, família ou entidade coletiva no decurso das suas atividades e funções.

A partir do uso dos fundamentos teóricos e metodológicos da história cultural e do método prosopográfico, por entendemos que ainda necessitamos um maior aprofundamento no método, optamos por incluir, no decorrer desta pesquisa, extratos das fontes pesquisadas e de outras imagens, como forma de contribuir para uma melhor compreensão sobre a ação de Belarmino de Mattos, como um dos mais importantes tipógrafos do século XIX e que, por meio de da sua habilidade profissional, permitiu ao Maranhão ocupar posição relevante e de destaque na arte da impressão brasileira no oitocentos.

Esta monografia se encontra estruturada em três seções. Na primeira, traçamos na introdução os aspectos que motivaram a realização do estudo, o problema e os objetivos (geral e específicos) que orientam a investigação, que teve como processo metodológico a história cultural e o os fundamentos do método filosófico. Na segunda seção, investigamos a história da imprensa, com especial relevo para o Maranhão, com a finalidade de situar o *lócus* em que Belarmino de Mattos exerceu suas atividades como tipógrafo. Na terceira, tratamos, mais detidamente, do objeto central do estudo, a trajetória de Belarmino de Mattos, buscando adentrar suas principais incursões pelo campo da tipografia e seu envolvimento na criação da *Sociedade Tipográfica Maranhense* (1817). Nesse contexto, abordamos, ainda, o processo judicial em que ele foi acusado de apropriação indevida do patrimônio do padre Domingos da Rocha Viana, de forma que a abordagem segue até 1870, quando se deu o falecimento de Belarmino. Nas considerações finais, retomamos os principais pontos que esta pesquisa de fins monográficos abrangeu, assim como apontamos possíveis desdobramentos e indícios para futuras investigações que ela suscita.

2 A SOCIEDADE E A REVOLUÇÃO DA NOVA ARTE

Após o início do período renascentista, as cidades iniciaram um processo de crescimento populacional e cultural, por volta de 1450. Os conflitos políticos eram comuns. Senhores abastados, os políticos e líderes religiosos da época financiavam grandes obras de arte e arquitetura. A intervenção dos turcos que impediam o acesso pelas vias terrestres para as Índias e o Extremo Oriente ocasionou alterações das rotas de aquisição das especiarias, o que os obrigou a financiar as grandes navegações. A partir das novas descobertas, da geografia da terra, o ser humano começa a vislumbrar a verdadeira natureza das coisas e não mais de maneira sobrenatural. O princípio do humanismo se dá na Renascença¹⁰.

A Renascença foi o período do “renascer do conhecimento”. Havia uma fascinação pelos artefatos, arquitetura, os idiomas da antiga Grécia e Roma, a arte, a música, o teatro, a filosofia e a medicina. É nesse contexto que nasce a indústria da impressão dos livros, dando um salto na capacidade humana de difundir a palavra escrita, nesse contexto nasce a prensa de tipos móveis. Para Hallewell (2012, p. 34), “[...] esse meio século entre o medievo para os tempos modernos suscitou o descobrimento, a conquista das Américas e o estabelecimento do Estado que patrocinou e explorou essa descoberta”.

Johanes Gutenberg, mestre ourives, por volta de 1450, foi o criador dos tipos móveis, em metal desenvolvido e fabricado por ele, com uma liga de chumbo, estanho e antimônio. Habilmente, ele também modificou uma prensa utilizada na produção de vinhos para uma prensa gráfica. Obter letras já não pela escrita à mão, mas estampadas por cunho de caracteres feitos em metal somente foi possível porque Gutenberg inventara um processo para fundir uma quantidade sem limite de letras a partir de moldes das letras-mãe, chamadas matrizes, o que tornou possível aproveitar muito mais vezes os tipos que anteriormente eram produzidos em madeira e tinha menor durabilidade. Essa invenção foi o divisor de águas no que se refere à difusão de material impresso.

¹⁰ *Renascença, Renascimento* ou *Renascentismo* são os termos usados para identificar o período da história da Europa aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI. Os estudiosos, contudo, não chegaram a um consenso sobre essa cronologia, havendo variações consideráveis nas datas conforme o autor. Apesar das transformações serem evidentes na cultura, na sociedade, na economia, na política e na religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma evolução em relação às estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências.

O mecanismo era composto por uma alavanca que fazia pressão sobre as letras tingidas de tinta que, ao entrarem em contato com o papel, faziam a impressão, aparentemente simples, mas com uma capacidade de produção nunca antes conseguida.

Figura 1 - Fontes móveis de metal e de madeira



Fonte: <<http://tipografos.net>>

A tipografia exerceu um papel relevante na Revolução Francesa. Darnton e Roche, em sua obra *Revolução Impressa: a imprensa na França (1775-1800)*, a implicam como um “ingrediente” dos acontecimentos e não apenas como “registro” da história. Segundo os autores “a prensa tipográfica ajudou a dar forma aos eventos, teve uma força ativa na disputa de poder e do domínio da opinião pública”.

Man (2002, p. 17-19) descreve o prelo de tipos móveis, invenção de Gutemberg, como o fruto, não de um “gênio” dedicado a modernizar o mundo, antes, porém, seria o esforço de um comerciante muito intuitivo que vira a possibilidade de ser o primeiro a ganhar muito dinheiro com o “imenso mercado continental” controlado pela Igreja Católica.

Figura 2 - Prelo de tipos móveis de Gutemberg



Fonte: <<http://prelo.incm.pt>>

Ainda segundo Man, por volta de 1400, “a igreja controlava os meios de comunicação, por meio dos escribas (para a palavra escrita) e dos padres (para a transmissão oral)”. A igreja era tão rica quanto se podia imaginar, “com os pecados que a abundância e os privilégios trazem”.

[...] no caso específico do ramo gráfico, houve outro impacto: **o mercado explodiu**, a **demanda cresceu** em todas as direções pelas razões políticas que se conhecem. Centenas de folhetos, livretos e panfletos, bem como quase duzentos novos jornais diários foram lançados em 1789. Ainda que o negócio dos livreiros convencionais tenha tido uma queda repentina em comparação com o *boom* desses outros produtos efêmeros, os anos revolucionários mesmo assim **viram amadurecer uma nova sensibilidade** em relação à palavra escrita. O povo queria ser informado. A **liberdade de imprensa era, ao mesmo tempo, o meio e a expressão da democracia** (DARNTON; ROCHE, 1996, p. 156).

Percebemos que, se com o advento da escrita (4000 a.C.), o homem havia dado um salto em sua evolução intelectual, a invenção da prensa e os tipos móveis de Gutemberg transformaram por completo a maneira de como se disseminavam as informações e ideias de então. A igreja que antes detinha o poder de controlar e distribuir esse conhecimento unicamente por meio de seus copistas, havia ganhado um concorrente bem ágil e capaz de reproduzir mais e com muito mais perfeição os impressos que circulavam. Não por acaso, a invenção foi comparada à “coisa do diabo” e sofreu grande pressão para que deixasse de existir. Era uma luta pelo poder do conhecimento, um poder que, até os nossos dias ainda é extremamente disputado.

2.1 O alvorecer da imprensa no Brasil

A história da imprensa no Brasil está diretamente relacionada à chegada da família real portuguesa em 1808, quando, ao aportar no Rio de Janeiro traz o maquinário necessário para a instalação da Imprensa Régia¹¹. Essa, sem dúvida, foi uma das mais importantes ações decorrentes da vinda da Corte para os trópicos, na medida em que possibilitou uma ampla e consistente produção e circulação de ideias. Convém ressaltar que, em 1747, foi instalada em terras brasileiras, a primeira oficina tipográfica que se tem notícia, pelas mãos de António Isidoro da Fonseca, que publicou os primeiros livros impressos no Brasil localizada no Rio de Janeiro, a tipografia foi fechada no mesmo ano por ordem da Corte Portuguesa. As poucas obras produzidas por Isidoro constituem os mais antigos livros impressos no Brasil. Apesar disso, a atuação deste tipógrafo foi interrompida com a ação censora da Coroa Portuguesa ao instituir a Resolução do Conselho Ultramarino e uma Ordem Régia, em 10 de maio de 1747, por meio das quais ordenam sequestrar todas as letras de imprensa que fossem encontradas no Estado do Brasil, frustrando, assim, seus objetivos.

Dentre os muitos benefícios que trouxe a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, destaco duas medidas que me parecem da maior importância: a abertura dos portos e a instalação da Imprensa Régia, duas janelas que abriram o Brasil para o mundo, do ponto de vista econômico e cultural (MINDLIN, 2010, p. 19).

Se, em princípio, os jornais foram publicações privilegiadas, em seguida, foram sendo impressos outros artefatos, como os livros dedicados à literatura, assim como, de forma bastante profícua, os destinados às escolas.

Enfim, as publicações no Brasil, até 1821, tinham a tutela e a vigilância da Coroa Portuguesa, portanto, a cultura impressa brasileira, na sua origem, estava circunscrita a um espaço geográfico, o Rio de Janeiro, capital do Reino.

Os primeiros jornais impressos no Brasil foram: *A Gazeta do Rio de Janeiro*, no Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808, seguido pelo *Idade D'Ouro do Brasil*, na Bahia em 1811, a seguir surge o *Aurora Pernambucana*, em Pernambuco de 1821, nesse mesmo ano nasce *O Conciliador do Maranhão*¹² na Província do Maranhão.

¹¹ A Imprensa Régia foi instalada na Corte desde 1808 até 1822. Em 1817, passou a chamar-se “Real Officina Typographica”, simplificando-se para “Régia Typographia” no início de 1821. Nesse mesmo ano, por decreto dos liberais no poder em Portugal, torna-se a “Typographia Nacional” (HALLEWELL, 2012).

¹² Jornal posto em funcionamento a partir do recebimento do prelo “Columbia”, importado da Inglaterra pela *Tipografia Nacional Maranhense*, em 15 de novembro de 1821, passando a se denominar *Tipografia Nacional Imperial*, a partir de 1822, a qual se estabeleceu no térreo da Casa da Relação (prédio do antigo Colégio dos Jesuítas), onde funciona o hospital da Santa Casa de Misericórdia.

2.2 Os primórdios da tipografia no Maranhão

O Maranhão vivia um sensível momento político. Galves (2015) aponta que as atividades tipográficas nessa província têm seu início em meio a um “[...] intenso debate de ideias entre os indivíduos e o poder da Coroa”, frequentes embates políticos por conta das posições contrárias ao movimento da independência. Tais embates ganhavam ruas e praças, emoldurados por folhetos, panfletos e periódicos.

Os primeiros artefatos da arte de imprimir chegam ao Maranhão em 1821, importados de Portugal, com o objetivo de imprimir o *Conciliador do Maranhão*. Foi a partir do funcionamento da Tipografia Nacional Maranhense que emergiu toda uma plêiade de tipógrafos que colocaram o Maranhão do oitocentos no cenário nacional da arte de imprimir

A esse respeito, Braga (2015, p. 63) afirma que:

Quanto à tipografia no Maranhão, não restam dúvidas que o trabalho de composição e impressão de *O Conciliador* foi o marco inicial das atividades da Tipografia Maranhense, e sua primeira edição impressa, o número 35, datado de 10 de novembro daquele ano, por ter saído com atraso, gerou controvérsias a respeito da data de início das atividades tipográficas no Maranhão.

As tipografias maranhenses utilizavam máquinas oriundas da Europa e dos Estados Unidos, como os prelos *Storm-Águia* “[...], o que contribuiu para que a Província do Maranhão fosse reconhecida na arte da impressão em nível nacional”, como afirma Hallewel (2012, p. 182), “Em meados do século XIX, a produção de livros, como manifestação incidental da prosperidade maranhense, alcançou um alto padrão de excelência técnica e estética e volume suficiente para novamente chamar a atenção para as edições provinciais”.

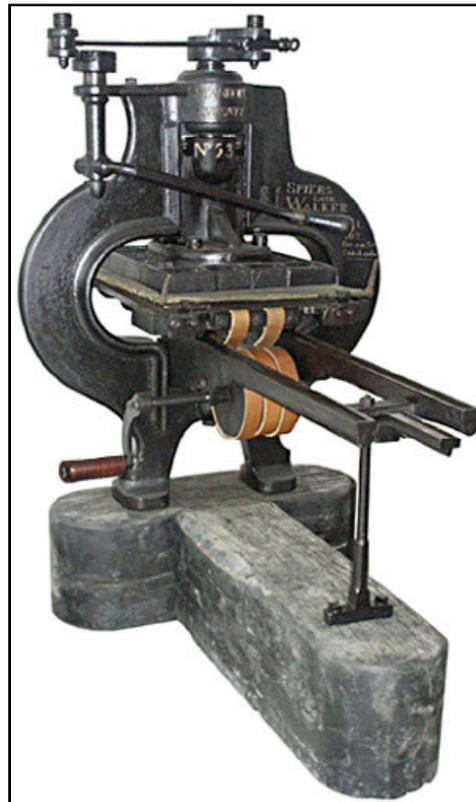
A primeira máquina tipográfica instalada no Maranhão chegou em 31 de outubro de 1821. Ela foi importada da Europa por ordem do, então, Governador Provisório Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca com o objetivo de compor a oficina que publicava o *Conciliador do Maranhão*, um prelo de ferro fundido, modelo *Águia*.

Figura 3 – Prelo Águia



Fonte: Imprensa Nacional (online).

Figura 4 - Prelo metálico Stanhope



Fonte: Tipografos.net (online)

Segundo Jorge (2008, p. 31), o Maranhão foi a 4ª província a possuir um jornal impresso no Brasil, pois em 1821, circulou *O Conciliador do Maranhão*¹³, cujos 34 primeiros números ainda foram manuscritos. Tinha o formato de uma folha de papel almaço, depois, em sua versão tipográfica, possuía duas colunas. Os objetivos que norteariam as ações de seus publicadores, figuram em primeira página desde seu primeiro número.

Figura 5 – Página frontal d’*O Conciliador do Maranhão*



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite

¹³ O jornal *O Conciliador do Maranhão*, a partir da edição nº 77, de 6 de abril de 1821, passou a se chamar *O Conciliador*.

A respeito da capa do jornal *O Conciliador do Maranhão*, que, apesar de estar parcialmente comprometida em função do tempo e uso, observamos que os tipógrafos tinham uma atenção especial à questão da elegância na disposição dos títulos, tipos, alinhamentos, entre outros, evidencia uma preocupação com a estética do produto final impresso.

Os objetivos registrados na primeira página d'*O Conciliador do Maranhão* (1821) explicitavam que os grandes acontecimentos políticos das nações deviam algum dia entrar nas páginas da história, precisando “[...] ser minutados por testemunhas contemporâneas e desinteressadas, a fim de que a posteridade [pudesse] avaliar o mérito ou demérito dos seus cooperadores”, constituindo-se este o fim último do trabalho dos conciliadores. (CASTELLANOS, 2017, p. xx)

Conforme explicita Jorge (2008), o real propósito da criação de d'*O Conciliador* era apaziguar os ânimos entre brasileiros e portugueses nas discussões acerca da Carta Magna, base constitucional portuguesa de 1821. Contudo, o periódico não apenas contrariou seus objetivos, como foi vetor de grande discórdia entre os apoiadores do governo e seus opositores, pois fazia críticas pesadas, com linguagem violenta e pouco civilizadas que, por vezes, atingia, inclusive, pessoas de bem (JORGE, 2008).

Portanto, a imprensa constitui-se no “[...] facho da discórdia que, para logo, dividiu brasileiros e portugueses em dois campos inimigos, não poupando sarcasmos em injúrias contra aqueles que presumiam desafetos à causa da Independência” (SILVA, 1972, p. 39). É nesse contexto que surgem os *Pasquins* que assustaram São Luís nas décadas de 1830 e 1840, jornais do tamanho de um papel ofício ou dobrado ao meio, impressos em duas colunas e, muitas vezes, jogados por debaixo das portas das residências nas altas horas da noite. “O conteúdo explodia em ironias, paródias, versos, quadrinhas, sátiras, chistes e, tudo com um só sentido, decompor o adversário, invadir a privacidade, sem pena nem piedade” (JORGE, 1998, p. 65).

Na sessão seguinte, apresentamos Belarmino de Mattos, procurando para essa tessitura, recorrer aos indícios, vestígios e sinais (GINZBURG, 2002) coletados, considerando que não há, de maneira mais completa, um texto que aborde de maneira consistente e significativa, a vida desse tipógrafo maranhense. Para tanto, nos valem de observações sobre ele realizadas por Hallewell (2012) e por Henriques Leal na obra *Pantheon Maranhense* (1874), sendo este último o trabalho mais completo que se tem conhecimento sobre Belarmino, como evidenciamos na introdução.

3 BELARMINO DE MATTOS: do nascimento ao seu encontro com a tipografia

Belarmino de Mattos nasceu no povoado de Axixá, que pertencia à Vila de Icatu, uma das regiões mais antigas do Maranhão¹⁴, fundada no século XVII sob a denominação de “Arraial de Santa Maria de Guaxenduba”, torna-se um importante centro econômico e político da região do Rio Munim.

Figura 6 - Gravura de Belarmino de Mattos



Fonte: Viveiros (1953).

Nas primeiras horas do dia 24 de maio de 1830, nasce Belarmino de Mattos, do ventre de Dona Silvina Rosa Ferreira, o historiador Henriques Leal não identifica seu pai, de onde é possível deduzir que fosse filho de mãe solteira. Isso significava para ela, viver com sua prole estigmatizada e, por conseguinte pobre e que por necessidade de sobrevivência, os filhos deveriam aprender um ofício mecânico, que garantisse uma profissão no futuro.

¹⁴ A Vila de Icatu, inicialmente, se chamou “Arrayal de Santa Maria de Guaxenduba”, denominação dada pelo seu fundador Jerônimo d’ Albuquerque Maranhão. Adquiriu categoria de cidade em 1924. Segundo Varnhagen, o topônimo “Icatu” ou “Hycatu” significa “Pontes Boas”. Já Ayres Casal a traduz por “Águas Boas”.

Aos seis anos, a mãe de Belarmino deixa a cidade natal rumo à capital da província, fugindo da Balaiada¹⁵ e também com a finalidade de oferecer o acesso à instrução que oportunizasse uma vida mais confortável para sua prole. Quando da sua chegada na capital da Província, o método mútuo¹⁶ de aprendizado era o estimulado pelo governo para o ensino das primeiras letras. Era ministrado em 44 salas, com maior incidência na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Segundo Leal:

Aos sete anos de idade entrou Belarmino para a para escola pública de instrução primária da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, regida então pelo Sr. Alexandre José Rodrigues que, apesar de bastante idoso, não se despediu ainda de todo da função d'educador (LEAL, 1957, p. 230).

A escola do Prof. Alexandre José funcionava em sua residência onde ministrava, para meninos, a leitura, a escrita e as quatro operações matemáticas de modo que pudessem exercer alguma atividade profissional ou, àqueles de maiores posses, adentrarem ao Liceu Maranhense, instituição criada pela Lei n. 77, de 24 de julho de 1838. Além dessas aulas, Alexandre atuou como professor no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, de Antônio Joaquim Gomes Braga, onde Belarmino estudou.

Com tres annos de assidua applicação tinha-se Bellarmino habilitado para passar por um exame de instrucção primária, limitada, como era, a poucas materias, e em que foi approved plenamente.

Sabendo aos dez annos ler e escrever correntemente, cuidou sua mãe em applical-o a uma arte mechanica, e para isso meteu-o em 1840 de aprendiz na *Typographia da Temperança*, de que era proprietario Manoel Pereira Ramos (REVISTA TYPOGRAPHICA, n.8, p.6).

Diante do movimento da imprensa no Maranhão, havia uma forte inclinação dos pais em alocarem seus filhos para aprenderem o ofício de tipógrafo. Diferente de outros meninos

¹⁵ Sobre a *Balaiada*, consultar as obras de José Ribeiro do Amaral e Astolfo Serra.

¹⁶ O *Método Lancaster*, também conhecido como “Ensino Mútuo” ou “Monitorial”, tinha como objetivo ensinar um maior número de alunos, usando pouco recurso, em pouco tempo e com qualidade. Foi criado por Joseph Lancaster, quaker inglês, influenciado pelo trabalho do pastor anglicano Andrew Bell. Contudo, Lancaster amparou seu método no ensino oral da repetição e memorização, pois acreditava que esta dinâmica inibia a preguiça, a ociosidade, e aumentava o desejo pela quietude. Nesta metodologia não se esperava que os alunos tivessem *originalidade* ou *elucubração intelectual* na atividade pedagógica, mas disciplinarização mental e física. Diante do problema da falta de professores, e da necessidade de ensinar para a massa, a solução veio com o elemento monitor. Estes eram alunos mais adiantados que recebiam, separadamente, orientações de um único professor e depois repassavam para os demais, os mais jovens, em números de dez, *os decúrias*. Nesse processo, um único professor era capaz de lecionar, ao mesmo tempo, para um grupo imenso de alunos. Por se tratar de um ensino para uma quantidade gigantesca de alunos, com objetivos voltados para formação e controle social, as aulas eram organizadas de forma a seguir uma ordem metodológica e espacial. Eram ministradas em um ambiente retangular, sem nenhum tipo de divisão, onde os alunos ficavam enfileirados, sentados um atrás do outro e a mesa do professor ficava em um ponto mais alto de onde podia visualizar todo o ambiente. Nenhum aluno poderia chegar-se a ele, somente os monitores, para receberem informações e repassarem aos demais. Para que todo o processo funcionasse, o procedimento de estímulo foi superior ao do castigo, instituindo uma nova forma de pensar a disciplina escolar.

que aprendiam a ler através dos jornais, Belarmino de Matos, ao adentrar esse ambiente, já dominava os fundamentos ensinados na instrução primária. A esse respeito, Frias descreve que na tipografia maranhense “A educação intelectual começa, com poucas exceções, por virem aprender a ler na tipografia. [...] [às vezes] não com o fim de aprender uma arte da qual deseja ser oficial, mas para começar logo a ganhar dinheiro” (FRIAS, p. 22). Certamente foi esse um dos motivos pelos quais D. Silvina o colocou como aprendiz na oficina da *Tipografia da Temperança*, de propriedade de Manuel Pereira Ramos.

A *Tipografia da Temperança* integrava um conjunto de empreendimentos para publicação de textos no Maranhão no oitocentos. A primeira foi a *Tipografia Nacional Maranhense* fundada em 1821, o governador Bernardo da Silveira nomeia Antônio Marques da Costa Soares como diretor da tipografia, e este, através da Portaria nº 405, de 13 de novembro deste ano, nomeia uma comissão para a administração da tipografia, sendo José Leandro da Silva, Lázaro Antônio da Silva Guimarães, presidente da comissão e tesoureiro, respectivamente e que todas as despesas fossem custeadas pelos cofres da Fazenda.

Devido à escassez de mão de obra qualificada para colocarem o empreendimento em funcionamento, foram contratados de Portugal: Francisco José Nunes Cascaes (compositor); Francisco Antônio da Silva (impressor); Antônio Pedro Nolasco (impressor) e Antônio da Silva Neves (garde e servente de oficina), que, de acordo com Marques (p. 864), formam o quadro dos primeiros operários do progresso e da luz da civilização. Nesse aspecto afirma Castellanos (2017)

No Maranhão, a imprensa emerge a partir do movimento denominado de Revolução Liberal e Constitucionalista do Porto (ou somente Revolução do Porto), em 1820 – em meio a diversas reivindicações políticas. Tal movimento originou-se na cidade do mesmo nome e espalhou-se por toda Portugal até alcançar Lisboa, conquistando nessa trajetória o apoio da burguesia, do clero, da nobreza e do exército como reação ao decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas (1808). Decreto no qual se transferia o monopólio comercial dominante durante quase três séculos a outros países, sobretudo à Inglaterra, deslocando-se parte significativa dos recursos econômicos da Metrópole e proibindo-se durante esse longo período tanto a edição e a produção de impressos brasileiros (livros, jornais, panfletos), como a sua circulação e consumo, sempre que não fossem licenciados pelo Desembargo do Paço (CASTELLANOS, 2017, p.72-77).

Essa tipografia, de novembro de 1821 a julho de 1823,

[...] prioritariamente publicou *O Conciliador*, depois desse período imprimia também documentos oficiais e outros folhetos de vida efêmera como a *Palmatoria Semanal* e os primeiros livros impressos no Maranhão *Tratado de moral para o gênero humano*, tirado da filosofia e fundado sobre a natureza por Mr. De Salis. Modo de curar a diarreia de sangue para uso dos lavradores e mais pessoas que vivem longe da cidade e Memória sobre a necessidade de abertura do furo (LOPES, p. 22).

Até 1830 foi essa a única casa tipográfica em São Luís, quando Clementino José Lisboa funda a *Tipografia Constitucional*, “Data que marca o crescimento do número de tipografias. Esse crescimento foi de tal ordem que, em dez anos, essa indústria expandiu-se em demasia e uma concorrência feroz acarretou um declínio dos padrões artesanais” (HALLEWELL, p. 187).

O movimento da indústria gráfica foi crescente, de tal forma que,

A partir de 1830 contou S. Luís, muitas outras tipografias e algumas se destacaram por melhoramentos que introduziram nas artes gráficas no Maranhão: a Tipografia Monárquica Constitucional, de Francisco de Salles Nunes Cascaes, que, em 1840 ou 1843, tendo indo a Europa, trouxe de lá pelos franceses e outras novidades; a Tipografia Maranhense [...] a Tipografia Teixeira (LOPES, 1959, p. 22).

Serra (1883, p.21) inclui nesse rol a tipografia d’*O Progresso* (a qual retornaremos adiante), posto que foi nesse espaço que Belarmino de Mattos “por fim tornou-se chefe”.

Depois desse *detour*, Belarmino de Mattos, já com certa experiência na arte de imprimir adquirida como aprendiz na *Temperança*, é contratado por Satyro de Faria, que exerceu forte influência na imprensa maranhense, pela publicação de jornais como a *Malagueta Maranhense*, onde Belarmino de Mattos trabalhava como tipógrafo, recebendo 200 réis por dia, passando a ser provedor de sua família. Com esse valor, que nada contribuía para a sua manutenção, mesmo tendo sido um dedicado empregado, acabou despedido, indo, então, trabalhar nas oficinas de Francisco Salles Nunes Cascaes que também se encontrava com problemas financeiros, sendo obrigado a pagar “as férias dos empregados com vales que não achavam curso no mercado” (FRIAS, 1866, p. 231).

Pelo extrato a seguir, é possível compreender o lugar que Satyro de Faria ocupou na imprensa maranhense, pois *A Malagueta Maranhense* era considerado como “um jornal de má reputação”, conforme aponta Jorge (1998, p. 148).

Figura 7 - A Malagueta Maranhense (1848)



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Tendo como referência as *Memórias da Tipografia Maranhense* de Frias, as dificuldades enfrentadas pelos tipógrafos maranhenses ocorriam pelos seguintes fatores:

- a) valor pago aos impressos quando comparado a outras atividades artísticas;
- b) equipamentos obsoletos;
- c) mão de obra pouco capacitada para o trabalho nos prelos, sendo preciso recorrer à mão de obra escrava e aos jovens aprendizes;
- d) descontinuidade das publicações, principalmente dos jornais que se constituíam na maior demanda das oficinas;
- e) privilégio do governo nos serviços de alguns tipógrafos.

O período em que Belarmino está “perambulando” pelas tipografias corresponde à fase denominada por Frias como de recuo, isto é: de 1821 a 1841, as tipografias estavam em uma fase estacionária; de 1841 a 1848 de recuo; e de 1849 até 1866, fase de avanço. Assim:

A marcha um pouco lenta da tipografia, é ainda, oriunda de outras causas, que tem princípio a falta de justiça de quem pode e deve auxiliar a industria sendo anda maus culpados aqueles que tendo à sua disposição recursos e proteção, que tocava ao escândalo, nunca deram um passo, nunca fizeram um sacrificio em prol d’aquela, que os enriquecia e que por eles era espezinhada. Em todos os países os trabalhos tipográficos, que mais avultam são os administrativos, e no Maranhão, alguns anos atrás, pode-se dizer que eram os únicos que tinham importância. Se estes trabalhos fossem divididos um por cada estabelecimento, é óbvio que o desejo de bem servir para ser preferido ou ao menos contemplado na sua vez traria o melhoramento do trabalho e o desenvolvimento da arte. Estes trabalhos porem, eram monopolizados por quem desprezando a arte, que sempre abastardou, procurava junto à administração tornar-se proprietário deles, fazendo crer, que só e unicamente ele podia fazê-lo (FRIAS, 1866, p. 23).

Figura 8 – Recorte d’*O Progresso* (1847)



Fonte: Acervo da Biblioteca Digital Benedito Leite.

O Progresso foi o primeiro jornal a circular diariamente em São Luís, exigindo, portanto, um empenho dos editores e tipógrafos em manter a produção diária em quatro páginas que continham informações as mais variadas, tanto da Província do Maranhão, como de outros lugares do Brasil ou do Exterior. A partir de 1849, Antônio José da Cruz assume como proprietário e a periodicidade, que antes era de circulação diária, passa ser de três vezes por semana, sob a redação de Carlos Fernando Ribeiro e por José Joaquim Ferreira Vale.

De forte oposição ao presidente da província, Antônio Candido de Moraes Machado, por vingança manda “prender todos os operários para que ingressassem no serviço militar. [...]” (JORGE, 2008, p. 203) e arrombar o prédio onde funcionava a oficina do jornal. Ainda segundo Jorge, Belarmino encabeça o movimento junto com os demais operários, denunciando tais arbitrariedades.

Todavia, os ganhos financeiros de Belarmino não favoreciam o seu sustento e o da sua família, o que exigia várias jornadas de trabalhos extras para aumentar a renda. À noite imprimia orações, santos e outros serviços *menores* “que com cuja venda engrossava o seu salário” (LEAL, 1874, p. 232) e, ao retornar para casa, continuava com as suas tarefas de tipógrafo até a madrugada, posto que

Não havia no mercado papel de impresso no formato do *Progresso*, pelo que era forçoso emendarem-se as folhas. Belarmino, em obséquio ao seu antigo mestre e ora patrão, tomava sobre si esse afanoso encargo e acurvado até alta noite sobre a mesa, não ia procurar o repouso sem que tivesse grudado pelo menos uma resma de papel (LEAL, 1874, p. 232-233).

Segundo Leal, essa atividade noturna não era reconhecida por Antônio da Cruz que mesmo sabendo das suas dificuldades e do seu empenho com a oficina d’*O Progresso*, não facilitava os custos da impressão dos avulsos que Belarmino tomava para si, como meio de

sustento, ao contrário, cobrava-lhe os mesmos valores aplicados a quaisquer outros indivíduos que desejassem fazer uso dos prelos d’*O Progresso*.

A esse respeito, afirma Halleweel (2012, p. 195):

Parece que Cruz foi um patrão particularmente mesquinho e os níveis de remuneração eram tão inferiores à alta do custo de vida que o jovem Belarmino, então com 19 anos, viu-se obrigado a trabalhar regularmente três a quatro horas extras diárias para garantir uma subsistência adequada.

O reconhecimento da qualidade de Belarmino de Mattos como editor e impressor ultrapassou as fronteiras de São Luís, tendo recebido convite para atuar profissionalmente no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Contudo, rejeita as propostas com a justificativa de que tinha compromisso pessoal com o proprietário d’*O Progresso* e com a sua família.

3.1 As tipografias: local de inovar e imprimir

As oficinas tipográficas eram espaços de produção de material local, mas, devido ao empenho dos profissionais daquele tempo, o Maranhão ganhou notoriedade pela qualidade de seus impressos, dentro e além do seu território. O material impresso em algumas tipografias maranhenses ganhava reconhecimento em qualidade e apresentação, de tal maneira que, ao participarem da “Exposição Provincial do Maranhão”, ocorrida em 1866, os trabalhos gráficos executados na província revelaram Belarmino de Mattos e José Maria Correia de Frias como dois dos melhores tipógrafos do Brasil.

Hallewell (2012, p. 185) descreve o período áureo da imprensa maranhense:

Durante esses anos [1840-1880], São Luís foi não só o mais importante centro editorial das províncias, e o único de importância nacional, como também o lugar em que a qualidade dos melhores impressores ultrapassava toda e qualquer realização da corte nessa época. Dois nomes se destacam: Belarmino de Mattos e José Maria Correia de Frias, rivais amistosos, cujos contínuos esforços para superar as realizações um do outro foram a causa principal do desenvolvimento técnico e estético da produção de livros no Maranhão.

Essa “rivalidade” no campo profissional entre os dois maiores tipógrafos do Maranhão citada por Hallewell (2012) trazia para a cena dos impressos no Maranhão uma qualidade que somente se via nos impressos europeus, notadamente os que saíam dos prelos da família *Didot*, que eram os mais famosos impressores na época.

As tipografias mais conhecidas na capital da província do Maranhão naquele período foram:

Quadro 1 – Tipografias estabelecidas na capital da Província do Maranhão

Nome	Endereço	Proprietário/Responsável
Typographia Constitucional	Rua do Sol, nº 26	Inácio José Ferreira
Typographia da Temperança	Rua Formosa, nº 1	Manuel Pereira Ramos D'Almeida
Typographia do Diário do Maranhão	Rua dos Barbeiros, nº 8	
Typographia Maranhense	Rua Grande, nº 39	Antônio José da Cruz
Typographia do Observador	Rua do Sol, nº 39	Fernando Mendes de Almeida
Typographia do Progresso	Rua de Sanct'Anna, nº 47	Antônio José da Cruz
Typographia J.M.C.Frias	Rua da Palma, nº 7	José Maria Correia de Frias
Typographia Commercial	Praça do Palácio, nº 20	Ignácio José Ferreira
Typographia da Fé	----	Associação
Typographia J.M.A.S.	Rua Grande	José Matias Alves Serrão
Typographia Major J.F.S.J.	Rua da Paz	Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá

Fonte:

3.2 O defensor da classe tipográfica

Em 1854, Antônio José da Cruz, já velho e cansado dos afazeres com a tipografia, cede à pressão do governo e entrega a direção d'*O Progresso* para Carlos F. Ribeiro, levando consigo todos os empregados. Belarmino de Mattos ainda não estava com 24 anos de idade quando se encarrega da direção desse empreendimento, “encomendando os mais modernos equipamentos e prelos belgas, franceses e americanos” (HALLEWELL, 2012, p. 195).

A estratégia dos membros do partido conservador capitaneado pelo presidente da província, Antonio da Cruz Machado, para arrefecer os ânimos antes das eleições de 1856, que representava a possibilidade dos liberais alcançarem o poder. Sendo a imprensa o palco principal desse debate em denunciar as arbitrariedades, isto é, os editores d'*O Conciliação* e os do *Diário do Maranhão* antes do pleito **postergavam** qual deveria ser o papel da imprensa, não omitindo a capacidade desse veículo de cumprir seu verdadeiro papel, que, segundo eles, era o de informar, conforme pode se verificar neste verdadeiro manifesto:

Vão se aproximando as eleições para deputados geraes e observa-se uma completa mudez nos jornaes acerca dos homens que nos devem ir representar no parlamento. Bom seria que o jornalismo, cujo fim é esclarecer o público sobre seus interesses, tratasse d'indicar os candidatos para que estes fossem apreciados com anticipação por aquelles que lhe tem de prestar seus votos, e não sejam apresentados da eleição, como tem acontecido até hoje. É tempo que a população desta província reconheça e se convença que os seus representantes devem ser apreciados pelos seus merecimentos e virtudes civis, para poderem defender os direitos e interesses públicos; e que é preciso de uma vez dar de mão a esses homens sem capacidade que só vão arranjar para si ou para os parentes-bécas-commendas-baronatos-empregos de pingues rendimentos e despachos para os intrigantes de partidos etc & etc; é mister enfim que o reinado do ventre cai e suba ao throno em seu lugar o da intelligencia e do mérito. Nós que infelizmente não temos um grande numero de pessoas aptas para bem nos representar, devemos aproveitar esses poucos que temos escolhendo os seguintes cidadãos, na nossa opinião os melhores, e que nos parecem

reunir sufficiente somma de capacidade, em quanto nos não apresentarem outros que os excedam:

Os Srs. Francisco José Furtado. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena. João Francisco Lisboa. Cândido Mendes de Almeida João Nunes de Campos (DIÁRIO DO MARANHÃO, 6 de fevereiro de 1856).

Essa caça à imprensa levou à prisão, em 10 de janeiro de 1857, os operários de Antônio de Frias, que publicavam o jornal *Conciliação* e os da Tipografia de Carlos Fernando Ribeiro retomam à publicação d’*O Progresso*. Tais fatos em defesa da liberdade de imprensa, são de grande repercussão na província e em outras partes do Brasil. “As noticia desses desmandos acabaram chegando à Corte e Dom Pedro II prontamente afastou o presidente da província, Antônio Cândido da Costa Machado” (HALLEWELL, 2012, p. 196).

Passando esse episódio, Belarmino e seus companheiros de profissão voltaram ao trabalho, mas permaneciam temerosos com as animosidades que pairavam no ar. Esse clima de incerteza e de insegurança levou os operários d’*O Progresso* a recolherem os equipamentos e prelos para que pudessem dar continuidade à publicação do jornal.

Entretanto, mesmo com os alardes, os liberais sofreram mais uma derrota: o Barão de São Bento foi eleito Deputado; Carlos Ribeiro abandonou luta política no Maranhão e seguiu para o Amazonas para ser secretário do presidente da Província, exatamente o seu conterrâneo e correligionário, João Pedro Dias Vieira; e, Ferreira Vale ingressou na carreira diplomática (BORRALHO, 2010, p. 157).

Essas questões foram determinantes para que Belarmino de Matos fundasse, em 11 de maio de 1857, a Associação Tipográfica Maranhense com o apoio do presidente da província, Manuel Gomes da Silva Belford¹⁷, o Barão de Coroatá, e de vários jornalistas, tipógrafos e intelectuais em geral sob as bênçãos do bispo diocesano.

3.3 Os tipógrafos do mestre Belarmino: a força de uma categoria

Em meados de 1856, “as massas populares agitavam-se com a promessa de ser respeitada a liberdade das urnas” (LEAL, 1874, p. 235), a oposição ao governo despertara depois de longa letargia em que jazia desde 1849. Nesse contexto havia grande movimento nos jornais oposicionistas, arregimentando para si os que acreditavam em um futuro melhor.

No gabinete do governo imperial políticos com objetivos conciliadores, eles tramitavam entre os oposicionistas e até os defendiam na imprensa, para que as pessoas não

¹⁷ Manuel Gomes da Silva Belfort (1788-1860) foi um fidalgo e político, nomeado barão de Coroatá por decreto de 2 de dezembro de 1854. Foi Presidente da província do Maranhão, em 1857. Filho do capitão Filipe Marques da Silva (falecido em 1801), cavaleiro fidalgo da Casa Imperial, e de Inácia Maria Freire.

duvidassem das “boas intenções” de uma eleição justa. Era notório o empenho do Presidente da Província em chamar as forças dos quartéis, agentes para arrolar os votantes e trabalhar ativamente, nos clubes e no interior da província, suas propagandas por meio d’*O Conciliador*, jornal que fora criado com a intenção de fazer jus ao próprio nome.

Ainda que o governo tivesse o discurso de defesa da justiça e da transparência, havia um sistema oculto de perseguições, ameaças, demissões entre outras práticas de coação que não passaram despercebidas pela oposição, principalmente por aquela parcela incrédula das reais intenções do governo provincial.

O jornalismo opositor expunha os atos arbitrários e as intervenções indevidas do governo, tornando públicos os atos ilegais que esse havia utilizado para garantir que seu candidato vencesse as eleições. Em um possível arroubo de vaidade, o presidente da Província edita uma portaria por meio da qual ordena que as autoridades policiais impedissem o ingresso de eleitores que denunciavam a eleição como falsa e os prendessem, instaurando processos contra estes eleitores.

Esse ato do intensificou o conflito entre o governo e a oposição. No número 13, do jornal *O Conciliação*, vieram transcritas e analisadas, em detalhes, as peças oficiais satirizadas entre os protestos dos eleitores impedidos de exercer seu direito ao voto.

Na tarde do dia 10 de janeiro de 1857, os operários da Tipografia do Sr. J.M.C. Frias, onde se imprimia *O Conciliação*, bem como os operários da Tipografia do Sr. Carlos Fernando Ribeiro, onde se publicava *O Progresso*, foram surpreendidos com a ação policial que tinha o objetivo de prendê-los à porta das respectivas oficinas. Tomados pela surpresa da ação, empreenderam fuga, no entanto, dois foram capturados: os tipógrafos Falcão e Luís Carlos Barbosa, levados à prisão e obrigados a “assentar praça” (servir o exército). Tal ação atentava diretamente, contra os direitos de liberdade de pensamento explícitos na Constituição. As tipografias oposicionistas fecharam suas portas, os tipógrafos esconderam-se da justiça. Havia um pavor instalado na sociedade. Os redatores dos jornais então lavraram um protesto, simples, impresso no pequeno prelo do Sr. Carlos Fernando Ribeiro, que tivera a ideia de transferir o prelo de sua oficina para a casa em frente, onde residia. O sentimento de indignação na maioria da população encontrou eco no que veio a seguir.

O protesto aparentemente simples dos redatores oposicionistas foi amplamente divulgado dentro e fora da província, reproduzido nos maiores jornais do país, causando um profundo desconforto à Monarquia, dessa forma D. Pedro II solicita averiguação dos fatos e

para atender o clamor da opinião pública, demite o presidente da província em respeito à lei postergada. Passaram-se apenas 42 dias entre o referido ato do presidente da província e sua demissão e expulsão do Maranhão sob vaias e zombarias por parte de grande parte da população.

Foi durante o refúgio na casa de Dr. Carlos F. Ribeiro que Belarmino de Mattos e seus companheiros, mesmo tendo sido impedidos de trabalhar normalmente, fizeram a transferência de alguns maquinários, na “calada da noite”, da *Tipografia Progresso* para a casa do seu protetor, com o intuito de produzir pequenas tiragens em formatos menores que pudessem contribuir com suas despesas, enquanto lá estivessem hospedados.

Nesse momento da vida, refletindo sobre sua situação e de seus companheiros naquela condição limitada de trabalho, sobreveio a Belarmino de Mattos a reflexão sobre a necessidade da fundação de uma “sociedade de auxílio mútuo” que amparasse os tipógrafos nas “doenças, na falta de trabalho ou em outras eventualidades da vida que os podiam lançar em extrema penúria” (LEAL, 1874, p. 241).

Passados os tempos de assombro da perseguição aos tipógrafos, após Manuel Gomes da Silva Belfort, o Barão de Coroatá, então vice-presidente da Província, assumir a administração desta, a classe volta a ter confiança e tranquilidade e Belarmino apresenta as bases para a criação da Associação Tipográfica Maranhense a Antônio Henriques Leal, encarregando-o da organização dos estatutos que, depois de discutido e aprovado entre os associados, tiveram como resultado a instalação da associação em 11 de maio de 1857.

3.4 Associação Tipográfica Maranhense: o triunfo de uma classe oprimida

Nesta subsecção, trataremos da Associação Tipografia Maranhense pela importância que a mesma assumiu como um espaço de defesa da categoria e da defesa da liberdade de imprensa. Para tanto, iniciaremos esta parte da monografia com um poema de João Francisco B. Menezes, primeiro secretário da associação. A sua análise nos possibilita compreender o sagrado e a milenar arte de tornar pensamentos em textos escritos e o poder da associação criada no Maranhão como lugar de agregação e defesa de direitos.

Entre as artes que os homens enobrecem
 Aquela que a ciências, os altos feitos,
 E a historia das nações, e as descobertas,
 Que a terra percorrendo além dos évos,
 Aos vindouros um dia serão gratas;
 Aquela, companheiros, é nossa arte!

Após as trevas que obumbravam os povos,
Do pensamento no estampar ignaros;
Após de Grécia e Roma o frágil meio
Das tábuas encerradas dos papiros,
Eis que brilhante surge o egrégio inverno
De Gutemberg ilustre, Faust e Sohoefter! ...

Invenção que do céu foste inspirada
O presente do ser-lo que aditaste,
Desta terra os tipógrafos te aclamam,
E o mundo pensador de felicita!
Sejas bem vinda à terra, oh arte augusta,
Que além de tempo os imortais escritos
Em firmes caracteres eternizas!...

Um ano decorrido, que aliados,
À nossa associação exulta honrada
Nas vias do trabalho honesto e livre;
Com gloria e com prazer aqui presentes
Invocamos a firmeza, a união constante
Louvemos, caros sócios a nossa arte:
E nutrindo as esperanças do trabalho,
Que raiando tranquilo em nossa pátria,
Feliz porvir avante nos amostra!
Respeitosos, também saudemos hoje
O chefe amigo que preside eleito,
A nossa associação, e praza a Deus,
Que da província no governo sábio,
Nos doutos, e habilidades que servimos,
Votados protetores encontremos.

Avante, pois, ó sócios, na arte egrégia;
Que honrando meio de viver nos doa!
Alegres prossigamos, companheiros,
Nessa arte em que de sábios escritores
Os frutos do talento e do progresso
Por nossas mãos já foram perpetuados!

Como dito anteriormente, a Associação Tipográfica Maranhense foi criada em 1º de maio de 1857, após vários tipógrafos sofrerem ataques e prisões do presidente da Província, Antônio da Cruz Machado, que resultou na sua saída do Maranhão por ordem de D. Pedro II e de forte repercussão e denúncia pelos maranhenses junto às Associações Imperial Tipográfica Fluminense e Pernambucana. A defesa dos tipógrafos maranhenses pelos companheiros de profissão do Rio de Janeiro, junto ao Monarca, foi decisiva para que muitos dos que estavam em prisões no quartel ou em domicílio voltassem para suas atividades (ver quadro que segue). Em reconhecimento ao apoio dos tipógrafos dessas províncias, foram publicadas no jornal *A Imprensa* (1857) as seguintes matérias:

E com o coração a transbordar de alegria que, que nos dirigimos à vós, irmãos, pela nobre profissão que seguimos, para agradecer-vos do intimo da alma a a generosa e espontânea parte, que tomastes nos nossos sofrimentos. A arca santa da liberdade, que está em parte a nós confiada, porque somos um dos instrumentos de que ela se serve para dilatar-se por todos os ângulos a terra, foi pela prepotência e o crime

violada aqui com a prisão e homisio de alguns de nossos irmãos, e vós senhores, ali tomastes sem demora a causa como vossa e a levastes ante o trono do nosso adorado Monarca para que ele, que é sábio justo e reto, e não deixa uma ferida sem o balsamo de sua justiça, uma lágrima correr na sua presença que não a enxague, ouvisse os gemidos dos tipógrafos oprimidos e reparasse a injustiça, que fizeram contra os tipógrafos maranhenses, e punisse o criminoso [neste caso o presidente da província Antonio da Cruz Machado]. Nos os oprimidos, nos os homisiados tipógrafos do Progresso, Estandarte e Diário do Maranhão, e conosco das tipografias do Publicador Maranhense, da Temperança e do Observador, dirigimos este agradecimentos à Imperial Associação Tipográfica Fluminense, e a todos os tipógrafos dos Rio de Janeiro, que tanto se interessaram pela sorte dos perseguidos, e com todas as veias do nosso coração, e cheios de reconhecimentos lhes asseguramos que nunca se nos varrerá da lembrança seu nobre proceder e o empenho tão valioso, que mostrou essa illustre Associação por nós que tanto sofremos do poder arbitrário,

Creiam, senhores, na sinceridade de nossos protestos de gratidão.
Somos
Vossos irmãos de trabalho
São Luís, 4 de março de 1857

Figura 9 - Cabeçalho do Jornal *A Imprensa* (1857)

A IMPRENSA.

ANNO I. S. LUIZ, QUINTA-FEIRA 4 DE JUNHO DE 1857. NUMERO 1.

ASSIGNATURAS. Publica-se ás quartas-feiras e sábados de cada semana. Subscree-se na typ. do PROGRESSO. COMMUNICADOS, correspondencias e outras publicações, conforme o ajuste. Anuncios a 50 reis a linha, e para os assignantes até 30 linhas gratis.

FOR ANNO 10.000
SEMESTRE 5.000

FOR TRIMESTRE 3.000
FOLHA AVULSA 200

A IMPRENSA.
MARANHÃO, 2 DE JUNHO DE 1857.

—Ha uma lei providencial, que prohibe o repouso e a quietação das sociedades. O progresso, os melhoramentos, e a civilização sempre crescente do mundo forção a humanidade a caminhar constantemente para a perfectibilidade, tam antieccionada das obras da criação.

O mytho da estatua de Sára, voltada para o sepulcro do passado, he um simbolo que não condiz com os grandes rasgos

teiro lançou expressões animadoras, que revelo a sinceridade do pensamento magnanimo de que está inspirado.

Esse um facto, que adquiero para a Corôa hem merecidas sympathias: e que manifestou, quanto ella sabe comprehender as necessidades do povo.

Quando o espirito publico está satisfeito com o regimen adoptado pela carta magna da nação; quando todos estão penetrados da necessidade da paz para prosperarmos, e engrandecermos-nos — quando o credito do Imperante, como intelligencia, como moralidade, como illustração, e como prudencia, he geralmente

ções exclusivistas. Nem temos actualmentede de assistira essas calamitosas saturnas, que por escarneio se chamão eleições; nem os poderes superiores jamais se devem amesquinhar a occupar posições tam inferiores.

Com a politica da concordia e moderação, sabia e sinceramente realisada o Paiz não deixará de prosperar; e certo occuparemos em breve o lugar, que nos compete no mappa mundi das nações.

COMMUNICADO.

—Com auctoridades como as que, n'estes ultimos mezes, tem feito em Caxias

Collaço—um dos mais afamados criminosos, que nos enchem de terror, não podia, em face da lei, livrar-se por prescripção. Desde que assassinou a esposa, este conjugencia, embrenhado e occulto nas matas, não se pode dizer que, sem interrupção, tenha resedido no termo dez annos; mas que consideração por mais ponderosa, que seja é capaz de estancar a impetuosa torrente, que ora tudo infecta e corrompe!?

Este facto não é um acontecimento qualquer; elle merece da parte do governo a mais seria attenção; convido notar-se que, vivendo Collaço até então foragido, entre todos os magistrados que o prenderam, só ao sr. Thomé estava reservada

Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Na mesma edição, os tipógrafos perseguidos do Maranhão agradecem o apoio vindo de Associação Tipográfica Pernambucana

Lemos com prazer, e cheios de reconhecimento, o comunicado que fizestes inserir no N. 1302 do Liberal Pernambucano.

Vós que sois nossos irmãos pelo trabalho, vós que sabeis como nós o sabor do pais das fadigas, os os pesares que acompanham os párias deste século, sentistes as nossas magoas, sofrestes como nós as dores, pela voz poderosa da imprensa, que nos alimenta e todos duplamente, com a nutrição do corpo e da intelligência, e vossas vozes, quando por ventura não fossem ouvidas por mais ninguém, se-lo-iam. Como foram, por nós os oriundos pela prepotência de um Regulo, por nós os hosiados, por todos os nossos irmãos, os compositores e impressores das outras tipografias do Maranhão, e as repercutiremos em mil bênção e gravá-lo-emos eternamente na nossa memória. O vosso comportamento é belo e nobre, como o dos nossos irmãos fluminenses e de vós filhos briosos dessa terra de Liberdade, nem curvou a cerviz ao

latejo da tirania não era de esperar de outro modo obrasse. Do fundo da alma agradecemos a vós briosos tipógrafos compositores e impressores pernambucanos, a parte ativa que tendes tomado em favor dos perseguidos tipógrafos maranhenses.

Crede que nunca nos esqueceremos do auxílio que nos prestastes nesta quadra e que servirá ele se incentivo para que não nos deslizemos nunca do caminho nobre trilhado até hoje.

Maranhão, 2 de março de 1857.

Quadro 2 – Tipógrafos envolvidos no processo

TIPOGRAFIA	TIPÓGRAFO
PROGRESSO	Belarmino de Mattos Manoel Teixeira de Souza Joaquim Mauricio Serra Raimundo Felício Correia
ESTANDARTE	João Mathias Alves Serrão Odorico Francisco de Paula Colás
DIÁRIO DO MARANHÃO	Joaquim Luiz Carlos Barbosa João Raimundo Pereira Joaquim avelino Ferreira de Carvalho Luiz Raimundo de Azevedo Raimundo Caetano da Silva Bernardino de Sena Castro
TEMPERANÇA	Lino Carlos de Oliveira Guimarães
PUBLICADOR MARANHENSE	Antonio Justino de Mesquita João Francisco Bizerra de Menezes Joaquim Canuto Lapa João Thomaz de Mello José Theodoro da Silva Raimundo José de Seixas Corrêa
MARANHENSE	Joaquim Antônio Pires Satyro Antônio de Farias Jacintho Antônio da Silva

Fonte: A Imprensa (1857) - Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite, adaptado pelo autor.

Sob as bênçãos da igreja católica, representada pelo Bispo D. Manoel Joaquim da Silveira, é aprovado o Estatuto da Associação Tipográfica Maranhense. Os estatutos, após serem elaborados pelos membros da diretoria, foram entregues ao bispo, pela Comissão escolhida para este fim. Entre os sócios efetivos: Manoel Teixeira de Sousa, Ayres Firmino Cesar Gomes e João Thomaz de Melo. No discurso de entrega do documento, Manoel Sousa diz:

Exmo. E Rvm. Sr. - Como órgão da Associação Typographica Maranhense, instalada nesta capital, temos a honra de beijar o anel de V. Ex. Rvm. , recebendo ao mesmo tempo a bênção do ilustre e distinto pastor desta diocese, ao apresentar a V. Exc. Rvm. os estatutos, porque se rege a mesma Associação.

É nesta ocasião solene, e para nós de indivizível prazer, que temos a honra de anunciar a V. Exc. Rvm. Que a nossa Associação, compenetrada dos deveres públicos, que tem a cumprir, não duvidou lançar sua nascente esperança de melhor futuro para a Alta Pessoa de V. Exc. Que se digne de aceitar o lugar de seu Protetor e ampara-la com a sua reconhecida ilustração e muito piedade religiosa.

A Associação Typographica Maranhense, que só tem em vista o melhoramento material e moral dessa sublime arte e dos Maranhenses que a professam, ousa esperar da bondade inata de V. Exc. Que esta acolhida pelo paternal coração de C. Exc. Rvma. , no qual jamais entrou uma só faúlta, que não fosse de uma das muitas virtudes que fazem o florão de gloria que orna a cabeça do Príncipe da Igreja Maranhense.

Pelo órgão da comissão, que se acha perante V. Exc. Rvma., a Associação Typographica Maranhense rende a V. Exc. Os seus mais puros e sinceros agradecimentos, e prostrada recebe com a humildade do cristão a bênção do seu santo e venerado pastor.

Maranhão, 13 de setembro de 1857.

Para a sua manutenção financeira, a Associação recorre a loterias, cujos bilhetes poderiam ser comprados nas tipografias, boticas e outros locais de São Luís e de outras localidades da Província sob o controle do tesoureiro João Marcelino Romeu, maneira pela qual a Associação custeava suas atividades corriqueiras, incluindo o pagamento do imóvel situado à Travessa do Teatro, n. 10, na Freguesia da Vitória, em São Luís, tendo no *hall* de entrada um retrato de Gutembeg.

Mas qual o fim desta Sociedade? O jornal *O Paiz*, de 1863, informa que:

Os tipógrafos formam nesta cidade uma sociedade para fins tão filantrópicos que dizê-los é o maior elogio que se possa fazer a esses filhos do trabalho. Reuniram-se como irmãos, tiraram parte das suas economias, uma parte desse pão ganho com tanto suor. Se um adoce a sociedade corre em seu socorro não o deixa à mingua e se morre sepulta-o com decência. Eis o que é a Sociedade Tipográfica. (*O PAIZ*, 1863, p. 3, grifo nosso).

Entendemos que essa atribuição ocorreu após a criação e consolidação da Associação, posto que o motivo primordial que motivou sua criação foi a perseguição aos tipógrafos e, por conseguinte, a liberdade da imprensa e a necessidade da garantia do seu ofício.

Para além disso, a Associação procurou manter uma vigilância à moral das famílias e da sociedade maranhense em geral, condenando a publicação de *gazetinhas* que “faziam a sua vergonha e eram o tormento de homens honestos, servindo-se de trincheira aos vícios e aos

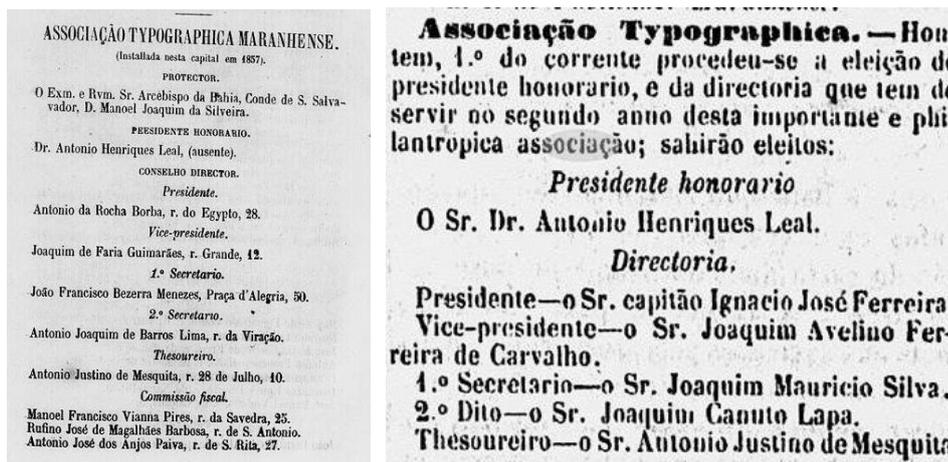
mais torpes e abjetos homens degenerados” (O PAIZ, 1863, p. 4). Essa crítica dos membros da associação refere-se ao jornal *Porto Livre*, publicado periodicamente, ofendendo pessoas e a sociedade maranhense. Nesse sentido, os tipógrafos não associados foram orientados a deixar as oficinas onde se cometiam tais atos em suas publicações e “dando-lhes o que fazer em outras oficinas” (O PAIZ, 1863, p. 4).

Para tanto, a associação era composta por um conjunto de homens-tipógrafos, jornalistas e outros profissionais ligados à imprensa, os quais assumiam diferentes funções no interior da agremiação dividida entre os sócios efetivos e honorários que mensalmente realizavam reunião para debaterem questões relativas à profissão e a organização e administração da Associação.

A diretoria era eleita para um mandato de um ano. Era composta por um presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários que deveriam zelar pela organização da casa, manter atualizado o cadastro dos sócios, redigir e emitir documentos e convocação e diretoria para as assembleias gerais e conduzir as mesmas, assim como manter contato com associações congêneres. O tesoureiro tinha como atribuição manter em ordem as finanças da associação, apresentar o balancete anual e promover loterias para arrecadação de recursos. O conselho fiscal, sendo que essa atividade no decorrer no tempo passa a ser denominada de “conselho de sindicância”, cuja finalidade era receber e fiscalizar as condições de trabalhos nas oficinas e indicar novos sócios. A Diretoria, após eleita, deveria ser nomeada pelo presidente da Província.

Os membros honorários eram escolhidos entre pessoas que diretamente contribuíam para o engrandecimento da Associação e eram de caráter permanente, a exemplo de Henriques Leal e Belarmino de Matos, que depois de assumir a primeira presidência passa a essa função, assim como Antônio de Frias.

Figura 10 – Publicações acerca das eleições da Associação Tipográfica Maranhense



Fonte: Revista Typographica.

A cada ano, a associação promovia uma festa comemorativa em referência à data da sua fundação. O evento contava com a presença de todos os membros e familiares, autoridades civis e eclesiásticas. Na oportunidade, eram realizadas várias atividades, como conferências, exposições de materiais impressos, no intuito de mostrar para a sociedade os avanços da arte de impressão e a incorporação de novos membros que deveriam prestar o “juramento de estilo”. Nessa ocasião, também eram recitadas poesias pelo membros, sempre tratando da profissão de tipógrafo.

Associação Typographica. No dia 08 de corrente teve lugar na casa do Sr. José Maria Correia de Frias a sessão solemne da Associação Typographica Maranhense. O público já tem conhecimento do programma do festejo e portanto só nos cumpre acrescentar que esse programma foi muito e muito excedido. Perante o Exm. Sr. Presidente da Provincia e um luzido concurso de pessoas gradas e artistas de diversas profissões abrio-se a sessão solemne estando presente quase todos os operários typographos maranhenses.

Os sócios honorários Dr. Jorge Junior José de Conselho Estrella e Jorge Sobrinho pronunciarão discursos análogos, e em seguida fizeram o mesmo o Sr. Tenente-Coronel Fernandes Luiz Ferreira, redactor do artista, o Sr. Mesquita artista typografo e os relatores das comissões das Sociedades Atheneu Maranhense, Luso-brasileira e a do Gabinete Portuguez de Leitura.

O Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, digno presidente honorário da Associação Typographica depois de proferir uma allocução, convidou a nova mesa administrativa a tomar posse. Empossada esta, o Sr. Correia de Frias, Presidente effectivo da Associação convidou os circunstantes para um copo d'agua, depois de ter feito distribuir uma bella poesia do Sr. Rocha Borba, magnificamente impressa n'aquelle momento.

A mesa estava servida com esplendor e profusão. Forão feitos entre outros os seguintes brindes:

- a memória de Guttemberg; a arte typographica; ao Exm e Revm. Sr. Arcebispo da Bahia, protector da Associação Typographica maranhense e ao Exm. Sr. Presidente da Provincia pelo Sr. Correia de Frias.

- a imprensa, grave e moralizada da provincia, representada ali pelos Srs. Dr. Gentil Braga, Joaquim Serra, cônego Santos Themistocles Aranha e tenente-coronel Ferreira, ao decano da imprensa maranhense, o illustrado Sr. Sotero dos Reis, que se achava ausente, pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal.

- ao digno presidente honorário da Associação Typographica, ao Sr. Belarmino de Mattos, Frias, Bezerra, aos proprietários das typographias, J. J. Ferreira mencionados, pelo Sr. Gentil Braga.

- ao Exm. Sr. Presidente da Provincia, pelo Sr. Themistocles Aranha.

- Aos Srs. Ex-redactores de jornaes, que se achavão presentes. Drs. Rego, Roxo, Leal e Jorge Junior, as glórias litterarias do Maranhão, os Sr. Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Gomes de Sousa e João Lisboa, pelo Sr. Serra.

Finalmente o Exm. Sr. Presidente da Província fez um brinde aos maranhenses e a prosperidade da Associação Typographica, rematando as saudades feitas na primeira mesa de S. M. o imperador por Exa. (O Jornal *A Coalizão*, de 11 de setembro de 1862, anno I, número 63, p. 01).

No decorrer do século XIX, vários tipógrafos assumiram a direção da associação, como apresentamos alguns exemplos a seguir:

Quadro 3 – Composição da Diretoria da Associação Tipográfica Maranhense

PERÍODO	ELEITOS
1863- 1864	José Maria Correia de Frias - Presidente João Francisco Bezerra de Meneses - Vice- Presidente Antonio da Rocha Borba - 1. Secretario José Theodoro da Silva e Souza - Tesoureiro Conselho Fiscal: Inácio José Ferreira; Antonio Justino de Mesquita Manoel Francisco Pires.
1864-1865	Antonio Henriques Leal - Presidente (reeleito) Antonio da Rocha Borba - Vice Presidente João Francisco Bezerra de Meneses - 1 Secretario Mauricio Jose Colles - 2 secretario José Theodoro da Silva e Souza - Tesoureiro Comissao de Sindicancia: Antonio Ramundo Barbosa Luiz Raimundo de Azevedo Joaquim Canuto Lapa
1874-1875	Antonio da Rocha Borba - Presidente Joaquim de Farias Guimaraes - Vice Presidente João José F. de Menzes - 1 secretario Antonio Franscisco de Barros Luna - 2 Secretario Antonio Justino de Mesquita - Tesoureiro
1878- 1879	João Francisco Bezerra de Meneses - Presidente Antonio Franscisco de Barros Luna - Vice Presidente Joaquim Antonio Luz da Paz - 1 secretario Joao Hilario Caldas - 2 Secretario Joaquim de Farias Guimaraes - Tesoureiro Comissão de Sindicancia Cristino Vicente de Castro José Joaqui, Pinheiro Lima Antonio Florindo de Sousa Castro Protetor - Henriques Leal Presidente de Honra -Themistocles da Silva Maciel Aranha

Fonte: Revista Typographyca - Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite, adaptado pelo autor.

Essa associação adentrou a República com os mesmos propósitos da sua criação por Belarmino de Matos. Ela publica a *Revista Tipográfica* que começou a circular em 31 de outubro de 1907, com periodicidade bimestral e, provavelmente, que circulou até 1914, com o objetivo de divulgar as atividades da classe gráficas do Maranhão.

A referida revista apresentava, na primeira página, o expediente com o nome do redator principal, Artur Lima Brandão, auxiliado por José Simeão de Assis e tendo como Secretário da Redação, André Avelino Espírito Santo Ferreira e de todos os colaboradores, sócios e diretores e redatores. A sua impressão era realizada nas oficinas da imprensa oficial do Estado.

Figura 11 – Detalhe de capa da *Revista Typographica* (1907)



Fonte: Arquivo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite

Observando os detalhes da logomarca da revista, notamos as efígies de três personalidades importantes na criação da tipografia de tipos móveis. Estão inseridos na parte interna da letra R, lado a lado. A primeira delas é de Johann ou Johannes *Gutenberg*, inventor da prensa de tipos móveis. A segunda de Johann Fust ou *Faust* (c 1400 - 30 de outubro de 1466), que patrocinou as pesquisas de Gutemberg, sendo seu patrono, e a terceira é de Peter Schöffer ou *Petrus Schoeffer* (c 1425, Gernsheim - C 1503, Mainz) que atuou como impressor, estudou em Paris e trabalhou como copista de manuscritos, antes fora aprendiz de Gutemberg.

Outro detalhe igualmente importante é a homenagem da revista ao incorporar, em sua marca, uma flâmula com os nomes dos mais célebres tipógrafos do Maranhão oitocentista: Belarmino de Mattos, Antônio de Frias e Satyro Faria. Observamos que o nome de Belarmino vem em primeiro lugar, um indício de que, para a classe dos tipógrafos, ele seria o mais renomado deles.

Essa revista circulou em várias partes do Estado do Maranhão, posto que possam encontrar artigos de agradecimento pelo recebimento dos números do periódico, bem como, de outras unidades da federação, notadamente por maranhenses que estavam nessas localidades, a exemplo de Artur Azevedo, que, ao receber um número da revista, assim se manifesta:

Recebi da capital do meu Estado o segundo número do periódico a Revista Tipográfica que se diz órgão da classe dos gráficos e dos qual é diretor o Sr. Artur Lima Brandão. Nos tempos felizes em que o meu Maranhão era cognominado Atenas Brasileira. Havia quem lhe chamasse também a Leipzig do Brasil, por que era a capital do reino da Saxônia, a cidade do mundo em que mais progresso fizera a arte tipográfica. (REVISTA TYPOGRAPHICA, 1908, n.7, p. 1)

Efetivamente, havia, no Maranhão, um tipógrafo por nome de Belarmino de Matos, que era considerado um mestre impecável em sua arte. E cuja minoria é ali respeitada como um dos ilustres filhos da terra. Os leitores encontraram, no segundo volume do *Pantheon Maranhense*, de Antônio Henriques Leal, a curiosa biografia desse grande artista que nasceu em 1830, faleceu em 1870 e se sacrificou pela arte durante vinte anos da sua curta, mas gloriosa existência de quarenta anos.

3.5 O impressor/editor Belarmino de Mattos

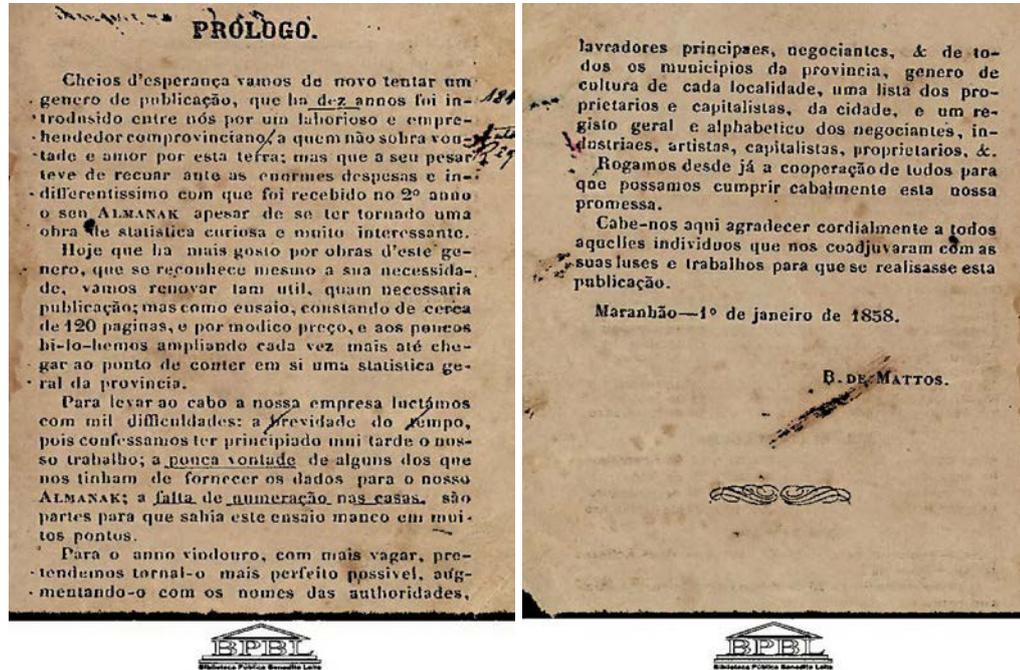
Conforme relatado na *Revista Typographica* (1913), dos prelos do *Didot Maranhense*, saiu um conjunto de obras impressas que mereceu reconhecimento em nível nacional,

[...] sua elegância e execução artística, tão alentadas nos volumes tão razoáveis nos preços que distingue-se o Maranhão como parte do Brasil onde a arte tipográfica mais adiantada se achava, sendo os produtos de suas oficinas colocados entre os primeiros, tanto em qualidade com em barateza e aceio seus comerciais com vantajosos salários para o Ceará e Pará (REVISTA TYPOGRAPHICA, 1913, n. 40, p. 2).

O *Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial* organizado por Belarmino de Mattos, com a contribuição de vários personagens, com destaque por Antônio Henriques Leal,

“Esses materiais se constituem em um precioso manancial a quem quer que deseje conhecer o Maranhão de então” (REVISTA TYPOGRAPHICA, n.40, p. 2).

Na apresentação do ano de 1853, o impresso afirma que:



Fonte: Almanak do Maranhão 1852.

Nesse rol de almanaques, Belarmino publicou outras séries em 12 volumes, nos anos de 1859 a 1869, sendo que as edições de 1860, 1862 e 1864 são as mais procuradas, em função dos conteúdos nelas expressos, o que resultou em uma tiragem de número bastante elevado.

Quadro 4 - Obras impressas por Belarmino de Mattos¹⁸

TÍTULO	AUTOR	ANO
Postillas Gramaticais	Sotero dos Reis	1867
Poesias	Antonio Francisco de Sá	
Comédias	Luiz Miguel Quadros	1866
O Sogro da Rapaziada	Joaquim Serra (obras traduzidas por esse autor)	
Os estudantes da Bahia		
Um coração de mulher		
O salto de Leucade		
O mundo marcha	E. Pletrom (tradutor)	
Estatística da Província do Ceará	Sotero dos Reis	
Obras póstumas	Antônio Gonçalves Dias	-
“Impressos” de Andrade Parnaso Maranhense Três Liras	Coleção de Poesia de Trajano Galvão de Carvalho / Antonio Marques Rodrigues e Gentil Homem de Almeida Braga	-
Eloá (tradução)	Flávio Reimer	-
Canções da vida	Francisco I. Ewerton	-

¹⁸ As obras que não conseguimos obter a data provável de impressão, optamos apenas por fazê-las constar o registro de seu nome e autor.

Versos	Celso Magalhães	-
Motins Políticos da Província do Pará	Domingos Antonio Raiol	-
História da Independência da Província do Maranhão	Luiz Antonio Vieira da Silva	-
Curso elementar de Matemática	João Antônio Coqueiro	-
Impressões e gemidos	José Coriolano de Sousa	-
Confidências (poesias)	F. C. de Figueiredo	-
Curso elementar de mathematicas	João Coqueiro	-
Os miseráveis	Victor Hugo	-
O homem que ri		-

Fonte: Adaptado pelo autor (LEAL, H. *Pantheon Maranhense*, 1874, Tomo 2, p. 246-247).

Dos seus prelos, também saíram edições de *O Progresso* (1806), o primeiro jornal diário que circulou no Maranhão e que teve como redatores Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Antônio Rego, dentre outras figuras da literatura e da política maranhense no oitocentos. Além desse jornal, Belarmino publica também *O Paiz*, considerado um dos jornais de maior circulação e importância do Nordeste do Brasil, igualando-se ao *Diário de Pernambuco*.

Além de tais jornais e muitos outros de menor formato e circulação, foram impressos por Belarmino de Mattos, nas províncias do Pará, Ceará, Piauí e Pernambuco, bem como livros escolares literários e traduções, o que evidencia a qualidade e quantidade de materiais que passaram pelas suas hábeis mãos de impressor. O que ocasionou, por conseguinte, a ampliação do espaço de instalação de sua oficina para proporções mais adequadas.

Em 1863, possuía já elle uma officina de proporções taes que era acanhado o prédio da rua de Santa'Anna para conter a typographia do dr. Carlos F. ribeiro, de cuja conservação e guarda estava incubido, e a sua tão copiosa em prelos, machinas, e caixas de typos de diversos pontos e caracteres.

Accrescia que, a um material tão vasto, correspondia o pessoal de operários, muito superior ao de todas as outras. Teve, portanto, de passar seu estabelecimento para a rua da Paz (hoje Coronel Collares Moreira) vindo ocupar todo o correr de casas fronteiro á actual Bibliotheca, presentemente sob n.º 9, 11 e 13, mas que n'aquelle tempo formava um só prédio.

Foi ahi que teve a ventura de conhece-lo quem escreve estas linhas; foi d ahi que sahiram as suas ultimas e mais primorasas edições; foi ahi, também, que, a 26 de fevereiro de 1870, veio a morte surprehendel o em plena actividade do trabalho (REVISTA TYPOGRAPHICA, n.40, p.3).

Como se pode depreender, Belarmino de Mattos, como impressor, teve uma atuação muito representativa ao fazer circular jornais e livros que ultrapassaram as fronteiras da Província do Maranhão.

3.6 Do prelo ao pó: o processo e o fim

Belarmino de Mattos tinha uma relação conturbada com os liberais e quando esses assumiram o poder na província, deixaram de efetuar os pagamentos do jornal liberal. Em 1866, sem condições de sustentar a situação, cancelou a impressão, não bastasse isso para irar ainda mais os liberais, recebeu a proposta de imprimir o jornal *O Conservador*, oposição do governo e das ideias do próprio Belarmino e de seu amigo Henriques Leal, que terminara por convencê-lo a imprimir o tal jornal, pois precisava uma publicação que lhe trouxesse algum lucro.

Acreditando que haver “liberdade de imprensa”, Henriques Leal convenceu Belarmino a aceitar a proposta de imprimir *O Conservador*, contrariando os desejos do partido liberal, desencadeando, assim, os seus piores momentos.

Domingos da Rocha Viana, era vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória e foi tutor do irmão de Belarmino, Raimundo Abílio Ferreira Franco, a quem manteve nos estudos e enviou para estudar Direito fora da província. De forma que Belarmino de Mattos foi testamenteiro do padre porque este não possuía familiares conhecidos. Sendo a pessoa mais próxima ao vigário, este lhe havia deixado cartas nas quais pedia que efetuasse alguns pagamentos, algo que foi pronta e imprudentemente feito pelo tipógrafo antes que tomasse conhecimento da existência de um testamento oficial. Essa foi a motivação de base legal para que os liberais impedissem a circulação d’*O Conservador*.

Em meio a essa trama de cunho político, Belarmino de Mattos foi acusado, juntamente com cinco dos seus funcionários, de falsificarem os referidos documentos e por esse motivo, foram presos em 10 de julho de 1866. Tudo isso ocorre a nove dias do fim do mandato do então presidente da Província do Maranhão, Lafayette Rodrigues Pereira, cujo mandato se estende de 14 de junho de 1865 a 19 de julho de 1866.

Um esquadrão policial foi designado à casa de Belarmino de Mattos, levou-o preso, a fiança de seu caso foi recusada, algo incomum para o tipo de crime do qual estava sendo acusado e sendo a pessoa honrada que sempre fora. Depois de longa penúria na prisão, dois julgamentos pelo tribunal do júri o julgaram inocente, entretanto, o procurador de justiça recorreu ao Superior Tribunal de Justiça que, pela terceira e última vez, julgou Belarmino da acusação que lhe imputavam.

Livre no dia 7 de maio de 1887, dez meses depois, Belarmino já não era o mesmo homem. Arruinado pelas custas processuais, pela paralisação do seu negócio e doente de beribéri, contraída no período em que esteve preso, mal conseguia caminhar. Mesmo assim, ainda produziu alguns trabalhos, porém durou mais três anos apenas. Era 27 de fevereiro de 1870 quando a vida deixa de pulsar nesse bravo operário maranhense.

3.7 Homenagens póstumas a Belarmino de Mattos

A tipografia não conta nos seus anais outro mártir mais digno de piedade, a tipografia levou-o à cadeia; a tipografia matou-o.

Figura 12 - Revista Typographica homenageia a Belarmino de Mattos (1913)

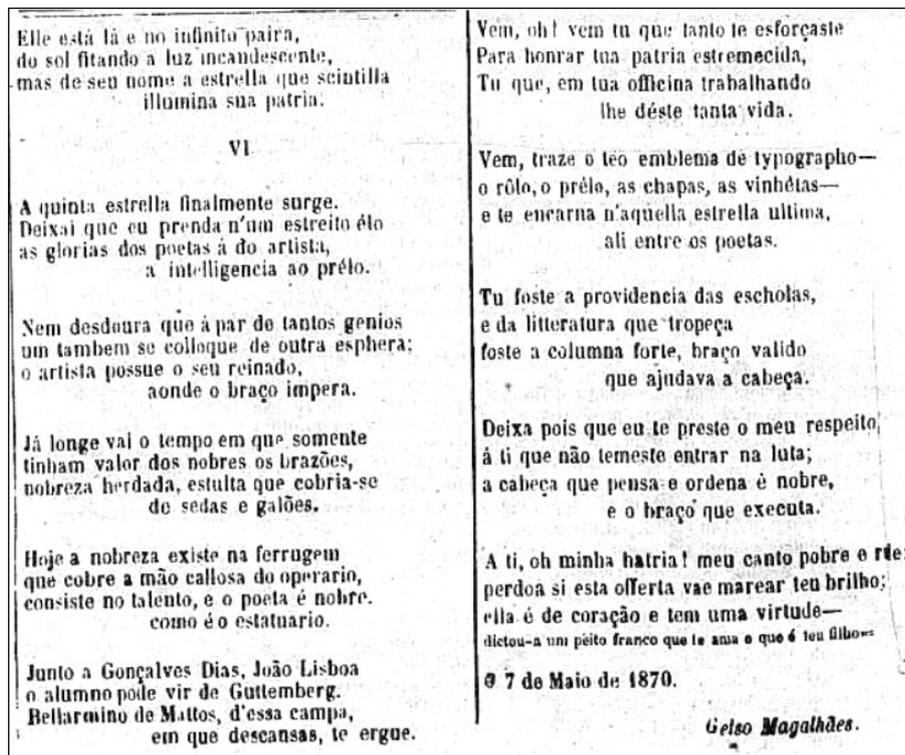


Fonte: Arquivo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite

A grande estima à excepcionalidade de Belarmino é reconhecida pelo lugar que ocupou na impressão de jornais, livros, almanaques e outros materiais que passaram pelas mãos desse impressor. Ele, juntamente com Antônio de Frias, ocupa lugar de destaque na história da imprensa e da tipografia no Brasil e, em especial, do Maranhão. Esse lugar é amplamente reconhecido por pesquisadores brasileiros e estrangeiros e, principalmente por aqueles que têm como sua faina diária a arte de imprimir.

Pela sua atuação e engenhosidade como tipógrafo, mereceu de Celso de Magalhaes¹⁹ um lugar notório entre os grandes intelectuais maranhenses do oitocentos, tais como Gonçalves Dias e João Lisboa. Como podemos verificar pela poesia publicada no jornal *O Paiz*, n. 62 de 19 de maio de 1870, após a sua morte, em 26 de fevereiro de 1870, na seção “folhetim” “Glórias (Ao Maranhão)”, que Belarmino de Mattos é considerado a quinta estrela: Gonçalves Dias (primeira estrela), João Lisboa (segunda Estrela), Odorico Mendes (terceira estrela) e Gomes de Souza (quarta estrela).

Figura 13 - Recorte do jornal *O Paiz*, nº 62, de 19 de maio de 1870



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite.

¹⁹ Escritor maranhense nascido em Viana em 1849 e falecido em 1879. Folclorista que lançou base de estudos desse assunto em nível nacional, poeta, teatrólogo e crítico literário.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho que teve como foco central as ações de Belarmino de Mattos como tipógrafo maranhense que atuou no período de 1830 a 1970, o que nos possibilita compreender o papel que Belarmino de Mattos ocupou no processo de instalação e atuação das oficinas tipográficas e sua atuação política em defesa da classe dos tipógrafos, além de sua contribuição para a produção e circulação de impressos na Província.

Utilizando o instinto primário inerente a todo investigador, rebuscando os rastros e sinais deixados por Belarmino de Mattos, destacamos que ele foi considerado um mestre impecável de sua arte, não somente pelo zelo e dedicação que doava a cada uma de suas obras, além de, em sua trajetória profissional, ter trabalhado em defesa dos tipógrafos maranhenses, tendo em vista que essa categoria frequentemente sofria medidas de censura e perseguições por parte dos opositores da imprensa livre e democrática do Maranhão no período oitocentista, Belarmino de Mattos participou efetivamente da criação da Associação Tipográfica Maranhense, em 1857, na qual, dado o seu renome e contribuições para o campo da imprensa local, ganhou o título permanente de membro honorário.

Sendo assim, Belarmino de Mattos foi um importante mediador da cultura escrita na medida em que, de seus prelos foram publicados importantes jornais que circularam em toda a província e dos livros dos mais eminentes intelectuais do período, contribuindo para o epíteto da Atenas brasileira, mas não somente como tipógrafo, mas como editor, mestre do seu ofício, líder de causa política de sua classe e um representante respeitável de sua arte.

Por fim, acreditamos que este trabalho venha a contribuir com a história da imprensa maranhense no oitocentos, notadamente sobre a figura de Belarmino de Mattos, na medida em que, com exceção do texto de Antônio Henriques Leal, os demais trabalhos se reportam a ele de maneira fragmentada e lacunar.

Todavia, entendemos que seja necessária uma incursão mais profunda nesses registros, uma reflexão acerca dos sinais que não foram ainda percebidos e a ampliação deste estudo bem como a descrição da trajetória de outros tipógrafos maranhenses que atuaram no oitocentos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, José Ribeiro do. *Apontamentos para a História da Revolução da Balaiada na província do Maranhão*. São Luís: Typogravura Teixeira, 1906.
- BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. 2. ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. *História Cultural: um panorama teórico e historiográfico*. Textos de História, v. 11, nº ½, 2003.
- BRAGA, Maria de Fátima Almeida. *Livros, folhetos, jornais..., tudo à venda na Botica de Padre Tezinho*. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Atenas equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. São Luís: EDFUNC, 2010, 444 p.
- BURKE, Peter. Origens da história cultural. In: *Varietades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 36-37.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. *O livro escolar no Maranhão Império*. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2017.
- CASTRO, Cesar Augusto. *Leis e regulamentos da instrução pública no Maranhão Império (1835-1889)*. São Luís: EDUFMA, 2009.
- CAVALCANTE, Juraci Maia et al. *Escolas e culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 2002, 244 p.
- CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. *Manual de tipografia: a história, a técnica e a arte*. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- DUBY, Georges. Problemas e métodos da História Cultural. In: *Idade média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *Pesquisa, memória e documentação: desafios de novas tecnologias*.

- FRIAS, J. M. C. de. *Memória sobre a tipografia maranhense*. Apresentado como prova tipográfica na Exposição Provincial de 1866. São Luís: Indústria do Maranhão, 1866.
- GALVES, Marcelo Cheche. *Ao público sincero e imparcial: imprensa e independência na província do Maranhão (1821-1826)*. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.
- GEERTZ, Clifford James. *A interpretação das culturas*. 2013, Rio de Janeiro: LTC, 216 p.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras: 2002.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política (Org.)*. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2016, 488 p.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- HEITLINGER, Paulo. *Tipografia: origens, formas e uso das letras*. DINALIVRO: Lisboa, 2006.
- JORGE, Sebastião. *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 1987.
- JORGE, Sebastião. *A linguagem dos pasquins*. São Luís: Lithograf, 1998.
- LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos. Tomo 2*. Imprensa Nacional: Lisboa, 1874.
- LOPES, Antonio. *História da imprensa no Maranhão*. Rio de Janeiro: DASP, 1959.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- MARQUES, César Augusto. História da imprensa do Maranhão. [Primeira parte]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo XLI, p. 199-225, 1878.
- MARQUES, César Augusto. História da imprensa do Maranhão. [Segunda parte]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo LI, p. 167-220, 1888.
- MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Fon-fon e Seleta, 1970.
- MELLO, Luiz de. *Cronologia das artes plásticas no Maranhão (1842-1930): pesquisa histórica*. São Luís: LITHOGRAF, 2004.
- MENDES FILHO, Luciano Faria. *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- MINDLIN, José. *Impressão Régia: seu significado e suas realizações*. In.: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MOLINA, Matías M. *Histórias dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 345-367, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. n. 10, 1993.

O PAIZ. São Luís, 1870, n. 62, p. 1.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Coleção História & Reflexões, 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 132p.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. *Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX*. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 49, p. 43-64, 2. sem., 2007.

REVISTA TYPOGRAPHICA. São Luís, n. 7, ano 2, 31/01/1908.

SERRA, Astolfo. *A balaiada*. 2. ed., São Luís: Instituto Geia, 2008.

SERRA, Joaquim. *Sessenta anos de jornalismo (1820-1880): a imprensa no Maranhão*. Rio de Janeiro: Editora Faro & Lino, 1883.

SILVA, Celeste Amância Aranha e. *Jornais maranhenses – 1821-1979*. São Luís: Func/Biblioteca Benedito Leite, 1981.

SILVA, Iraneide Soares da. *É preta, é preto em todo canto da cidade: história e imprensa na São Luís/MA (1820-1850)*. Tese (doutorado). 202 f. Uberlândia: UFU, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18735/1/PretaPretoTodo.pdf>> Acesso em 06/06/2019.

SILVA, Luis A. Vieira. *História da independência da província do Maranhão: 1822- 1828*. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora América, 1972.

STONE, Lawrence. Prosopografia. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, June 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782011000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07/06/2019. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782011000200009>>

VIVEIROS, Jerônimo de. Apontamentos para a História da Instrução Pública e Particular do Maranhão. In: *Revista de Geografia e História*, São Luís, a. 4, n. 4, p. 3-43, dez. 1953.

ANEXO 1

PROCESSO DE CRIAÇÃO DOS TIPOS E MAQUINÁRIO TIPOGRÁFICO²⁰

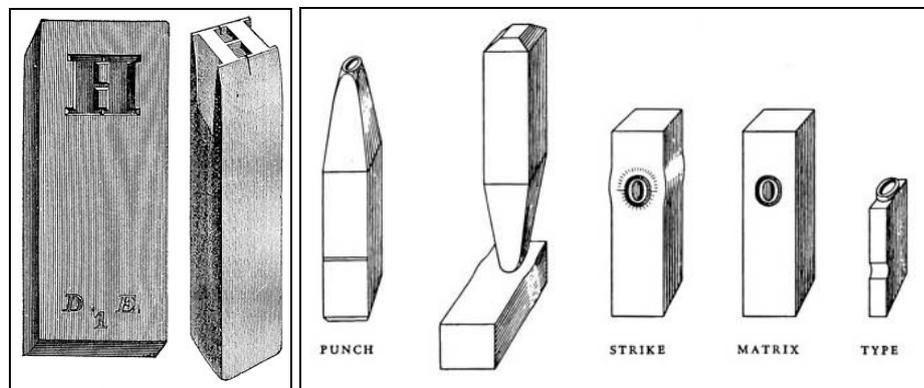
I Fase: gravar punções

O corpo em relevo da letra era gravado na extremidade de um punção de aço, usando as ferramentas de precisão dos ourives; assim se obtinha o chamado patriz. Para a impressão da Bíblia de 42 linhas foram necessários 296 punções, para obter todos os glifos (letras, números, ligaduras, abreviações) usados para compor a obra.

II Fase: fazer as matrizes

Pelo cunho com os patrizes – uma forte pancada do punção sobre uma barra retangular de cobre – obtinham-se formas negativas, as chamadas matrizes. Depois de cunhadas pelo punção, as matrizes ficavam deformadas nos bordos, pelo que era necessário retificá-las.

Matriz e patriz: imagem da obra de De Vinne, T. L. The invention of printing. London, 1877



Matrizes de metal modernas



²⁰ HEITLINGER, Paulo. *Tipografia: origens, formas e uso das letras*. DINALIVRO: Lisboa, 2006. <<http://tipografos.net/tecnologias/composicao-com-tipos.html>>. Acesso em 20/05/2019.

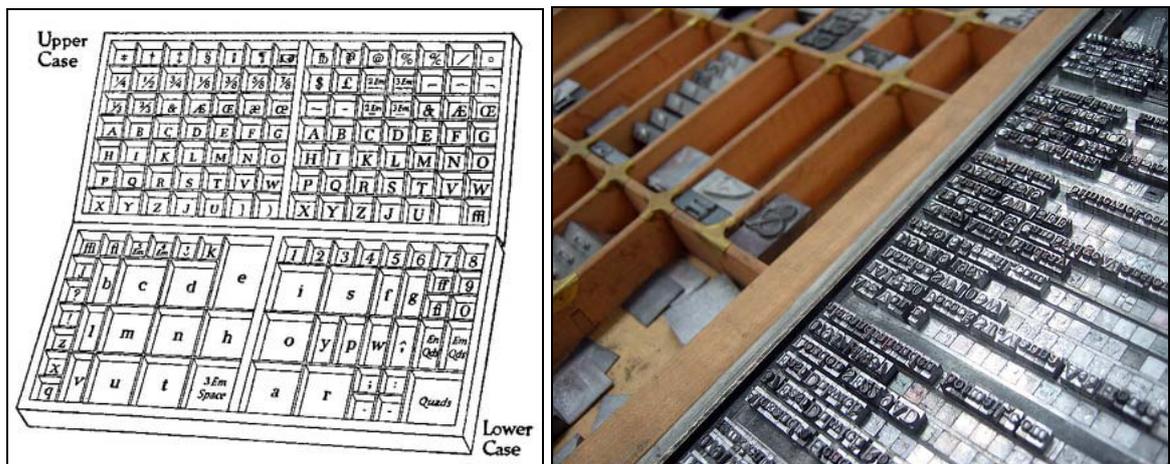
III Fase: a fundição

As matrizes de cobre, inseridas num aparelho também da invenção de Gutenberg, tornam-se moldes. Estes moldes permitem a fundição de milhares de caracteres de imprensa.

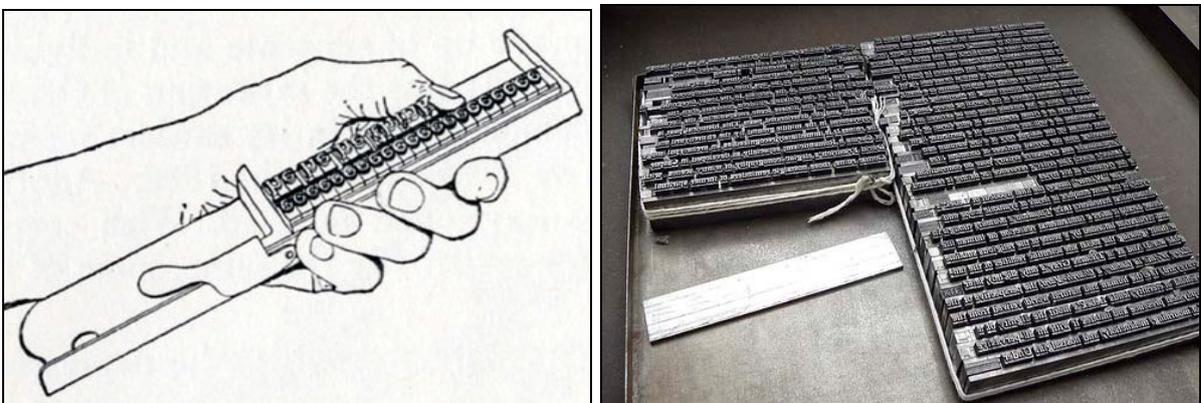
A partir do molde, o **fundidor de tipos** obtinha um caractere em relevo, réplica exata da forma original que tinha gravado na ponta do **punção**. Uma curiosidade: só para a impressão da “B-42” (Bíblia de 42 linhas), Gutenberg fundiu cerca de dois milhões de tipos.

Os caixotins da Caixa Tipográfica

Os tipos móveis, depois de fundidos, eram ordenados em **caixas de madeira** (mais tarde: gavetas de metal), convenientemente subdivididas, onde eram armazenados até ao momento da composição. Cada compartimento em que se divide a caixa tipográfica chama-se **caixotim**. Note-se que a parte superior contém os tipos em maiúsculas (caixa alta) e símbolos e na parte inferior, os tipos em minúsculas (caixa baixa) e caracteres especiais.

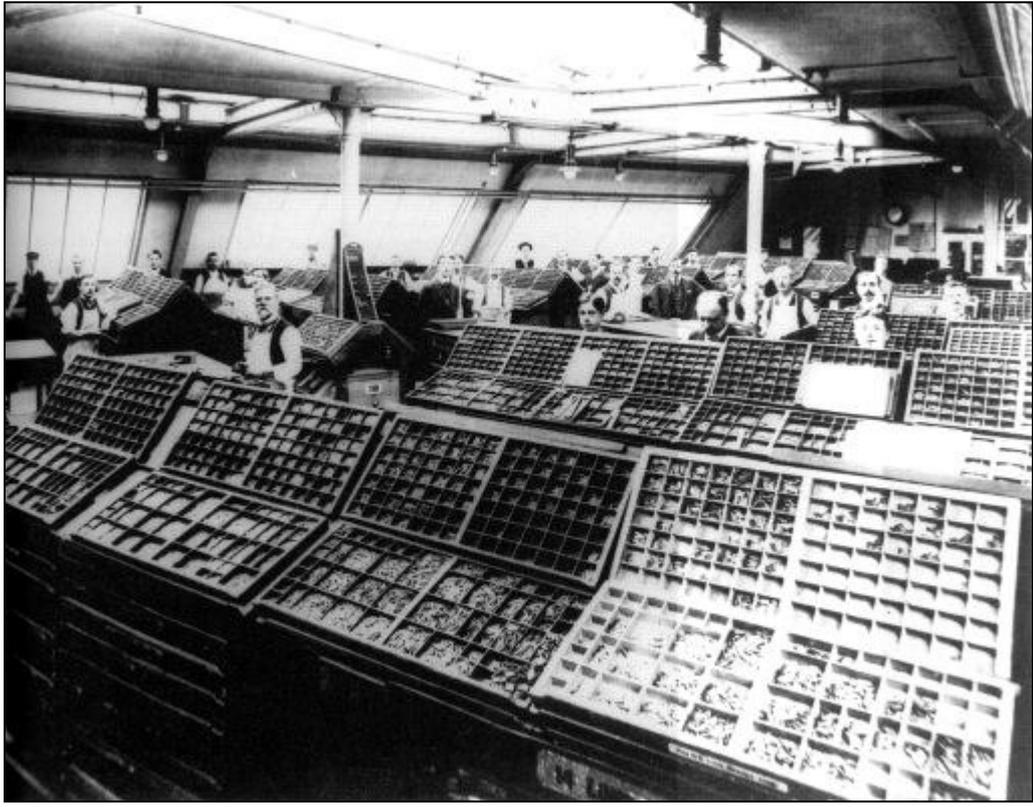


Bloco de tipos montados no componedor²¹ e em bloco prontos para serem montados no prelo



²¹ O componedor, outra invenção prática de Gutenberg, era segurado na mão esquerda e servia para receber os tipos e formar uma linha de texto.

Vista de uma sala de composição (1910)



ANEXO 2

Glossário de Termos Utilizados no Setor Gráfico²²

²² FERNANDES, Amaury. *Fundamentos de produção gráfica: para quem não é Produtor Gráfico*. Livraria Rubio, 2003.

ROSSI FILHO, Sérgio. *GRAPHOS: Glossário de Termos Técnicos em Comunicação Gráfica*. Cone Sul, 2001.

ALCEAMENTO - Arranjo de folhas ou cadernos na sequência adequada para que as páginas fiquem na ordem correta antes da encadernação.

ALIASING (jaggies) - Excesso de contraste entre pixels vizinhos de uma imagem; o mesmo que serrilhado.

ALL-TYPE - Anúncio de jornal ou revista, outdoor ou qualquer outro tipo de material impresso apenas com frases escritas, sem nenhum tipo de ilustração.

ALTAS LUZES (highlights) - Áreas mais claras de uma imagem.

ALTO-CONTRASTE - Efeito empregado em fotografia (estática ou cinematográfica) para eliminar os meios-tons, deixando apenas os contornos em preto e branco ou nas cores dominantes.

AMPLIAÇÃO

Procedimento fotográfico no qual as dimensões da imagem final são maiores do que as do original.

ANER - Associação Brasileira de Editores de Revistas - entidade que congrega as principais editoras de revistas do país.

ÂNGULO DA TRAMA - Ângulo segundo o qual cada trama é disposta para evitar o efeito moiré em impressão.

ÂNGULO DE RETÍCULA - Ângulo no qual as retículas são posicionadas em relação às outras.

ANJ - Associação Nacional de Jornais - entidade que congrega os principais jornais do país.

ANSI (Character Set) - Conjunto de 256 caracteres definidos pelo *American National Standards Institute*, cujos primeiros 128 são em ASCII.

ANTI-ALIASING (suavização de serrilhado) - Técnica de tornar uma transição de cor em um bitmap menos abrupta, diminuindo o serrilhado. Surgem valores de pixels intermediários na área de contato entre as cores contrastantes, dando a impressão visual de maior resolução. Como isso limita o contraste entre pixels vizinhos, também há a sensação de ligeira perda de foco nos detalhes. O *anti-aliasing* de fontes em bitmaps é produzido interpolando para baixo (em geral, para metade do tamanho) o desenho das letras.

ANTIQUA - Tradução alemã para os tipos classificados como Romanos.

ANVERSO

1. Branco ou frente da folha que se imprime com a primeira chapa.
2. O mesmo que frontispício

APARA - Sobra de papel cortado pela guilhotina por exceder a linha de corte de um trabalho impresso.

ARQUIVO ABERTO

1. Termo utilizado para arquivos de computador em formato nativo do programa utilizado para criação do trabalho. Ex.: .CDR, .PM6, .AI, .PSD etc.

2. Arquivo salvo no próprio programa criado como por exemplo arquivos de PageMaker/InDesigner, QuarkXpress, Illustrator ou CorelDRAW.

ARQUIVO FECHADO

1. Termo utilizado para arquivos de computador em formato nativo da impressora onde este será impresso. Ex.: PS, PRN, PDF etc.

2. Arquivo salvo para uma impressora PostScript com todas as configurações de saída de filme, lineatura etc.

ARTE - Conjunto das atividades relacionadas à apresentação gráfico-visual de anúncios, publicações diversas. Logotipos, etc., já em uma agência de P.P., diz-se da atividade, setor, ou departamento ou conjunto de profissionais encarregados de executar raffles, layouts, ilustrações, montagens, artes-finais, etc., para a produção de peças propaganda impressa a partir do desenvolvimento de ideias apresentadas ao setor de criação.

Qualquer original, preparado por um artista, fotógrafo ou qualquer meio mecânico. Livremente falando, qualquer original a ser reproduzido.

ARTE-FINAL - Ilustração em sua forma definitiva, seja ela de desenhos, símbolos ou letras.

ASCENDENTE - Parte de certas letras de caixa baixa que se estende acima do "x-height" de um alfabeto, nas letras d, b, f, h, k, l, t. (V. Descendente)

ASCII (Character Set) - A grande maioria das fontes é baseada no "*American Standard Code for Information Interchange*" (ASCII), que é limitado a 128 caracteres, mas que pode ser estendido até aos 256 (V. ANSI).

ATM - (Adobe Type Manager)

1. Aplicação informática responsável pela tecnologia de "anti-aliasing" das letras definidas pelo contorno ("outline"), melhorando a qualidade das fontes no tela. No entanto, ainda necessita, além do arquivo da fonte em contorno ("PostScript"), de pelo menos um arquivo em "bitmap".

2. Software que melhora a representação visual das fontes na tela e tem a função opcional de gerenciar as fontes instaladas.

AUTOFLOW - Fluxo automático de texto. Um recurso de alguns programas de editoração em que a colocação dos textos é feita automaticamente, sem intervenção do operador, de uma página para outra, segundo a orientação das colunas na publicação.

AUTOTRACE - Técnica de criar uma ilustração vetorial tendo como referência uma imagem bitmap. O Macromedia FreeHand tem esse recurso embutido. Há programas específicos para isso: CorelTrace e

Adobe Streamline. O Illustrator CS2 traz integrada esta função, assim como o Xara Xtreme.

B

BACALHAU - Emenda ou retoque feito em *layout*, arte-final ou fotolito, com objetivo de corrigir um defeito.

BADANA - Extensão das capas ou sobrecapas de um livro que se dobram para o interior.

BARRA - Traço horizontal nas letras A, H e T, por exemplo.

BASELINE - Linha imaginária que constitui a base da letra.

BANNER - É um espaço reservado para os anúncios nos sites. Um banner corresponde a uma imagem ou a uma animação contendo mensagens publicitárias. Os banners são, sem dúvida, o formato de propaganda mais utilizado na Internet. O objetivo principal de um banner é fazer com que a pessoa clique nele e obtenha mais informações relacionadas ao produto ou serviço anunciado.

BATER ESQUADRO - Operação de alinhamento das laterais da pilha de papel, em geral feita com auxílio de equipamento mecânico.

BENDAY - Aplicação de retícula no fundo ou em partes de um trabalho gráfico para dar uma tonalidade cinza (nos casos das peças em preto - e - branco) ou colorida. Também pode ser usada sobre letras ou ilustrações, para dar o mesmo efeito (de cinza ou colorido). Pode ser lisa ou com desenhos. Pode ser aplicada em percentagens de 5 a 95%.

BÉZIER - Um tipo de curva utilizada pelos programas de desenho/CAD e também para definir de que forma são feitas as curvas de uma letra ou fonte. A curva é estabelecida por determinados pontos que controlam como ela deve se comportar.

BICOLOR - Equipamento de impressão capaz de imprimir duas cores em cada entrada ou passagem; trabalho impresso com uso de duas cores.

BISAGRA - Parte flexível entre as duas laterais e a lombada da capa do livro.

BIT DEPTH OU PROFUNDIDADE DE COR - Se refere à cor ou escala de cinza de um pixel individual. Um pixel com 8 bits por cor dá uma imagem de 24bits. (8 bits X 3 cores são 24 bits.)

BITMAP - O método de armazenar informação que traça um pixel de imagem, bit a bit. Há muitos arquivos no formato de bitmap: .tiff, .tif, .jpeg, .jpg, .psd, .cpt, .rif, .raw, .bmp, .pict, .pict-2, .gif, .png, etc. A maioria arquivos de imagem são no formato de bitmaps. Este tipo de arquivo dá o serrilhado

(jaggies), quando examinado de perto, você pode ver a linha de pixels que cria os contornos. Imagens em bitmap são usadas por todos computadores. O desktop, ou a informação de tela de todas as máquinas Windows usam arquivos "bmp", enquanto o Macintosh usa arquivos "pict".

BLACK AND WHITE - (B & W) Preto - e - Branco, em inglês.

BLEED - Ver Sangria.

BLEND - Repetir um item, tantas vezes intermediárias quanto se queira, no espaço que o separa de outro item com as mesmas características. Se os dois são idênticos, as repetições intermediárias serão cópias exatas de ambos. Se há diferença entre eles, as repetições intermediárias serão etapas da transformação de um em outro, tanto das formas quanto da cor.

BLOW UP - Técnica Fotográfica, que consiste em ampliar o detalhe de uma fotografia.

BLUR (Desfoque) - Filtro digital que borra (desfoca, embaça) os detalhes.

BOBINA - Rolo contendo uma tira contínua de papel; em artes gráficas, elas destinam-se às máquinas rotativas.

BOLD - Grosso ou espesso em inglês. Termo utilizado para definir uma letra mais grossa que o normal.

BONECA OU BONECO - Simulação de tamanho exato de livro, revista ou outro produto similar; suas páginas podem conter imagens ou vir em branco.

BOTTOM - Medalhão, geralmente de plástico, com símbolo e frases sobre determinada marca, muito usado em promoções para identificar pessoas ou ser distribuído como brinde.

BOX - Espaço determinado no projeto para a alocação de algum elemento gráfico (texto, cor, imagem fotográfica, ilustração etc.); também pode ser chamado de *caixa*.

BOUNDING BOX (Caixa de Contorno) - Em softwares de ilustração e paginação, é uma caixa retangular que surge sobre um objeto selecionado; é formada por quatro ou oito pontos de controle que são manipulados para distorcer, mover, girar etc. Alguns problemas em arquivos fechados (rotação e corte irregular) podem ser resolvidos alterando-se os valores numéricos associados a esses pontos de controle.

BRAND - Marca, em inglês.

BROADSHEET - Jornal com a dimensão tradicional, isto é, formato grande com dimensões aproximadas de 37'57cm.

BROADSIDE - Folheto especialmente dirigido aos públicos internos (vendedores, funcionários) e intermediários (distribuidores varejistas) de uma empresa, geralmente explicando como será uma campanha de propaganda e/ou promoção.

BROCHURA - Encadernação simples, na qual os cadernos são cosidos ou colados na lombada de uma capa mole.

BROMOURO - Cópia fotográfica em preto e branco de cromo ampliado para ser colada no paste - up e indicar a ampliação necessária e os cortes corretos a serem feitos no fotolito ou rotofilme.

BROWSER - Programa que permite aos utilizadores aceder a documentos na *World Wide Web* (Internet) podendo ser de texto e/ou gráficos. Internet Explorer, FireFox ou Netscape Navigator, são alguns exemplos dos mesmos.

BUILT-IN FONTS - São as fontes residentes na impressora. No entanto, ao utilizar fontes não residentes, estas são automaticamente enviadas para a memória da impressora, de modo a serem utilizadas.

BULLET - Caractere utilizado para destacar itens em um texto ou uma lista. Na maioria das fontes, é uma bolinha (o).

BUREAU (Birô) - Escritório em francês.

1. Empresa especializada em tarefas de editoração eletrônica, incluindo partes ou todo processo de produção de artes, diagramação e pré-impressão.

2. Na área de mídia, a empresa dedicada exclusivamente à compra e venda de espaços publicitários.

C

CAD - Sigla de *Computer-Assisted Design* ou *Drafting*. A tecnologia usada para desenhar com precisão em aplicações para engenharia, arquitetura e indústria.

CABEÇA - Parte superior da página, podendo conter alguma informação. Denominado "header" em inglês.

CADERNO - Subdivisão de uma publicação para a impressão. Esta revista, por exemplo, é composta de um miolo formado de cinco cadernos, mais a capa. Cada caderno corresponde a uma folha de impressão em offset plana com quatro (ou um múltiplo de quatro) páginas de cada lado.

CADERNO REGIONAL - Suplemento publicitário (com ou sem adição de material editorial) das revistas e jornais nacionais veiculados em regiões específicas.

CAIXA ALTA (CA) - Letra maiúscula ou texto escrito todo em letras maiúsculas.

CAIXA ALTA E BAIXA (CAb) - Texto escrito em letras maiúsculas e minúsculas.

CAIXA BAIXA (Cb) - Letra minúscula ou texto escrito todo em letras minúsculas.

CALÇO - Em CMYK, é o reforço deliberado da tinta preta com alguma das outras tintas, para melhorar sua reprodução. Normalmente o calço do preto é feito com um pouco de ciano.

CALHA (Gutter) - Espaço em branco entre duas colunas dentro de uma página, ou o espaço em branco entre as manchas de duas páginas adjacentes numa publicação.

CALHAU - Anúncio ou comercial colocado no lugar de um espaço não - comercializado, que irá ficar em branco. Geralmente, os veículos colocam suas próprias mensagens, peças comunitárias ou de utilidade pública.

CAPA - Parte que envolve os diferentes cadernos do livro ou brochura, já ordenados e constituindo o seu miolo.

CAPITAL - Letra maiúscula.

CAPITULAR - Caractere em caixa alta, utilizado no início de um texto, sendo de corpo superior ao do texto.

CANAL (Channel) - Em bitmaps, é a informação relativa a cada uma das cores primárias. Por exemplo, o espaço de cor RGB tem os canais R, G e B, e o CMYK tem os canais C, M, Y e K.

CANAL ALFA(alpha channel) - Em bitmaps, é um canal adicional, invisível na imagem final, que usualmente é empregado para armazenar o recorte de transparência da imagem ou máscaras de seleções. Os formatos PSD (Photoshop), CPT (CorelPhotoPaint), RIF (CorelPainter) aceitam canais alfa.

CARACTERE - Símbolo que compõe uma tabela de codificação digital de arquivos (como a ASCII) ou fonte.

CARTAZ

1. Qualquer mensagem publicitária gráfica impressa em papel ou pintada diretamente sobre madeira, metal ou outro material.

2. Unidade padrão do meio outdoor.

CARTAZETE

Tipo de cartaz, de pequenas dimensões, geralmente utilizado no ponto-de-venda (supermercado, bares, lojas etc.)

CCD - *Charged Coupled Device* (Dispositivo de Acoplamento de Carga), um chip sensível a luz usado para captura de imagem. Na condição normal estes dispositivos capturam tons de cinza. Para captarem cor, são usadas duas formas, básicas, conforme o tipo utilizado. Em cameras compactas e backs "one shot" se usa o CCD "array", de matriz de filtros coloridos. Nos backs "three shot" é dada uma exposição para cada cor, alternado-se os filtros.

Nos CCD com matriz cor a cor é colocada na frente dos sensores de pixels uma máscara RGBG . (Vermelho, Verde, Azul, e Verde) O Verde extra é usado para criar contraste na imagem a ser captada. Os Pixels do CCD juntam a cor da luz e passam para o registro de troca para armazenamento.

CCD são sensores analógicos, a digitalização acontece quando os elétrons passam por um conversor de A \ D. Os conversores A/D convertem o sinal analógico em arquivo ou sinal digital .

CENTIMETRAGEM - Tamanho de um anuncio de jornal, definido quantos centímetros/coluna.

CENTIMETRO/COLUNA - Espaço - padrão de um jornal, ou seja , um centímetro de comprimento por uma coluna de largura.

CHAPADO - Trabalho gráfico com fundo uniforme de uma única cor.

CHECKLIST - Enumeração do conjunto de ações a desenvolver por forma a atingir determinado objetivo com a máxima eficiência.

CHECKING - Conferindo em inglês. Trabalho de conferência da efetividade da veiculação das mensagens autorizadas, incluindo a qualidade de impressão ou transmissão e a precisão de horário ou posição.

CIANO - A primeira letra da sigla CMYK: quadricromia, cor azulada

CÍCERO - Unidade de medida equivalente a 12 pontos (sistema Didot) ou seja, 4,512 mm.

CICLO DE VIDA - Termo utilizado para definir os períodos da vida de um produto, que começa com seu lançamento, passa pelo seu crescimento, sustentação, declínio e - muitas vezes - reciclagem.

CINTA - Tira de papel que se coloca envolvendo a capa do livro, com informação adicional.

CIRCULAÇÃO - Número de exemplares efetivamente colocados no mercado, isto é, corresponde à soma das vendas, assinaturas e ofertas (circulação = tiragem - sobras)

CIRCULAÇÃO CONTROLADA - Total da circulação gratuita dirigida a determinados segmentos da população ou grupos profissionais.

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - O mesmo que Circulação Controlada

CIRCULAÇÃO PAGA - Total da circulação efetivamente paga pelos leitores, através de assinaturas ou compra em bancas.

CHAPA DE IMPRESSÃO - Folha de metal gravada com a matriz das páginas do caderno a ser impresso.

CHAPADO - Na impressão, refere-se a áreas que são completamente cobertas com tinta ou áreas que imprimem 100% de uma determinada cor.

CLASSIFICADOS - Tipo de anúncio, geralmente de pequenas dimensões, publicados pelos jornais (e algumas revistas) agrupados por área de interesse (aluguel e venda imóveis, empregos, venda de automóveis etc.)

CLICHÊ - Placa de impressão de metal (zinco, ferro galvanizado), nylon ou plástico, com uma imagem ou texto gravada em relevo. É destinada à impressão em máquina tipográfica. Melhor definição: um carimbo gigante.

CLIP ART - Ilustração previamente preparada para ser empregada, em sua forma original ou modificada, em aplicações diversas (geralmente infografia). Os principais programas de ilustração costumam vir com bibliotecas de *clip art* gratuitas.

CLIPPING - Coleção de material impresso, de rádio ou TV com notícias sobre determinado assunto, empresa, pessoa ou marca.

CLIPPING PATH - Em um programa de desenho, significa o outline utilizado para selecionar uma porção de um objeto ou imagem que irá ser manipulado ou preenchido com determinado padrão ou cor.

CLOSE - Abreviação usual de Close Up. Fotografia ou tomada videocinematográfica em grande detalhe de um objeto, situação ou pessoa.

CMYK - Espaço de cor cujas cores primárias são C (Cyan, ciano), M (Magenta) e Y (Yellow, amarelo), mais o canal adicional K (preto). É o mais usado em impressos de papel. As cores da quadricromia.

COAT (Revestimento) - Diz-se de todo material depositado sobre uma superfície (verniz, tinta etc), para melhorar a qualidade de impressão.

COLOFÃO - Inscrição que pode estar no fim ou início do livro e que contém a informação sobre título, autor, editor, gráfico, tipografia, local e data de impressão, entre outros.

COLORSYNC - Software de gerenciamento de cor, desenvolvido pela Apple, que garante a consistência visual das cores entre os vários dispositivos de

imagem: monitores, scanners, impressoras. Para cada dispositivo é gerado um perfil ICC, documento que contém uma descrição da maneira como ele faz a representação das cores. Quando o arquivo é transferido entre dispositivos (por exemplo, da tela para a impressora), o *ColorSync* traduz as cores de acordo com as informações contidas nos respectivos perfis ICC.

COLUNA - Espaço em que se divide verticalmente a grelha de composição de uma página. o espaço entre as colunas é chamado goteira.

COMPOSIÇÃO - Texto de anúncio, cartaz ou outro material gráfico composto na sua forma final (no tipo, corpo e medidas definidas) e pronto para montar o paste-up. (Ver Tipo, Corpo, Paste-Up e Fotocomposição.)

COMPOSITE - Arquivo que representa páginas coloridas que contém figuras especificadas em termos de vermelho, verde e azul (RGB - Red, Green e Blue) ou Cian, Magenta Amarelo e Preto (CMYK - Cyan, Magenta, Yellow e Black) em oposição a página que representam separações em níveis de cinza em preto e branco.

COMPRESSÃO

Processo de compactar dados digitais, imagens e texto. Algoritmos de software varrem a imagem raster para compactar arquivos (de uma perspectiva de armazenamento de arquivo). O fator de compressão depende muito da qualidade da imagem e da densidade da informação. Existem duas formas básicas de compressão em imagem, com ou sem perda de informação (qualidade de imagem). O padrão de compressão LZW usado em TIFF e GIF não tem perda, enquanto nos JPEG existe perda de informação.

COMPRESSÃO TONAL - Técnica utilizada em colorimetria para transformar as cores que estão fora do *gamut* de um equipamento por cores que poderão ser reproduzidas.

CONDENSADO - Estilo de tipo em que a sua largura é menor do que no tipo normal. Pode ser produzido através dos recursos dos programas de editoração eletrônica, ou serem parte de uma família de tipos. (Por exemplo, *Helvética Compressed*).

CONEXÃO - Ligação entre computadores feita a distância que permite a comunicação de dados entre ambos.

CONTATO - Cópia fotográfica feita a partir do contato do negativo com o papel fotográfico, ao invés de se utilizar um projetor para ampliações ou reduções.

CONTA-FIO - Uma lente de aumento, serve para examinar a qualidade dos pontos meio-tom.

COPIÃO - Primeira seleção montada das cenas - filmadas - de um comercial, para análise e decisão final sobre a montagem ou edição.

COPY - Texto em inglês. Termo utilizado para definir o texto de uma peça publicitária.

COPYDOT - Processo de digitalização dos filmes/chapas de um trabalho já impresso, gerando um arquivo que é cópia fiel dos pontos existentes para cada uma das chapas. Normalmente é gerado um arquivo DCS com a quantidade de plates (canais) necessários para a reimpressão, e estes são armazenados em formato bitmap de 1 bit de profundidade de cor. Alguns equipamentos permitem a alteração/edição desses arquivos após digitalizados, porém ainda com ferramentas muito rústicas e longe das facilidades disponíveis no tratamento de imagens.

COPYRIGHT - Direito exclusivo de reproduzir por qualquer meio material, publicar ou vender obra literária, artística, técnica ou científica. O copyright é um direito desfrutado pelo autor ou seus descendentes, mas pode ser negociado ou cedido a um editor ou a qualquer outro beneficiário. Abrevia-se com o símbolo ©, ao qual se seguem o nome do beneficiário e a indicação do ano da primeira edição.

COR ESPECIAL - Tinta de cor diferente das cores de impressão básicas. Pode ser obtida com as misturas das tintas de impressão. Ex.: Pantone 485C, Ouro, Prata.

CORES PRIMÁRIAS ADITIVAS - Cores fundamentais da luz visível pelo olho humano (vermelho, verde e azul). Correspondem às cores básicas que, quando sobrepostas (processo aditivo), formam a luz branca. A mistura dessas cores duas a duas resulta nas cores secundárias aditivas (vermelho + verde = amarelo, vermelho + azul = magenta, verde + azul = ciano). São em RGB as imagens mostradas por equipamentos que emitem luz própria, como o CRT (tubo de raios catódicos) ou o LCD (cristal líquido); ou seja, monitores e aparelhos de TV.

CORES PRIMÁRIAS SUBTRATIVAS - Cores fundamentais dos sistemas de impressão e métodos de produção de imagem que utilizam tintas. São: ciano (azul turquesa), magenta (cor de rosa) e amarelo. As tintas funcionam como filtros que subtraem da luz branca certas cores e refletem suas cores complementares. As cores que observamos são as restantes desse processo. Prova disso é que, sem a luz, não enxergamos a cor do objeto. A mistura das cores primárias subtrativas, duas a duas, resulta nas cores secundárias subtrativas (magenta+ciano=azul, magenta+amarelo=vermelho, amarelo+ciano=verde). As cores primárias subtrativas são as secundárias

aditivas, e as cores secundárias subtrativas são as primárias aditivas. O trio ciano+magenta+amarelo deveria sozinho reproduzir todas as cores subtrativas, mas misturas totais das três tintas não produzem o preto, além de sobrecarregarem a impressora. Por isso, existe uma quarta tinta de impressão, a preta, que substitui parcialmente as outras três nos tons mais escuros.

CORPO - Em termos gráficos, o tamanho da letra que é utilizada na composição dos textos, medido em pontos.

CORREÇÃO DE CORES - Método manual ou eletrônico para melhorar (ou estragar) a formação de cores em uma imagem digital, na impressão etc. Exemplos: ganho de ponto, máscaras de ajuste e realce, retículas etc.

COUCHÉ (Termo francês) **CUCHÊ** (Aportuguesado)

1. Tipo de papel, coberto por uma fina camada de gesso, indicado para impressos de boa qualidade.
2. Tipo de papel que contém gesso em sua massa, com textura muito fina. Pode ser brilhante, semibrilho ou opaco.

COM - Ver Custo por Mil.

CRIAÇÃO - A dupla de criação - redator e diretor de arte trabalhando em conjunto é a célula dos departamentos de criação. Ao receber o briefing do atendimento, a criação inicia o seu trabalho. Muitas vezes o pessoal de dia, pesquisa e atendimento participa do processo de brainstorming. Primeiro, relaciona-se toda e qualquer idéia sugerida, sem nenhuma preparação em avaliar a sua adequação. Em uma segunda etapa, faz-se a seleção escolhendo-se as opções que melhor se enquadram dentro do briefing. Esta avaliação de idéias, é importante verificar se elas podem ter vida longa, transformando-se em filão de campanhas, ou se não permitem um desenvolvimento para continuidade, esgotando-se em si mesmas. Dentro do departamento de Criação, podem-se distinguir vários setores e cargos: Diretor Geral de Criação - Tudo o que é criado passa por ele antes de sair do departamento. Além da função técnica, faz também a administração do seu departamento. Dupla de Criação - São aqueles que realmente fazem a campanha. É composta pelo redator

CROMALIN - Prova de alta qualidade para materiais em fotolito. Utiliza uma base laminada fotossensível que, após exposição à luz protegida pelo fotolito, mantém áreas de cola (onde não houve exposição) em ação para receber um pó pigmentado conforme a tinta de impressão correspondente. Esse processo repete-se para cada cor e é finalizado com uma camada protetora brilhante.

CROMO - Fotografia em cores em positivo (tipo dispositivo) de alta qualidade técnica para ser reproduzida em anúncios, cartazes e outros materiais

gráficos. É mais utilizado que o negativo na fotografia profissional.

CROPAR (*Crop* termo em inglês) - Ato de cortar parte de uma fotografia ou ilustração de forma que ela se encaixe em uma área pré-determinada ou fique com um enquadramento desejado.

CUPONAGEM - Técnicas de comercialização de produtos ou serviços através da veiculação de anúncios ou encartes nos quais é inserido um cupom, de modo a ser resposta direta do consumidor.

CURSIVO - Estilo de tipo imitando um manuscrito, com os caracteres conectados uns aos outros por ligaduras.

CUSTO

1. Valor de qualquer espaço, trabalho de produção, material e projeto publicitário.
2. Valor em dinheiro da unidade de espaço (página, centímetro/coluna, cartaz, segundos, etc.) comercializada pelo veículo.

D

DCS (*Desktop Color Separation*) - Uma opção para salvar arquivos EPS previamente separados, pela qual são gerados cinco arquivos para cada imagem em CMYK. Cada um dos arquivos adicionais corresponde a uma das cores primárias: ciano (extensão .C), magenta (extensão .M), amarelo (extensão .Y) e preto (extensão .K). O quinto arquivo retém o nome original e leva a extensão .EPS. Esse arquivo é de baixa resolução e é utilizado somente para a prismagem no programa de paginação. Na hora do fechamento do arquivo, o que o programa imprime são os quatro arquivos de separação da imagem. Ferramentas digitais para a criação de publicações impressas em computadores pessoais - em contraste à editoração tradicional com equipamentos de fotomecânica, muito mais cara e complexa.

DEADLINE - Prazo limite ou final, em inglês. Utilizado para definir o prazo máximo para a realização de qualquer tarefa publicitária.

DESENHOS VETORIAIS (curvas) - A descrição geométrica de uma figura por meio de coordenadas de pontos e curvas (vetores). Freehand, Illustrator, CorelDraw, Xara são programas vetoriais.

DENSIDADE

1. Medida do grau de escurecimento do filme, papel fotográfico ou tinta impressa.
2. Quantidade relativa de luz que atravessa uma área de um filme ou que é refletida por uma área de uma imagem em suporte opaco.

DENSITÔMETRO

1. Instrumento de controle usado para medir a densidade óptica em cromos e opacos. O densitômetro de reflexão mede a quantidade de luz

refletida; o densitômetro de transmissão analisa a quantidade de luz que atravessa o suporte transparente.

2. Instrumento eletrônico de controle de processo utilizado para medir a densidade óptica de transparências positivas e negativas, chapas e de reproduções impressas.

DESCENDENTE - Parte de certas letras de caixa baixa que se estende abaixo da "baseline" de um alfabeto, nas letras g, j, p, q, y. (V. ascendente)

DESIGN - Ou desenho industrial é a especialidade profissional voltada para o projeto e desenvolvimento de produtos manufaturados, com ênfase nas características de uso e/ou perceptivas dos objetos. A técnica do desenho industrial considera os materiais utilizáveis, os meios de produção, as embalagens etc, tendo em vista não apenas as necessidades de produção em massa, mas também os aspectos funcional e estético.

DETERMINADO - Espaço publicitário determinado (o veículo deve publicar o anúncio ou veicular o comercial exatamente no espaço definido pelo anunciante).

DIAGRAMAÇÃO

1.Divisão e ordenação do espaço de uma página, cartaz ou outra peça gráfica entre imagens e textos.

2.Ordem da publicação de matérias e anúncios em uma revista ou jornal.

DIAGRAMADOR - Profissional que faz a diagramação (Ver Diagramação).

DIÁRIO

1.Jornal que circula diariamente.2.Em pesquisa, caderno em que a pessoa pesquisada de forma continua faz as anotações a respeito do que está sendo pedido (como hábito de consumo de mídia, de produtos etc.)

DIFUSÃO - Número de exemplares de uma certa publicação que são vendidos pelos diferentes canais possíveis.

DIRECT TO PLATE ou **COMPUTER TO PLATE (CTP)** - método de impressão que dispensa fotolito. A imagem a ser reproduzida é aplicada diretamente sobre a chapa de impressão.

DIRETOR DE ARTE - Profissional de criação especializado em desenvolver a parte visual e gráfica das peças publicitárias, responsável por desenvolver e coordenar a execução gráfica dos trabalhos. Deve conhecer todos os procedimentos gráficos, desde a concepção até a finalização.

DIRETOR DE FOTOGRAFIA - Em produção, denominação do fotógrafo do comercial.

DIRETOR DE PRODUÇÃO - Em produção, denominação do profissional encarregado da direção-geral da parte de produção.

DISPLAY - Peça Promocional e de merchandising que exibe uma mensagem e um produto no ponto-de-venda. Peça de propaganda ou promoção de vendas, impressa sobre cartão ou papelão ondulado, exibida em pontos-de-venda (balcões, vitrinas, prateleiras) para chamar a atenção do consumidor.

DITHERING (simulação ou pontilhado) - Algoritmo matemático que simula níveis intermediários em imagens e profundidade de cor de 1 bit (só preto e branco) ou em dispositivos de saída que não geram meios-tons, como as cabeças de impressão de impressoras de jato de tinta. O dither é um padrão aparentemente aleatório de pontos que, visto de longe, cria a ilusão de tons intermediários. A impressora mencionada cria o dither automaticamente ao imprimir; programas como o Photoshop podem criá-lo diretamente na imagem digital.

DOWNLOAD - Ato de "baixar" e carregar um programa, ou seja, fazer a transferência de arquivos de um computador remoto para seu computador através da rede.

DPI (*Dots Per Inch*)

1. Pontos por polegada. Unidade de medida de resolução.

2. Refere-se ao número de pontos por polegada (dpi, dots per inch). Quanto maior for o número de dpi, ou resolução, mais fiel ou melhor será a qualidade da impressão. O nível de resolução pode dizer a respeito ao que se vê também na tela. Um monitor com alta resolução exibe imagens de maior acuidade visual. Uma impressora laser normalmente trabalha com 300 dpi. Existem algumas que vão acima dessa resolução. Um equipamento fotocompositor geralmente trabalha com 1.270 dpi, mas pode chegar a números superiores a 3.000 dpi, prestando-se a serviços de separação de cores, por exemplo.

DRAFT - O mesmo que rascunho.

DRIVER DA IMPRESSORA - Programa de computador que contém as informações básicas para que um determinado aplicativo consiga imprimir um arquivo. Cada tipo de impressora normalmente necessita de um driver próprio.

DSLR (*DIGITAL SINGLE-LENS REFLEX CAMERA*) - Câmera digital que utiliza um sistema automático de espelhos e um pentaprismo para enviar a imagem da objetiva para o visor na parte posterior.

DTP (DeskTop Publishing ou editoração eletrônica) - Ferramentas digitais para a criação de publicações

impressas em computadores pessoais - em contraste à editoração tradicional com equipamentos de fotomecânica, muito mais cara e complexa. O DTP começou oficialmente em 1985, com a confluência de quatro tecnologias: computador Macintosh; impressora laser; fontes e linguagem de impressão Adobe PostScript; e o programa de paginação Aldus (depois Adobe) PageMaker. Juntaram-se à categoria outros programas de paginação, como o QuarkXPress e o substituto do Pagemaker para aplicações editoriais, o Adobe InDesign; programas de edição de imagem, como o Adobe Photoshop; programas de ilustração vetorial, como o Macromedia FreeHand, CorelDRAW, Adobe Illustrator e Canvas; e vários acessórios de hardware - scanners, diversos outros tipos de impressoras, imagesetters etc. Atualmente, a categoria DTP inclui também equipamentos de impressão Direct-to-Plate/Printer (direto para a chapa/impressão).

DUPLA

1. Conjunto de um diretor de arte e um redator que trabalham juntos para desenvolver peças publicitárias e promocionais. Unidade básica da criação de uma agência. Às vezes, pode haver o trabalho conjunto de mais elementos de uma área ou outra e o auxílio do diretor e do compositor. (Ver Criação, Compositor, Diretor, Diretor de Arte e Redator.)

2. Abreviação de Página Dupla.

DYE-SUBLIMATION - Sublimação de cores. Usada em impressoras coloridas, que imprimem em tom contínuo, semelhante a uma fotografia. Serve também como prova digital da editoração eletrônica, sem que se tenha a saída de filme.

E

EDITORA - Empresa que edita revistas ou jornais.

EGÍPCIO - Classificação dos alfabetos cuja característica é terem hastes uniformes e serifas retangulares e de aspecto pesado.

EMEBEDED FONTS - Fontes que são distribuídas junto de um documento "portátil", mas que não são acessíveis para utilização fora dessa mesma visualização.

EMULSÃO - Em um filme fotográfico, é uma suspensão em gelatina de sais de prata sensíveis à luz. O tamanho e a densidade dos cristais desses sais de prata na emulsão são relacionados diretamente com o fator de granação/ sensibilidade do filme.

ENCAIXE

1. Em mídia, disponibilidade de tempo ou espaço em um veículo.

2. Em direção de arte, espaço aberto em um texto para colocar a ilustração, ou vice-versa.

3. Em artes gráficas, técnica de justapor dois ou mais cromos em uma matriz (fotolito, rotofilme etc.).

4. Ato de preencher uma janela com anúncio ou comercial. (Ver Cromo, Fotolito, Janela e Rotofilme.)

ENCALHE - Diferença entre a circulação e a tiragem de um veículo impresso, que é devolvida pelas bancas e distribuidores às editoras. (Ver Circulação e Tiragem.)

ENCARTE - Peça publicitária gráfica encartada em jornal e revista, no formato do veículo ou não. Serve para dar visibilidade à mensagem, ser destacada pelo consumidor ou para atingir segmentos geográficos e de mercado.

ENTRELINHA (*Leading*) - Distância que vai desde a base de uma linha de texto até a base da linha seguinte. O termo vem dos tempos dos tipos de chumbo e se refere à chapa de chumbo (lead) que fazia o espaçamento.

EPS (*Encapsulated Postscript*) - um padrão de arquivo de computador criado pela Adobe para impressoras que são a definição matemática de formas, linhas, cor e espaço. Este é um dos modos mais precisos para descrever uma fonte ou imagem, mas cria tamanho de arquivo grande. O formato EPS também arquiva informação de descrição de página para arquivo. Usado em todos os computadores, nem todos os arquivos Post Script são iguais, nem compatíveis entre programas.

ESCALA DE CORES - Em artes gráficas, as provas de cada uma das cores (geralmente quatro) de uma matriz para impressão. Serve para que o impressor possa controlar a impressão de cada cor de modo a atingir um bom resultado final.

ESCALA DE GRIS - Tabela das tonalidades de cinza possíveis entre o branco e o preto de determinado processo de impressão ou de reprodução fotográfica.

ESCALA CROMÁTICA - Amostra de cores impressa por gradação de tonalidade, normalmente em diversos tipos de suportes, com as cores mais comuns. Serve para comparação em trabalhos policrômicos.

ESCALA DE CORES - Tabela impressa que contém as diversas combinações de tonalidades de cor.

ESCALA EUROPA - Designação da escala resultante das combinações entre as cores primárias de impressão (ciano, amarelo, magenta e o preto).

ESCANEAR - Neologismo que, em língua portuguesa, é originário do verbo inglês *to scan*, significa passar uma imagem de meio físico para digital com o auxílio de aparelho de captura de imagens.

ESPACEJAMENTO - Em artes gráficas, espaço entre as letras de um título ou texto.

ESPAÇO DE COR - Na manipulação digital de imagens, é cada um dos vários métodos de codificação de cores. Existem espaços de cor com uma só variável (Grayscale), duas (Duotone), três (RGB, Lab, HSB, HSL, HLV), quatro (CMYK) e outros ainda. O gamut de cada espaço de cor depende da definição de suas variáveis: comprimentos de onda fixos no RGB, pigmentos padronizados no CMYK, cores específicas no Duotone, características diversas da luz em HSB, HSL e HLV.

ESPAÇO EME - Espaço correspondente ao comprimento da letra M da fonte utilizada no momento.

ESPAÇO ENE - Espaço correspondente à metade do comprimento da letra M da fonte utilizada no momento. Originalmente era o mesmo que a largura da letra N, daí o nome.

ESPECTOFOTOMETRO - Instrumento utilizado para medir a intensidade relativa de radiações de todo o espectro refletido ou transmitido por uma amostra impressa. Após a medição, é feita uma conversão da leitura para os valores colorimétricos CIELab.

ESPELHADO - Em mídia, designa anúncio em uma página anterior ou posterior a outra que também tem uma mensagem publicitária.

ESPELHO - Esquema de diagramação de uma publicação, traçado básico de página de livro ou publicação periódica que serve de base para a sua paginação (ver Diagramação).

ESPESSURA - Distância entre as faces do papel. Para papéis da mesma composição, é proporcional à gramatura.

ESTANDE - Pequena Construção ou balcão armado em feiras ou locais públicos para servir de base a promotores e divulgadores de uma empresa ou marca, receber clientes e prospectos, expor mercadorias e amostras, material publicitário ou promocional.

ESTÊNCEL - Folha recortada de modo que, ao ser aplicada sobre uma superfície lisa e passando-se tinta por cima, reproduz a gravura nela traçada.

EXECUÇÃO - 1.Em mídia, a tarefa de executar a mídia, emitindo as autorizações e enviando os materiais.

2.Na criação, a tarefa de dar forma física as mensagens.
(ver Autorização e Produção.)

ESTOCÁSTICA - Reticula de impressão especial na qual cada ponto tem uma dimensão fixa e densidade variável de acordo com o tom. Os algoritmos mais recentes podem variar o tamanho do ponto juntamente com sua quantidade. Produz excelentes resultados, muito próximos à aparência dos grãos de pigmento de uma fotografia, porém exige um cuidado maior e equipamentos específicos.

EVA - É uma mistura de alta tecnologia de Etil Vinil Acetato - Borracha não-tóxica que pode ser, e é, aplicada em diversas atividades artesanais. As placas de E.V.A., são de grande versatilidade, laminados em diversas cores, espessuras, durezas e densidades. Esse material é comumente trabalhado com tesouras, estiletes, colas, facas gráficas.

EXPORTAR - O ato de enviar um arquivo por um mini-aplicativo especializado para imprimir, comprimir, ou para mudança de formato de arquivo especializado.

F

FACA - Em artes gráficas, instrumento de metal montado em madeira que serve para recortar impressos em formatos especiais.

Estampa com os contornos e dobras de uma peça gráfica, utilizada pela gráfica para fazer o seu recorte. Existem diversos formatos de facas previamente prontos, porém quando se necessita a confecção de um modelo novo, há duas maneiras de produzi-lo. Manualmente: após feito o fotolito, um processo eletrônico gera uma prova heliográfica que serve de referência; esta é colada sobre uma superfície de madeira (antes da exposição), a qual é cortada por uma serra tico-tico para a colocação no lugar das lâminas de corte e vinco. Eletronicamente: o processo é similar, mas o corte da madeira é feito diretamente por um raio laser, aumentando a precisão e a rapidez.

FAC-SÍMILE - Reprodução exata de um documento na sua forma de impressão original.

FAIXA - Mensagem publicitária impressa em faixas de pano ou plástico, colocadas nas ruas, fachadas de prédios ou em seu interior.

FAIXA DE GÔNDOLA - Tipo de faixa específica para gôndolas de supermercados (Ver Gôndola).

FAMÍLIA - Em tipografia, é o conjunto completo de fontes de um determinado tipo, incluindo todas as variações de estilo da fonte (regular, itálico, bold, condensado, estendido etc.).

FECHAMENTO - Prazo limite para aceitação de anúncios e comerciais pelos veículos.

FIBRA ÓPTICA - Tipo de cabo feito de cristal de quartzo muito fino que permite o tráfego de grandes pacotes de informações em altíssima velocidade (2 bilhões de bits por segundo-2GBp/s) por meio de luz de 850 nanômetros de comprimento de onda,

(multimodo) e que em geral é utilizado para a troca de pulsos informativos entre grandes distâncias (aproximadamente 2.5 Km).

FILETE - Traço ou conjunto de traços, de espessuras variáveis que se usam na composição gráfica das páginas.

FILIPETA OU VOLANTE - Impresso de pequenas dimensões distribuído para propaganda comercial ou política.

FILME - Em DTP, a palavra é usada frequentemente com o mesmo sentido de fotolito.

FILMLESS - Sistema de arquivo eletrônico usado principalmente nas tecnologias direct to plate e direct to press.

FILTRO - Em software, é um módulo de um programa de manipulação de imagem que produz um efeito específico (Sharpen, Blur, Median etc.); em fotografia, é um acessório que altera a captação da imagem pela lente; em eletrônica, é um circuito que bloqueia certas frequências e deixa passar outras.

FIXADOR - Solução, usualmente tiosulfato de sódio, na qual são imersos filmes e cópias depois do processo de revelação para que os haletos de prata não expostos contidos na emulsão sejam convertidos em produtos solúveis que serão removidos pelo processo de lavagem. Isso evita a deterioração da imagem revelada.

FLATNESS - Em programas que trabalham com vetores, é um coeficiente que determina a qualidade relativa das curvas dos objetos. As curvas vetoriais, para serem impressas, são convertidas em sequências de pequenos segmentos de reta. Quanto maior o *flatness*, maiores são esses segmentos de reta; conseqüentemente, pior é a qualidade do contorno.

FLEXOGRAFIA - Sistema de impressão direta com fôrmas flexíveis em alto relevo, feitas de borracha ou foto polímero. Usa tinta semelhante à utilizada pelo sistema de rotogravura. Iniciou-se nos EUA, em 1853.

FOLDER

1. Folheto publicitário constituído de uma única folha, com uma ou mais dobras.
2. Anúncio de revista com uma ou mais dobras. (Ver Folheto)
3. Impresso constituído por uma única folha, com uma ou mais dobras

FOLIO - Folha de quatro páginas de impressão.

FOLHA DE FLANDRES - É uma liga metálica de folha de ferro-estanhado, que não é encontrada na natureza, mas obtida mergulhando-se uma lâmina de ferro (isenta de ferrugem) em estanho fundido, o que

a deixa revestida pela camada protetora de estanho. Esta camada aumenta a resistência a corrosão possibilita a utilização desta liga na fabricação de latas para acondicionamento de certos alimentos e de óleos, além de utensílios domésticos e industriais.

FOLHETO - Peça publicitária gráfica com uma ou mais folhas.

FONTE

1. Em artes gráficas, o nome e formato de uma família de tipos: letras. (Ver Tipos)
2. Arquivo de computador que possui a descrição matemática de um determinado tipo de letra. A partir desta descrição matemática o computador pode escalar este tipo para qualquer tamanho imaginável. Atualmente, os formatos de arquivos de fontes escaláveis mais difundidos são o TrueType, da Apple e Microsoft; o Type1 da Adobe Systems; e o recém desenvolvido OpenType da Adobe e Microsoft.

FONTE DE IMPRESSÃO - Arquivo de fonte PostScript que contém informação específica para o desenho do tipo na impressora.

FONTE DE TELA - Arquivo auxiliar de fonte PostScript com informação específica para o desenho do tipo na tela do computador. No Mac, é costume vir dentro de uma maleta (suitcase) com o nome da fonte. Nos PCs Wintel, é um arquivo com extensão .PFB.

FORMATO - Dimensões e forma de um anúncio ou peça gráfica, tempo e tipo de um comercial de rádio, TV ou cinema.

FOTOCOMPOSIÇÃO - Sistema de composição eletrônica de textos, desenvolvido nos anos 60, que utiliza matrizes físicas (filmes) ou abstratas (impulsos eletrônicos) para gerar textos em uma emulsão fotográfica (filme ou papel). Caiu em desuso com o desenvolvimento do

DTP - (Ver Composição).

FOTOGRAVURA - Em artes gráficas, matriz em metal ou plástico de uma fotografia ou ilustração. Técnica em desuso, pois foi substituída pelo fotolito ou rotofilme. (Ver Fotolito e RotoFilme.)

FOTOLITO

1. Filme de artes gráficas, que serve como matriz de impressão off-set e sobre o qual são reproduzidos textos, fotos e ilustrações originalmente em papel ou cromo.
2. Empresa que executa serviços de fotolito. (Ver Cromo, Off-Set e Rotofilme).
3. Filme transparente contendo em preto a imagem exata a ser impressa para cada uma das tintas (CMYK). É gravado por processo óptico a *laser* numa *imagesetter*, vindo tanto de um arquivo digital, ou por processo fotográfico, ou sendo escaneamento

de um original físico.

O processo de impressão direct-to-plate elimina a necessidade de fotolito.

FOTOLITOGRAFIA - A arte e técnica de fazer fotolitos.

FOTO TRAÇO - Reprodução fotográfica de textos e imagens em alto-contraste, sem tonalidades cinza (*grayscale*/escala de cinza).

FOTÔMETRO - Aparelho usado em fotografia e fotomecânica para medir a intensidade de uma fonte luminosa e determinar o exato tempo de exposição do filme que será necessário para a perfeita reprodução. Quase todas as atuais máquinas fotográficas têm fotômetro embutido; alguns leem a luz recebida através da lente, outros fazem diretamente.

FOTOPOLÍMETRO (*Letterset*) - Sistema de impressão indireta em relevo (offset a seco), no qual o elemento impressor é constituído de material fotopolimerizado. Entre as vantagens estão a não necessidade de molhar a chapa, maior gama de tintas, extrema facilidade de transferência de tinta e altíssimas tiragens.

FOTOGRAVURA - Suporte de metal ou plástico, utilizado como matriz em sistemas de fotocomposição. Atualmente substituída pelo fotolito.

FOTOLITROGRAFIA - Toda a arte e técnica empregada na produção de fotolitos e filmes. Palavra formada do grego: "escrever" (grafia) em "pedra" (lito) utilizando "luz" (foto).

FREE-LANCE

1. Trabalho realizado de forma temporária, sem vínculos empregatícios.
2. Ato de fazer trabalho free-lancer.
3. Profissional que trabalha no regime de free-lancer.

FRONTISPÍCIO - Página no começo do livro, que se segue ao anterosto e na qual figura o título da obra, nome do autor, editor e outros dados, que se faz acompanhar com uma ilustração. Foi muito usado nos séculos XVII e XVIII.

FUSÃO

1. Ação de fundir duas ou mais imagens em uma, seja em fotografias estáticas, cinematográficas (filmes) ou videográficas (videoteipe).
2. Justaposição de duas ou mais imagens para a produção de outra.
3. Nome genérico para o efeito de fusão entre duas ou mais imagens. Também conhecido por montagem, colagem ou trucagem.

G

GAMA (Gamma) - Relação matemática entre a distribuição do brilho nos tons na entrada e na saída

de um dispositivo de imagem. É expressa como um coeficiente numérico ou como um gráfico em curva. Monitores de vídeo trabalham com uma curva de gama que escurece a imagem; o coeficiente exato varia conforme a calibração do monitor. A calibração implica, entre outras coisas, achar o valor exato de gama para cada uma das cores primárias R, G e B.

GAMUT - Amplitude máxima de reprodução de cores e luminosidade de um meio de reprodução de imagem (filmes, vídeos, fotografias e impressão). Todos esses meios têm gamuts consideravelmente menores que o espectro da luz visível; é necessário trabalhar levando em conta essas limitações, especialmente ao converter o material de um meio para o outro, administrando as inevitáveis perdas.

GANHO DE PONTO (dot gain) - Efeito que se observa nas impressoras offset e chapas. É a tendência de os pontos da retícula crescerem por ação de agentes externos; quando não controlados, causam variações visíveis de tonalidade. As preferências do Photoshop incluem um ajuste para a compensação prévia automática do ganho de ponto em imagens CMYK.

GAUSSIAN BLUR - Filtro de Blur com controles de ajuste.

GCR (Gray Component Replacement) - Método de separação de imagens CMYK que pode transferir o componente cinza das cores para a tinta preta (K) sem distorcer os matizes de cores. A intensidade de ciano, magenta e amarelo nos tons escuros são diminuídos e o preto é reforçado numa razão equivalente. O GCR melhora a nitidez e o contraste dos detalhes nas sombras, produz cores mais consistentes, evita a sobrecarga de tinta na impressora e é econômico (a tinta preta é mais barata). Ele reduz a porcentagem total de ponto impressa, além de prover um controle independente para o preto.

GERADOR DE FONTES - Em tipografia digital, é o programa utilizado para a criação, conversão e edição de fontes. O Fontographer, da Macromedia, monopoliza a área desde os anos 80, mas o FontLab da Pyrus vem ganhando espaço entre os profissionais do tipo.

GERENCIAMENTO DE COR - Sistema de compatibilização entre dispositivos digitais de imagem para criar consistência na representação das cores entre eles. Os gerenciadores de cores mais conhecidos são o ColorSync da Apple, e o DCS da Kodak.

GIF (Graphic Interchange Format) - O padrão GIF foi criado pela CompuServe, sistema on-line americano, com milhões de usuários. A necessidade da CompuServe era conseguir um formato próprio de

arquivo, que facilitasse o armazenamento e a transmissão de imagens digitais via modem. Dessa forma, o GIF foi concebido para trabalhar com um método de compactação chamado LZW, de compactação interna sem perda de dados, nenhuma informação a respeito da imagem é descartada. Não existe perda de qualidade visual. Qualquer imagem GIF possui este método de compressão interna, que é "transparente" ao usuário. O formato GIF suporta imagens de, no máximo, 8 bits de dados por pixel. Na prática isso significa que as imagens podem ter até 256 cores - não mais do que isso. Imagens que requerem uma alta fidelidade de cores não devem ser em GIF, pois 256 cores não são suficientes para reproduzir com todas as nuances de cores. O GIF é um dos padrões de imagens mais utilizados na Internet.

A versão mais moderna do formato, GIF89a, pode armazenar uma sequência de imagens no mesmo arquivo, formando animações simples, e tem a opção de assinalar pixels transparentes.

Adobe Photoshop e ImageReady e o Macromedia Fireworks exportam GIFs otimizados automaticamente. O CorelPhotoPaint gera animações em Gif animator.

GOTEIRA - Espaço medido entre duas colunas. No entanto, também é chamada goteira, ao lado oposto ao lombo do livro, quando deste lado, as folhas têm uma forma côncava.

GÓTICA - Tipo de letra utilizada a partir do século XV, nomeadamente por Guttenberg.

GRAMATURA OU GRAMAGEM DO PAPEL

1. Massa do papel por metro quadrado de superfície, expressa em gramas (g/m²). Quanto mais alto o valor da gramatura, mais denso e/ou grosso é o papel. Usa-se baixas gramaturas no miolo de livros ou revistas e altas gramaturas em capas, folhetos, calendários e demais materiais que exijam alta resistência externa.

2. Termo utilizado para definir a espessura de uma folha de papel, em g/m² (gramas por metro quadrado), ou seja, quanto mais pesado é o papel, maior será sua espessura.

GRANULAÇÃO - Aparência "arenosa" de uma imagem de negativo, slide ou impresso, resultante da distribuição irregular dos grãos de prata que se aglomeram durante a revelação do filme. Ampliações muito grandes podem evidenciar essa tendência mesmo em cromos considerados ótimos. Quanto maior a sensibilidade do filme, maior a facilidade de acontecer a granulação. Pode ser causada também por ajustes da exposição ("puxada"), revelação, características de contraste, superfície do suporte, estrutura da emulsão.

GRÃO - Microdepósito de prata metálica, sensível à luz e formador da imagem fotográfica. O grão

individual nunca é visível, mesmo numa ampliação, mas a sua distribuição dentro da emulsão causa superposições ou aglomerações que podem resultar em granulação na imagem final.

GRAPHIC TABLET (Mesa Digitalizadora) - Dispositivo utilizado em substituição ao mouse para desenho no computador. É uma superfície sensível na qual é possível "desenhar" com uma caneta especial. Usando-se o software apropriado (Painter ou Photoshop), é possível simular infinitos tipos de pincéis; a sensibilidade à pressão na caneta pode (ou não) alterar as propriedades do traço em tempo real.

GRAYSCALE

1. Formato de codificação de imagens em tons de cinza, utilizado principalmente com fotos em preto e branco.

2. Imagem bitmap em tons de cinza, geralmente um canal de 8 bits (256 tons).

GREEK TEXT (texto grego) - Recurso dos programas de paginação, quase em desuso, de substituir na tela os textos com caracteres muito pequenos por uma área uniforme cinza, acelerando a visualização.

GRELHA - Estrutura geralmente ortogonal, formada por retículas, onde se compõe texto e imagem para organizar as páginas.

GRIFO - O mesmo que itálico (Ver Itálico).

GRID (Grade) - Quadriculado, visível ou não na tela, utilizado para facilitar o alinhamento e posicionamento de objetos em programas de DTP.

GUARDA - Aba exterior que se dobra para dentro de uma publicação ou livro, de forma a proteger a capa.

H

HD - Abreviação de corrente de Hard Disk - Disco Rígido. (Computador)

HELIOGRÁFICA - Cópia fotossensível azulada, revelada por processo térmico ou por exposição a vapores de amônia. Serve como prova para revisão. Também chamada de cianográfica.

HISTOGRAMA - Gráfico que mostra a distribuição da quantidade de pixels da imagem em cada nível de tom desde o preto até o branco. Útil para determinar a distribuição precisa das tintas pela imagem e forçar os pontos de branco e de preto da imagem a coincidir com os extremos da escala de brilho (Ajuste de Níveis ou Levels).

HIPERTEXTO - Destaque de palavras, geralmente sublinhadas, em um texto que remete a outros locais (texto ou imagem ou site) permitindo uma leitura não linear.

HPGL (Hewlett-Packard Graphics Language) - Formato de arquivo vetorial utilizado por plotters padrão HP.

HUB - Dispositivo de conexão eletrônica entre o servidor e os outros micros de uma rede do tipo Estrela. Podem ser passivos, apenas distribuindo o sinal; ativos, que possuem um repetidor que regenera o sinal; inteligentes, que permitem monitoração dos micros; ou chaveados que funcionam fechando conexões não utilizadas e acelerando a velocidade de transmissão.

HSL

Espaço de cor cujas variáveis são a porcentagem da transmissão de luz (L = Lightness), saturação (S = Saturation) e matiz (H = Hue). É útil para selecionar cores ao criar um trabalho artístico, mas é impreciso demais para usar como sistema de coordenadas absolutas.

I

IDENTIDADE VISUAL - Conjunto de símbolos e cores que identificam uma empresa ou marca, como logotipo e logomarca, alfabeto, papelaria, pintura de frota, padrões visuais de embalagem de propaganda etc.

ILUSTRAÇÃO

1. Qualquer desenho, fotografia, gravura ou símbolo gráfico que ilustre uma peça publicitária. 2. Técnica específica de desenho para uso em propaganda, promoção e etc.

IMAGEM (DE MARCA) - Opinião que os consumidores têm de um bem ou serviço que se comercializa com um nome conhecido.

IMAGEM DE MARCA - O mesmo que imagem corporativa, mas aplicada a um produto/serviço ou linha deles.

IMAGEM VETORIZADA - Forma de codificação de imagens através de vetores. Estas imagens podem ser ampliadas ou reduzidas sem perda de qualidade.

IMAGESETTER - Nome genérico dado aos equipamentos usados para produção de fotolito a partir de arquivos de computador, rasterização de arquivos eletrônicos.

IMPOSIÇÃO

1. Processo de ordenar as páginas de uma publicação de modo que quando as folhas forem impressas e dobradas para encadernação, as páginas fiquem na seqüência adequada.

2. Recurso para justaposição de páginas que permite a geração de fotolitos de acordo com o traçado estabelecido pela gráfica, eliminando o trabalho de montagem manual e reduzindo o tempo de gráfica. Para utilizar o serviço de imposição eletrônica, o usuário deve fechar o arquivo com os parâmetros

estabelecidos pelo bureau e fornecer o traçado para a montagem do material de acordo com as especificações fornecidas pela gráfica.

IMPrensa - Termo que designa o conjunto dos vários suportes de comunicação escrita - a instituição do jornalismo escrito.

IMPRESSÃO - Uma unidade de medida. Cada par de olhos que vê um banner conta como uma impressão. Daqui vem o termo CPM, custo por milheiro. Ou seja, quanto custa quando a cada mil vezes uma página com o banner é aberta por um browser.

IMPRESSORA - Pode ter o sentido de "máquina que produz o impresso na gráfica" ou de "aparelho de pequeno porte para produzir layouts e provas na redação".

INFOGRÁFICO - Ilustração de uso jornalístico ou didático que combina textos com mapas, gráficos, tabelas e diagramas pictográficos.

INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIA - Mensagem publicitária (na mídia impressa, rádio ou TV) sem as características habituais de um anúncio ou comercial, geralmente imitando o estilo editorial do veículo em que está sendo veiculada. (O mesmo que Informe publicitário ou Publieditorial.)

INFORME PUBLICITÁRIO - O mesmo que informação publicitária (Ver Informação Publicitária).

INSERÇÃO

1. Anúncio ou comercial veiculado.

2. Ato de veicular qualquer peça publicitária nos veículos.

INTERCALAÇÃO - Colocação de folhas brancas de papel entre as folhas que saem da impressão, para evitar decalque, isto é, para prevenir que a tinta marque o verso da folha anteriormente impressa.

INTERPOLAÇÃO - Mudança - ampliação ou redução - na dimensão de pixels de uma imagem. Na ampliação, são criados pixels extras entre os originalmente existentes; na redução, pixels são eliminados. Existem vários algoritmos (métodos matemáticos) para interpolar uma imagem. O método mais simples, Nearest Neighbor (vizinho mais próximo), simplesmente redistribui e multiplica os pixels da imagem original sem alterar seus valores de cor. É o mais rápido, mas aumenta o *aliasing*. Os métodos mais complexos — bilinear e bicúbico — recalculam os valores de cor de todos os pixels, usando como base os valores existentes na imagem original. Uma imagem interpolada dessa forma mantém as transições suaves de cor (anti-aliasing) entre os detalhes. Como isso não acrescenta nenhum detalhe ao previamente existente, a interpolação para cima (ampliação) resulta em sensação de perda de foco. Invasão de cor - Deturpação de cor do impresso

ou predominância de uma cor sobre um determinado material ou área específica.

ITÁLICO (*Italic*)

1. Forma de escrita intermediária entre o impresso normal (em pé ou redondo) e o cursivo (feito à mão). Caracteriza-se pelas letras inclinadas (geralmente para a direita).
2. O mesmo que grifo ou aldino. Variação de uma fonte em que a letra é inclinada para a direita; foi desenvolvida por tipógrafos italianos no século 15. (Ver Grifo, Negrito e Redondo).

J

JAGGIES - Termo de gíria para os pixels em degrau que aparecem em uma curva ou linha inclinada em imagem digital. Quanto menor o pixel, e maior o seu número menos aparente o *jaggies*. Também conhecido como pixelização.

JORNAL - Publicação impressa periódica destinada principalmente a difundir informações gerais.

JPEG ou JPG

1. *Joint Photographic Experts Group* - Formato de arquivo de imagens comprimidas.
2. Comissão formada pelas entidades ISO, ITU-T e IEC, que originou o padrão universal de mídia digital com o mesmo nome. Estabelecido em 1991, ele foi projetado para comprimir imagens naturais coloridas e monocromáticas. Dependendo do fator de qualidade adotado, as compressões deterioram visivelmente a imagem, mas a degradação em fatores de compressão mais altos são imperceptíveis. Essa compressão só não é recomendada para imagens com fundos em degradês puros.
3. O JPEG é um dos formatos mais usados em arquivos digitais por sua alta taxa de compactação, isso faz que seus arquivos tenham tamanhos espantosamente pequenos. Usado em muitas máquinas fotográficas digitais por armazenar imagens em pouco espaço de memória. Ele utiliza um método de compressão "com perda de dados". Esse método descarta certas informações gravadas na imagem, fazendo diminuir drasticamente o tamanho do arquivo. Cabe ao usuário determinar a taxa de compressão a ser utilizada. Taxas de compressão muito elevadas, no entanto, causam uma considerável queda na qualidade visual da imagem. Os resultados da compressão dos arquivos podem causar *blockyness* (mosaicos), *jaggies* (serrilhado), ou pixelização em algumas imagens digitais. Mais alta a compressão maior a pixelização. Se a necessidade é trabalhar com arquivos pequenos, onde a qualidade não é o fator mais importante, JPEG é uma ótima opção. Esta é a razão pela qual o formato tem sido amplamente utilizado na Internet, onde o tamanho dos arquivos é um fator decisivo. Ajustar as linhas de texto num espaço determinado (que pode ser uma coluna), podendo ser à direita ou à esquerda.

K

blacK - a quarta cor da sigla da quadricromia CMYK

KERNING - Ajuste de espaçamento entre pares específicos de letras que normalmente teriam espaçamentos incoerentes com o restante da fonte. Exemplo de par de letras que necessita kerning positivo (distanciando): RA. Exemplo de par de letras que necessita kerning negativo (aproximando): To. A informação de quais pares de letras precisam de kerning e em que intensidade pode ser programada dentro da fonte, mas nem todos os softwares a utilizam, obrigando a fazer correções manuais.

KEYNESS - Descrição dos valores tonais em uma imagem. É a distribuição de densidades entre as altas luzes e as baixas luzes. Se a imagem é constituída predominantemente por altas luzes, ela é chamada de high key. Se a predominância for de áreas escuras, é chamada de low key. Se é formada por quantidades mistas de altas luzes, meias-tintas e sombras, é descrita como normal key.

KNOCKOUT

1. Efeito oposto ao overprint (sobreposição). Consiste em "vazar" as áreas em que objetos se interceptam, criando uma reserva. Um texto em branco sobre qualquer outro fundo produzirá um efeito característico de knockout.
2. Um termo de impressão que se refere à técnica de preparar a separação de cores para que reserve uma área transparente no filme. Isso ocorre geralmente na área em que uma cor se sobrepõe a outra e só uma deve imprimir.

L

LAB - Espaço de cor cujas variáveis são a luminância (L), o eixo de matizes complementares vermelho-verde (a) e o eixo azul-amarelo (b). Imitando as características físicas da visão humana, o Lab também tem o gamut mais extenso dentre todos os espaços de cor usados para descrever imagens digitalmente, e por isso é usado internamente pelo Photoshop para converter imagens entre todos os demais. Pode-se trabalhar em Lab, mas como a representação de imagens na tela (sempre em RGB) é incapaz de mostrar todas as cores possíveis no modo Lab, os resultados não são confiáveis. Não confunda Lab com L^*a^*b , que é a abstração matemática do espaço de cor.

LANDSCAPE (Paisagem) - Orientação de página que tem a altura menor que a largura, em oposição a Portrait. Conhecida também por wide ou "página deitada".

LAYER - Em bitmaps, é uma "camada" de imagem, à maneira de folhas de acetato pintadas. Cada camada pode ser, em relação ao que está debaixo dela, opaca ou transparente, e pode alterar suas cores como um

efeito especial dinâmico. A manipulação de imagens no Photoshop quase sempre envolve trabalho com layers.

LAYOUT (Termo em inglês) Leiaute (Aportuguesado) - Esboço, mais elaborado que uma rafe, de um anúncio a ser apresentados aos clientes e posteriormente arte-finalizada e impresso. No layout estão apresentados - ainda não em forma definitiva, mas aproximada - todos os elementos visuais básicos de peça publicitária (títulos, mancha do texto, ilustração, etc.)

LAYOUTMAN - Diagramador, em inglês. (Ver Diagramação).

LINHA - Unidade tipográfica de medição dos anúncios de imprensa.

LINEATURA

1. Medida que define a resolução de retículas usadas em fotolitos, relacionando as distâncias entre pontos. Ex.: 150 linhas, 133 linhas, etc.

2. Número de linhas de pontos de retícula por unidade de medida. Usado para especificar resolução de equipamentos eletrônicos no processamento de imagens. Pode ser LPI (linhas por polegadas) ou LPC (linhas por centímetro). Varia conforme a qualidade pretendida do trabalho, características da tinta e do papel etc. Normalmente, a divisão da resolução de saída pela lineatura deve resultar em um número que, elevado ao quadrado, produzirá a quantidade de etapas (steps) de gradientes máxima que o dispositivo pode gerar.

LINHA-BASE - Uma linha imaginária sobre a qual se posicionam os caracteres de uma determinada fonte.

LINOTIPO - Sistema de composição tipográfica criado no final do século 19. Os textos são digitados linha a linha em um teclado, e os tipos correspondentes são fundidos em uma liga de chumbo, antimônio e estanho, a partir de moldes permanentes da fonte.

LITOGRAFIA - Técnica de impressão planográfica, isto é, que não se baseia no relevo da superfície de impressão para transmitir a tinta ao papel, e sim nas propriedades mutuamente repulsivas da tinta à base de óleo e da água, usada para isolar as áreas a não serem entintadas. Foi inventada na Alemanha por Alois Senefelder, em 1798.

LIVRETO - Pequeno livro usado normalmente com finalidades promocionais ou de propaganda

LOGO - Abreviatura de logotipo ou logomarca.

LOGOMARCA - Símbolo gráfico identificador de uma empresa ou marca, quando composta do símbolo em si mais o logotipo. (Ver Logotipo e Marca.)

LOGOTIPO

1. Símbolo constituído por palavra ou grupo de letras, apresentadas em desenho característico, destinado a funcionar como elemento de identidade visual de uma empresa, de uma instituição, de um produto.

2. Conjunto de letras especiais que caracterizam uma marca comercial. Quando acompanhado por um símbolo identificador, é denominado logomarca.

3. Designação de uma instituição ou entidade através do seu nome, por extenso (ou seja, não em sigla).

4. Termo alternativo: logo.

LOMBADA

1. Dorso da publicação, onde se encontram os grampos, colagens ou costuras. A lombada quadrada e a canoa constituem exemplos.

2. Parte do livro oposta ao corte da frente, onde se cosem ou colam os cadernos com a capa.

LPI "*Lines Per Inch*" (Linhas por polegada)

1. Unidade de medida por lineatura.

2. Medida de Resolução geralmente usada na definição de lineatura dos fotolitos.

LUMINÂNCIA - Atributo que diz respeito à quantidade de branco/cinza/preto percebido em um objeto.

LUMINOSO - Tipo de cartaz publicitário com iluminação interna.

LWC (*Light Weight Coated paper*)

Papel fabricado com alta porcentagem de celulose, com revestimento fora de máquina tendo de 8 g/m² a 19 g/m² de tinta couchê em cada face, supercalandrado.

Utilizado para revistas, tablóides, encartes e materiais promocionais que necessitam de qualidade de impressão ideal para grandes tiragens. Por ser um papel couchê de baixa gramatura, é muito utilizado em publicações com número elevado de páginas, pois faz com que o impresso não fique por demais volumoso. Possui ótima alvura e brilho, oferecendo excelente performance através das impressoras.

Gramatura variando de 45 g/m² a 70 g/m², com espessura entre 3 e 5 µm.

É um substrato usado preferencialmente em impressoras offset, mas também em rotogravura, com poligromia utilizando tintas foscas ou brilhantes. (wikipédia)

LZW (*Lempel-Ziv-Welsh*) - Algoritmo (método matemático) de codificação e compressão de dados. É semelhante à codificação de Huffman, no qual as repetidas seqüências de zeros e uns são substituídas em um dicionário por um símbolo correspondente. O LZW é utilizado na compressão sem perda de qualidade em imagens TIFF e nos formatos de compressão ZIP e SIT.

M

MAGENTA - A segunda cor da sigla da quadricromia: CMYK

MALA DIRETA

1. Mensagem publicitária ou de marketing direto enviada pelo correio ou portadores. 2. Tipo de mídia, que consiste em enviar mensagens pelo correio ou portadores.

MANCHA

1. Ilustração em rough, feita para dar uma idéia inicial de como ficará a peça gráfica quando finalizada. (Ver Rough.)
2. Espaço padrão ocupado pelas colunas de texto numa publicação.
3. Conjunto de texto/imagem da página, constituindo a sua parte impressa.

MARCA - Símbolo que funciona como elemento identificador e representativo de uma empresa, de uma instituição, de um produto. Essa identificação pode ser obtida por várias formas: A) O nome da empresa, da instituição ou do produto, em sua forma gráfica ou sonora. A marca pode ser constituída por palavras já existentes no idioma (ex: Leite Vigor), sigla (ex: Capemi), ou por nome de fantasia (ex: Fanta). Por extensão, designa o próprio produto: ("Esta marca é de má qualidade" em vez de: "Os produtos dessa marca são de má qualidade.") B) O símbolo visual - figurativo ou emblemático. Pode ou não se reportar à atividade ou ao nome da empresa. C) O logotipo D) O conjunto desses símbolos, numa só composição gráfica, permanente e característica, constituída pelo nome, pelo símbolo e pelo logotipo. Diz-se neste caso, marca corporativa. Há que, proponha o termo logomarca.

MARCA DE CORTE

1. Marcas especiais que indicam como o trabalho deverá ser cortado na gráfica, no processo de acabamento do material.
2. Marcas incluídas no papel impresso para indicação das áreas de corte.

MARGEM - Espaço branco que envolve a mancha. Podem distinguir-se quatro margens: cabeça ou superior; pé ou inferior; de corte ou exterior; de lombo ou interior.

MARGEM DE PINÇA - Zona com cerca de 1,5 cm na margem da folha de papel que será agarrada pelas pinças da máquina de impressão.

MÁSCARA

Recurso utilizado para isolar áreas de uma imagem.

MATERIAL - Em mídia, as peças publicitárias em sua forma física (fotolitos, fitas com comerciais etc.) que são encaminhadas aos veículos.

MEIO - Abreviatura de meio de comunicação.

MEIO DE COMUNICAÇÃO - Os meios pelos quais a comunicação é feita, como o jornal, revista, rádio, televisão, outdoor, etc.

MEIO PUBLICITÁRIO - Meio utilizado com a finalidade de efetuar comunicação de publicidade.

MEIO-TOM

1. Graduação do preto. As partes cinza nas peças em preto e branco.
2. É a redução do original de tom contínuo a milhares de diminutos (*halftone*) pontos, que variam em tamanho, forma e número por área. Quando impressos, esses pontos dão a ilusão dos tons originais.
3. Em uma retícula, é a redução da imagem original de tom contínuo aos micropontos, que variam proporcionalmente em tamanho, forma e número por área. Quando impressos, esses pontos são "reunidos" pelos nossos olhos e restauram a visão dos tons originais. Em termos de tons contínuos, meio-tom pode ser considerado como o intervalo de valores tonais de cores entre os 25% das altas luzes até os 75% do início da área de sombra.

MERCHANDISING

Em, inglês, *merchand* é mercador. Merchandising, portanto, significa destacando a mercadoria. Enquanto o Marketing explora imagem da empresa como um todo, incluindo logomarca, promoção, distribuição, mídia, tudo enfim, o merchandising é a exposição do produto. Mostrar o produto é fazer merchandising. Merchandising na TV, por exemplo, é colocar o produto no meio de uma cena de novela. Mas existe também o merchandising no ponto-de-venda, que tem como responsabilidade destacar o produto perante os demais. Assim, outdoors, placas em padarias, ônibus, degustação em supermercados também são ações de merchandising. Tudo o que coloca o produto em evidência é merchandising.

MÍDIA IMPRESSA - Os meios de comunicação impressos, especialmente a revista e o jornal, incluindo também o outdoor e todo o tipo de material impresso. (Ver Mídia e Mídia eletrônica.)

MÍDIA MIX - Conjunto dos meios, veículos, formatos e posições utilizados em um plano de mídia. (Ver Mídia e Multimídia.)

MIOLO

1. Parte interna de um jornal, revista ou folheto.
2. Interior de uma publicação impressa, em oposição à capa.

MOCK-UP ("boneco") - Maquete de um produto, utilizado exclusivamente para produção fotográfica. Pode ser em escala ampliada ou reduzida; produtos muito pequenos, por exemplo, são "recriados" em tamanho maior.

MÓDULO (JORNAL) - Cada uma das partes em que

se divide igualmente uma página de um jornal, servindo de base para medição de anúncios publicitários e sua comercialização (determinado número de linhas de uma coluna).

MOIRÉ (pronuncia-se moarrê ou moarê)

1. Padrão de interferência criado pela justaposição de duas ou mais estruturas geometricamente regulares e repetitivas. Quando ocorre entre retículas de impressão, causa um efeito visual de "ondas" ou "ilhas" onde se esperaria uma cor chapada.

Um efeito similar pode ocorrer na reprodução policromática de meio-tom, devido a ângulos incorretos da retícula ou deficiência nas tintas. Nas tintas CMYK, por vezes troca-se a angulação do preto (45°) com a do magenta (75°), em função de o filme do preto usualmente conter menos informação visual que o magenta, e com isso também aproximar o ângulo do preto do ângulo do amarelo (15°), que é a tinta que contém menos informação de detalhe e por tal é a que menos tende a gerar moiré.

2. Padrões indesejáveis que ocorrem quando as reproduções são feitas a partir de provas reticuladas. É causado pela confusão óptica entre traços da retícula meio-tom e os pontos ou linhas contidas no original; um efeito similar pode ocorrer na reprodução policromática de meio-tom devido aos ângulos incorretos da retícula ou falta de cores durante a impressão.

3. Padrão indesejável causado pela justaposição de retículas com ângulos incorretos.

MONOCROMIA - Impressão a uma só cor (ou a preto).

N

NEGATIVO - Imagem reversa de outra. Geralmente refere-se ao tipo mais popular de filme fotográfico.

NEGRITO - Letra mais grossa que o normal, usada para fazer destaque no texto ou como recurso gráfico. (Ver Bold, Itálico e redondo.)

NEWSLETTER

Peça gráfica, na forma de uma carta ou pequeno jornal, com estilo editorial, utilizada como veículo de comunicação publicitária e de relações públicas.

NONONÔ - Elemento visual desenhado em rafe ou layout para simular manchas de texto. Utilizado num esboço de anúncio, objetiva compor visualmente o trabalho. O nome deriva do próprio desenho em que se utiliza repetidamente, em todas as linhas, apenas as letras N e O.

O

OCR "Optical Character Recognition" (Reconhecimento Óptico de Caracteres) - Reconhecimento óptico de caracteres. Este sistema funciona atribuindo a uma dada forma reconhecida uma correspondência a um caractere de texto.

OFF-SET

1. Técnica de impressão que utiliza máquinas planas, nas quais o papel entra em folhas e é impresso pela passagem de um cilindro (no que está gravada a mensagem) sobre ele.

2. Também chamado litografia. Forma comercial da impressão litográfica. O offset é um método de impressão planográfico, sendo o único método importante de impressão no qual a área da imagem e o da não-imagem na chapa de impressão estão no mesmo plano. Elas são separadas por meios químicos, dentro do princípio de que gordura (tinta) e a água (a solução dos rolos umidificadores) não se misturam. A tinta é transferida da chapa para a blaqueta de borracha e daí para o papel. Portanto, pelo fato de a imagem não ser transferida diretamente da chapa para o papel, o sistema é classificado como de impressão indireta.

3. Processo de impressão baseado em cilindros de borracha para transferência de tinta para o papel. Atualmente o mais utilizado.

OFFSET PLANA - Impressoras que trabalham sobre papel em folhas.

OFFSET ROTATIVA - Impressoras que trabalham com alimentação de papel em bobinas. Esse tipo de impressora é indicada para rodar revistas, tabloides e jornais em função da sua alta produtividade e rapidez, além da facilidade de ter cadernos em sua saída.

OLD STYLE ou **OLD FACE** - Foram os alfabetos desenvolvidos a partir do século XVII.

OPEN TYPE

1. Tecnologia desenvolvida pela Adobe e pela Microsoft que permite a compressão, o *embedding* e a descompressão de fontes de modo a que seja facilmente transportável e compatível de plataforma para plataforma.

2. Padrão de fontes universal da Adobe e Microsoft, que funde as características dos padrões PostScript e TrueType nas plataformas Mac e Windows. Utiliza um código híbrido compacto, permitindo que os mesmos arquivos sejam usados em Macs ou PCs sem nenhum tipo de conversão. É baseado em Unicode (tabela universal com uma identificação global e fixa para cada caractere) e Glyph (extensão para símbolos, expressões e caracteres especiais), e armazena 16 bits de informação (máximo de 65535 caracteres) em lugar dos 8 bits (256 caracteres) dos outros formatos. As fontes são totalmente portáteis, mas possuem uma assinatura digital do proprietário; ele controla a sua utilização por outras pessoas (apenas visualização, impressão ou instalação).

OPI (*Open Prepress Interface*; Interface Aberta de Pré-Impressão)

1. Recurso desenvolvido pela Aldus (empresa incorporada pela Adobe e Macromedia). O bureau

arquivo em seu servidor as imagens de alta resolução e envia ao cliente versões correspondentes em baixa resolução. No processo de geração de filmes, as imagens de baixa resolução são automaticamente trocadas pelas de alta resolução no servidor de OPI. Foi superado pelo aumento do poder de processamento e armazenamento dos computadores e com a crescente prática de tratar as imagens em paralelo com a diagramação.

2. Método que posiciona imagens de alta resolução na página impressa utilizando réplicas de baixa resolução. O bureau digitaliza as imagens em scanner profissional, armazena esta imagem e disponibiliza um cópia em baixa resolução, para a diagramação no programa de editoração.

OPÚSCULO - Impresso composto por um máximo de 48 páginas, também denominado brochura ou folheto.

ORÇAMENTO - Verba disponível para o desenvolvimento de uma ação de comunicação (publicitária) num determinado período de tempo.

ORELHA - O mesmo que badana.

ORFÃ

1. Linha muito curta, geralmente final de palavra hifenizada. É considerada defeito de paginação.

2. Última linha de um parágrafo que vai parar em outra coluna. É um defeito estético que deve ser evitado.

ORIGINAL

1. Qualquer material usado como ponto de partida para reprodução.

2. Em produção, arte-final ou cromo encaminhada - junto com o paste-up - para se fazer os fotolitos e rotofilmes. (Ver Arte-Final, Cromo, Fotolito, Paste-Up e Rotofilme.)

ORIGINAL A TRAÇO - Qualquer original que não possua gradação de tons. Ex. textos, pontos, fios, desenhos a nanquim, etc.

ORIGINAL TRANSPARENTE - Original visto através da transparência da luz. Ex.: Kodachrome, Ectachrome.

OUTDOOR

1. Tipo de cartaz publicitário de grandes proporções, de tamanho padronizado.

2. Meio de comunicação publicitária.

OUTLINE - Caracter definido pela sua informação vectorial, também denominado "postscript" ou "printer font", escalonável a qualquer tamanho, sem perder qualidade.

OVERLAY

1. Folha de papél, em geral transparente (papél

vegetal, manteiga) colada sobre a arte-final para protegê-la a servi de suporte a anotações diversas (indicações para a produção gráfica, cores, revisão etc.

2. Folha de papel transparente ou translúcido, colocado sobre a arte com a finalidade de protegê-la ou para anotar indicações sobre o que deve ser executado.

OVERPRINT - Sobreposição de tintas correspondentes a objetos diferentes. O contrário de knockout.

P

PÁGINA

1. Unidade básica de anúncio no caso das revistas.

2. No campo da Internet, um documento típico da web é composto de texto e imagens, que são apresentados pelo browser como uma página, embora a analogia com o papel impresso seja muito limitada. Uma página de web não tem comprimento definido, muito menos verso, por exemplo. (Ver Browser, Homepage e Web.)

PAGINAÇÃO - Em DTP, o mesmo que diagramação.

PÁGINA DUPLA - Duas páginas de anúncio, lado a lado

PÁGINA-MESTRA (master page)

1. Em um documento de paginação, é um layout de página que serve como "gabarito" para a criação das demais páginas da publicação. Útil para o posicionamento - de elementos fixos ou repetitivos como logos, vinhetas, definição das colunas, fios-guias, margens etc.

2. Páginas existentes na maioria dos programas de paginação que permitem a criação de elementos comuns a todas as páginas na publicação. Podem ser definidas isoladamente, isto é, para páginas pares e ímpares, com elementos distintos, que se refletem no restante da publicação. Bastante útil para o posicionamento de logotipos, elementos gráficos, definição de colunas, fios-guias, margens, etc.

PAICA - Forma adaptada do inglês *pica*, Unidade de medida tipográfica, equivalente a 1/6 de polegada ou 12 pontos OU ou 1 cícero.

PANTONE

1. Padrão de cores muito utilizado em artes gráficas como referência para impressão.

2. Sistema de seleção de cores desenvolvido pela Pantone Inc., a partir de 8 cores primárias especiais que são combinadas em mais de 740 tons diferentes. Esse sistema é amplamente utilizado pela indústria gráfica mundial.

PARÁGRAFO - Pequena divisão de um texto,

capítulo ou artigo. Pode iniciar-se com um espaço à entrada da primeira linha (parágrafo português) ou não (parágrafo alemão).

PASTE-UP - Montagem de qualquer peça gráfica, com a colagem da composição, do bromuro e artes-finais sobre um cartão. Quando pronto, é encaminhado ao fotolito ou rotofilme junto com o eventual cromo. Atualmente, com o desenvolvimento dos computadores gráficos, esse trabalho vem sendo gradativamente eliminado. (Ver Arte-Final, Bromuro, Composição, Cromo, Fotolito, Rotofilme, DTP e detalhes do processo de produção gráfica, incluindo o uso de computadores.)

PB - Abreviação de preto-e-branco.

PDF (Portable Document Format — Formato de Documento Portável)

Formato de arquivo do Adobe Acrobat. É exportado pelo Distiller e pelos aplicativos gráficos em geral. É multiplataforma e pode conter todos os elementos componentes, incluindo as fontes. Alguns RIPs PostScript Nível 3 já o aceitam, e é possível gerar fotolitos com altíssima qualidade (inclusive compostos por imagens) usando PDFs no lugar dos EPS fechados.

PÉ - Margem inferior de uma página impressa. Também se denomina pé, à parte inferior de uma letra.

PESO

1. Em tipografia, é uma variação de um tipo em relação ao "normal" ou principal da família. Os pesos usualmente incluem Light, Medium e Bold. Famílias complexas como, por exemplo, Univers e Helvetica Neue, contêm outros pesos, como Ultra Light, Thin, Book, Heavy, Extra Bold e Black. Essas fontes podem usar números como meio auxiliar de identificação relativa: 45 Light, 55 Normal, 65 Bold etc.

2. Refere-se, quando aplicado a tipos, ao grau do negrito de uma determinada família. Os graus podem variar do Light (mais leve) ao Medium e Bold, na maioria dos casos. Existem determinadas famílias de tipos desenhadas com pesos do gênero Extra Bold ou Ultra Light, os quais seguem em essência o desenho da família de origem (por exemplo Futura Extra Bold), mas cujo peso é bem maior ou menor. Variações de pesos intermediários de uma determinada família de tipos podem ser criadas automaticamente por softwares de geração de fontes.

PICOLITRO - Esta é uma medida que equivale a um trilionésimo de um litro. Na verdade, dificilmente é mencionada quando o assunto é impressora, mas é utilizada para medir o tamanho das gotas de tinta.

PICTOGRAFIA - Sistema de escrita de natureza icônica, baseada em representações bastante simplificadas dos objetos da realidade.

PIXEL (*Picture Element*)

1. Menor unidade de uma imagem digital.

2. É o elemento básico da imagem no arquivo/vídeo digital - bitmap. Constituído por uma pequena área de luz e cor que contém toda a informação da imagem. Quando da amostragem, cada elemento desta imagem é traduzido no seu equivalente numérico.

3. O pixel é a parte menor de uma Imagem Digital. Também usado na medida de tamanho de imagem e resolução, i.e., 640 x 480 é a resolução em pixel da maioria dos Monitores de VGA. (Pixels são quadrados em computadores e retangulares em vídeo)

PIXELIZAÇÃO - Pequenos conjuntos de pontos que constituem a imagem bitmap

(imagem rastreada). O fenômeno de pixelização é particularmente visível, sob a forma de quadriculação da imagem, resultando em distorções, serrilhamento das imagens; perda da curvatura exata. Em imagens com movimento resulta na má qualidade da recepção digital (falta de sinal, cabo coaxial, caixas comutadoras, etc.).

PLAN VIEW - Software de planejamento de televisão que permite construir planos baseados em diversas variáveis que podem ser selecionadas, com base nos dados de audimetria.

PLOTTER - Equipamento de impressão conhecido anos atrás como traçador, pois sua função principal era desenhar plantas de engenharia e arquitetura. Atualmente os plotters utilizam a tecnologia jato de tinta. Sua principal característica é a de permitir impressões coloridas com alta qualidade em formatos grandes de papel, vinil, etc.

PLUG-IN - A arquitetura plug-in foi popularizada primeiro através do Adobe Photoshop e é agora o padrão para os principais programas de imagem. São acessórios conectáveis, como o Twain, que permitem mais flexibilidade no desenho do programa, permitindo assim adquirir, exportar, e executar tarefas específicas como filtros de efeitos, e podem ser executadas em diferentes software. Esta é a forma preferida de operação no Macintosh. A ideologia plug-in se espalhou para outras aplicações como o Navigator da Netscape, o Director da Macromedia, e assim por diante. Nem todos os plug-ins trabalham com todos os programas, são requeridas interfaces específicas para tipos diferentes de software. O desenho da Adobe se tornou o padrão para software de edição de imagem, e software de ilustração gráfica.

POLIESTIRENO (PE) - Material de baixo custo, fácil processabilidade e oferecido ao mercado em tamanhos, cores e acabamentos padronizados, o Poliestireno se caracteriza por sua grande versatilidade, o que possibilita sua aplicação em uma extensa linha de produtos e nos mais variados seguimentos, como: comunicação visual, displays,

brindes, moveis, produtos em vacuum forming, eletro-eletrônicos, utensílios domésticos, e muitos outros.

POLIESTIRENO DE ALTO IMPACTO (PSAI) - Com características físico-químicas que lhe conferem boa resistência mecânica a impactos, grande maleabilidade e fácil processabilidade, permitindo que seja moldado a vácuo (vacuum forming), usinado, fresado, perfurado e dobrado, o PSAI apresenta grande versatilidade e praticidade para as mais diversas aplicações, com a vantagem do seu baixo custo.

A comunicação visual tem no PSAI o seu maior aliado, devido a sua grande aderência ao vinil de recorte, à tinta de impressão serigráfica (silk-screen), off-set, hot stamping e tampografia.

O PSAI é fornecido ao mercado na forma de Chapas e Filmes, com acabamento Brilho Mecânico (os dois lados foscos) e Alto Brilho (um lado fosco e outro brilhante), visando atender as necessidades específicas de cada segmento, sendo indicado para a confecção de placas indicativas, back lights, displays, crachás, cartões de visita, tanquinhos populares, bebedouros, brinquedos, embalagens, armários para banheiros, revestimento de containers, gaveteiros, e muitos outros.

POLIPROPILENO (PP) - O polipropileno é um tipo de plástico que pode ser moldado usando apenas aquecimento, ou seja, é um termoplástico. Possui propriedades muito semelhantes às do PE, mas com ponto de amolecimento mais elevado.

É usado para a produção de frascos, garrafas, reservatórios para veículos, etc.

PONTO - Unidade de medida tipográfica, criada por Didot, em cerca de 1742, baseada na divisão do *ped du roi* (30 cm) em 798 partes, equivalente por isso a 0,376 mm.

PONTO ELÍPTICO - Usado em fotolito para reproduzir os meios-tons, com uma graduação mais suave dos tons.

PORTA-FÓLIO - Versão brasileira (pouco usada) de portfólio.

PORTFÓLIO (Ver Porta-Fólio).

1. Conjunto de marcas, produtos e serviços de uma empresa.
2. Conjunto das contas de uma agência.
3. Trabalhos já realizados por uma agência, produtora, fornecedor ou profissional.
4. Conjunto dos títulos de uma editora e de programas de uma emissora de rádio e TV.

PORTRAIT - Página que tem a largura menor que altura. Conhecida também por Tall, Página em pé e Retrato.

PÔSTER - Tipo de cartaz publicitário, geralmente impresso (Ver Cartaz).

POSTSCRIPT

1. Linguagem de programação usada para descrever imagens gráficas. Criada pela Adobe Systems, é utilizada pela maioria dos fabricantes de equipamentos profissionais de editoração eletrônica.

2. Linguagem de descrição de página para impressoras, criada pela Adobe. Tornou-se padrão quase absoluto no mercado de DTP. A página é descrita por comandos e expressões matemáticas legíveis. O arquivo salvo contendo essas instruções (chamado EPS ou "PostScript encapsulado") é totalmente legível e manipulável. PostScript também é o padrão de fontes proprietário da Adobe. Cada fonte compreende um par de arquivos: a fonte de impressão e a fonte de tela.

PPD (*PostScript Printer Description*; descrição de impressora PScript)

1. Arquivo que contém configurações específicas para uma determinada impressora PostScript. Normalmente as principais informações são a combinação páginas/resolução/lineatura default (padrão). Esse arquivos podem ser editados para melhor adaptação ao dispositivo; na maioria das vezes, as opções são mantidas em default e especificadas/forçadas pelo RIP.

2. Arquivo específico para impressora que indica o tamanho do papel, as fontes residentes na memória, formatos de impressão, qualidade de impressão, resolução máxima, etc... Utilizado para que o fechamento do arquivo fique dentro dos parâmetros utilizados. O PPD complementa as informações dos drivers.

PPI (*Pixels Per Inche*) - Termo gráfico para Pixels por Polegada

PRANCHA - Ilustração numa página que não se encontra inserida na seqüência numérica das páginas de texto.

PRELO - Impressora manual com a qual se produzem provas para o sistema de impressão offset em um processo quase artesanal. Utiliza chapas, rolos e tintas semelhantes aos de uma impressora normal. É considerada a prova mais fiel, quando bem executada.

PREPRESS (Pré-Impressão) - Nome genérico para as atividades executadas entre o final da produção de originais e a gravação de matrizes. Sugere processos eletrônicos de foto-reprodução anteriores à fase de impressão.

PRESS-KIT - Conjunto de informações, textos, ilustrações, fotografias e até amostras de produto entregues à imprensa nos trabalhos de relações públicas e assessoria de imprensa.

PRESS-RELEASE - Texto com informações para a imprensa. (Ver Release.)

PRETO-E-BRANCO - Peça publicitária que utiliza apenas a cor preta e seus matrizes de cinza. (Ver Black and White e Meio-Tom.)

PRISMAGEM - Indicação de referência da posição e escala de uma foto ou ilustração na página.

PROCESSADORA

1. Equipamento para revelação automática de filmes, composta por três racks: um com o revelador, seguido do fixador e um último com água corrente para a limpeza e retirada de excessos. Finalmente, o filme processado é seco.

2. Equipamento para revelação automática de filmes expostos.

PROCESS COLOR CMYK - Quadricromia propriamente dita.

PRODUÇÃO GRÁFICA

1. Processo de materialização das peças geradas no departamento de arte. Envolve um relacionamento indireto com a parte gráfica: produtores, fornecedores etc.

2. Normalmente chefiada por um técnico em artes gráficas, tem a função de orçar os trabalhos junto aos fornecedores e de supervisioná-los.

PROFUNDIDADE DE COR

Em uma imagem digital, corresponde ao comprimento em bits do código digital que dá o valor de cor de cada pixel. Quanto mais longo esse código, maior a quantidade de valores numéricos que podem ser registrados e maior a precisão de cor no caso de fotos digitalizadas. A progressão é geométrica de base 2: 1 bit = duas cores, 2 bits = 4 cores, 4 bits = 16 cores, 8 bits = 256 cores, 16 bits = 65,5 mil cores, 24 bits = 16,7 milhões de cores.

PROGRAMAÇÃO VISUAL - Ver Identidade Visual.

PROOF - Prova de artes gráficas feita eletronicamente, muitas vezes no próprio equipamento de editoração eletrônica (workstation DTP) da agência. (Ver DTP, Prova, Workstation.)

PROSPECTO - Ver Folheto.

PROVA

1. Em artes gráficas, a impressão manual e limitada do fotolito, para analisar se ele está correto e ter uma visão prévia de como será o resultado final. No caso dos trabalhos em cores, além da prova com todas as cores utilizadas, há uma prova de escala com cada cor utilizadas, há uma prova de escala com cada cor utilizada, que serve como guia para a impressão.

2. Impressão (por diversas técnicas) do resultado de um trabalho gráfico de editoração eletrônica feito digitalmente em computador. 3. Esboço de spot ou jingle, para aprovação de uma idéia criativa, letra e música e para servir de guia para a produção. (Ver

Escala, Fotolito, Jingle e Spot.)

PROVA CONTRATUAL - Significa que é uma prova que tem efeito de documento na discussão sobre qualidade de materiais impressos. Estas provas deverão conter matizes e densidades de impressão equivalentes as de impressão em *Offset*.

PROVA DE COR - Prova da arte-final, produzida a partir do fotolito, para servir de guia para a gráfica. Os processos mais utilizados para confecção de provas de cor são o *Matchprint* e o prelo.

PROVA DE IMPRESSÃO - Experimental para checar o aspecto do trabalho enquanto ele está sendo executado.

PSD - Formato nativo do Adobe Photoshop. É o formato gráfico mais completo (e complexo) de todos, com suporte a diversos espaços de cor, imagem indexada, layers, canais alfa, efeitos de layers, clipping paths, objetos vetoriais, objetos de texto e muitos outros recursos. Alguns programas abrem PSD diretamente, mas a maioria requer que a imagem seja exportada como TIFF ou outro formato comum.

PUBLIEDITORIAL - Expressão que designa os anúncios feitos na forma de materiais editoriais em qualquer mídia.

Q

QUADRICROMIA - Sistema gráfico que separa as cores em retículas do amarelo, cyan (azul), magenta (um tipo de vermelho) e preto, permitindo que praticamente todas as cores sejam reproduzidas com a impressão dessas quatro. (Ver Seleção de Cores.)

QUARKXPRESS - *Software* de paginação ou diagramação, programa de computação mais utilizado pelas agências de propaganda e editorial. Seu maior uso está na plataforma *Apple MacOS*, com versão para PC IBM também.

R

RASTERIZAÇÃO

1. Conversão de um arquivo de página ou ilustração digital em um bitmap, chamado raster image (ou, numa tradução porca, "imagem de rastreamento"), que é o material reproduzido de fato na impressão. Por exemplo, as páginas em EPS recebidas pelo bureau são convertidas pela imageraster em um raster de resolução muito alta, que é gravado a laser no fotolito.

2. O processo que automaticamente converte vetor e texto em raster ou bitmap. Este processo é executado on-line para plotagens, ou pode ser armazenado como um arquivo em formato bitmap (raster).

RAFE (*Rough*) - Termo que designa, em P.P., os

primeiros rascunhos feitos pelo desenhista ou diagramador na criação de um anúncio. Primeira fase da arte, antes do layout e da arte-final.

RAFF - Forma abreviada de rough. (Ver Rough.)

REDONDO

1. Tipo de letra normal, escrita de forma impressa, verticalmente, encontrada em dezenas de famílias (estilos de letras. Base da qual são feitos os tipos em itálico (grifo), negrito, condensado (mais estreito que o normal) e expandido (mais largo que o padrão redondo). (Ver Grifo, Itálico e Redondo.)

2. Oposto a itálico.

REFILE - Fazer um corte muito delgado, por meio de guilhotina, a poucos milímetros das margens exteriores dos impressos, na fase de acabamento, para igualar todo o conjunto de páginas impressas

REGISTRO

1. Em artes gráficas, sinal gráfico cheio de detalhes que registra a posição correta da sobreposição de cada uma das quatro cores que fazem a impressão em quadricromia. (Ver Quadricromia.)

2. Marcas coincidentes colocadas no fotolito para que haja encaixe perfeito no processo de impressão.

RELEASE - Forma condensada e muito empregada de press-release. (Ver Press-Release.)

RELEVO - Técnica de impressão que permite imprimir textos e ilustrações em relevo (alto ou baixo), mesmo sem tinta (relevo seco, apenas fazendo contornos no papel) e de lâminas metálicas (*hot stamping* em ouro, prata, bronze etc.).

RELEVO BRANCO - Impressão em relevo (gravura) sem aplicação de tinta.

REPRINT - Impressão em pequena escala de anúncio publicado em jornal ou revista, pra uso interno e para distribuidores e varejistas.

RESMA Conjunto de 500 folhas de papel, equivalente a 20 mãos.

RESOLUÇÃO - Número de pixels ou de pontos por área linear em uma imagem, impressora, imagesetter ou scanner. Pode se referir também ao número de bits por pixel. No caso de imagens (*scanners*), quanto maior a resolução, maior será o tamanho do arquivo gerado, mas também, maior será a qualidade do trabalho final.

RETÍCULA

1. Rede de pequenos pontos, que formam linhas, quadriculos e espaços regulares, gerando efeitos visuais nos trabalhos gráficos.

2. Rede de pequenos pontos que permite a existência do meio-tom (ou seja, das tonalidades de cinza) e da quadricromia (na qual o processo se repete, com a

existência do meio-tom do amarelo, cyan e magenta). (Ver Meio-Tom e Quadricromia.)

REVISTA - Publicação periódica normalmente com a publicação de artigos sobre assuntos ou domínios específicos.

RGB (*Red, Green, Blue*)

1. Vermelho, Verde, Azul: o idioma de cor de computadores. Monitores e máquinas fotográficas digitais usam estas cores para criar todas as cores vistas no monitor e salvas em arquivos. O Verde dá a cor verde, mas também é usado para controle de contraste. O sistema aditivo consiste na cor RGB emitida.

2. Espaço de cor cujas primárias são R (vermelho), G (verde) e B (azul). Utilizado em Televisores, Monitores e Escaneres.

RIP (*Raster Image Processador*)

1. Um periférico ou programa que traduz as informações de layout de uma página em um computador, em uma linguagem de descrição de página na forma de pontos (retículas), suportada pelo dispositivo de impressão (fotólitos, chapas de impressão).

2. Hardware (HardRip) ou software (SoftRip) usado para rasterização.

RODAPÉ (*footer*)

1. Tipo de anúncio localizado no pé das páginas de jornal e revista.

2. Conjunto de linhas de texto que aparecem no pé das páginas de uma publicação, indicando capítulo, numeração de página ou informações de referência.

ROSETA - Efeito visual formado pelas retículas quando o resultado final de todas as inclinações está correto. Quanto maior a lineatura, mais difícil será de observar a roseta.

ROSTO - Página de uma obra onde figura o título, o autor, editor, local e data de publicação.

ROTATIVA

1. Máquina impressora do sistema de rotogravura e quando utiliza bobina no sistema *Offset* e Flexografia.

2. Máquina de impressão que é alimentada por papel em bobinas, a altas velocidades. A máquina inclui um mecanismo para cortar e dobrar em cadernos a folha contínua imediatamente após a impressão, mais um aparelho para trocar as bobinas em pleno movimento (Ver Rotogravura).

ROTOFILME - Tipo de fotolito utilizado em rotogravura. (Ver Fotolito e Rotogravura.)

ROTOGRAVURA

1. Sistema de impressão cujo nome deriva das fôrmas cilíndricas e do princípio rotativo de suas impressoras. Utiliza tintas líquidas à base de solventes voláteis (xileno, álcool ou thinner, que é o

mais usado); o grafismo fica em baixo relevo. Foi inventada por volta de 1784 por Thomas Bell. Muito utilizada em revistas de grandes tiragens e na indústria de embalagens flexíveis.

2. Técnica de impressão que utiliza máquinas rotativas, no que o papel em bobinas é impresso quando passa (em alta velocidade) pelos cilindros em que estão gravadas as mensagens.

ROSTO - Página de uma obra onde figura o título, o autor, editor, local e data de publicação. (V. Ante-Rosto)

ROUGH - Palavra inglesa que é pronunciada como raff e significa rascunho. É o primeiro ou primeiros rascunhos de um anúncio ou qualquer outra peça publicitária, que mostra como ficar no final do processo de criação e produção. (Ver Raff.)

ROYALT-FREE - Imagem, elemento ou conteúdo que pode ser utilizado e publicado sem o pagamento de "Royalties", isto é, direitos autorais.

S

SANGRIA - Excesso de área impressa que ultrapassa o limite da área de corte, utilizada para que a arte termine no limite da impressão.

SATURAÇÃO - Exagero no uso de uma mesma campanha ou mensagem publicitária, gerando desgaste para o anunciante junto a seu(s) target(s). Quando isso acontece, a(s) mensagem(ns) deixa(m) de ser positiva(s) e pode(m) até mesmo gerar efeito(s) negativo(s).

SCANNER

1. Equipamento de artes gráficas, computadorizado, que faz a seleção de cores, os fotolitos e rotofilmes.

2. Acessório de computador ou workstation (de DTP) que permite gravar uma ilustração ou foto na memória do aparelho para iniciar o processo de diagramação.

3. Digitalizador. O original pode ser opaco, transparente ou translúcido. Utiliza (na maioria das vezes) um sistema óptico-eletrônico similar ao de câmeras digitais, fazendo uma varredura (o nome scanner significa "varredor") na superfície do original e convertendo a leitura em sinais eletrônicos correspondentes a pixels de imagem. Pode ser cilíndrico ou de mesa plana (*flatbed*). O arquivo digitalizado é o scan.

SEGMENTO DE CORES

1. Grupo de consumidores com perfil e comportamento de compra idêntico. 2. Pedaco do mercado total. (Ver Share e Target.)

SELEÇÃO - Em artes gráficas, processo de seleção das cores básicas (amarelo, cyan, magenta e cores) para fazer os fotolitos e rotofilmes da quadricromia. (Ver Fotolito, Quadricromia e Rotofilme.)

SELEÇÃO DE COR

1. Separação das quatro cores do processo de quadricromia ("CMYK").

2. Processo de pré-impressão onde todo o espectro de cores é reduzido para apenas quatro cores básicas (cyan, magenta, amarelo e preto).

SEPARAÇÃO - Transformação de uma imagem em canais componentes que correspondem às chapas de impressão. Pode usar os métodos UCR ou GCR.

SERIFA - Detalhe que complementa oiticamente o desenho de um tipo; usualmente é um "pé" ou "nariz" nas extremidades de cada letra. Tipos que contêm esses elementos são chamados "serifados" e são os mais comuns na composição de livros e textos longos. As letras sem serifa, de construção despojada e aplicação versátil, só foram inventadas a partir da segunda metade do século XIX.

SERIGRAFIA ou SILKSCREEN (Tela de Seda)

1. Sistema de impressão direta. Utiliza uma matriz vazada, constituída de uma tela de tecido plástico ou metálico tensionada sobre uma moldura, na qual as áreas de contra-grafismo são vedadas. Com um racle (espátula) de borracha, a tinta líquida é forçada a passar pelos vãos livres entre os fios da trama, transferindo-se para o suporte de impressão. A tinta é semi-líquida, de acordo com o suporte. Usado na impressão de tecidos, vidro, couro, cerâmica etc. Embora praticada pelos chineses há séculos, foi patenteada por Samuel Simon em 1907. Em *silk screen* não pode haver overprint de cores.

2. Processo artesanal de impressão, que consiste em fazer a tinta passar para o papel, pano ou outro suporte através de uma tela de seda, náilon ou outro material que possa ser utilizado como matriz.

SERRILHADO - O mesmo que aliasing.

SETSCREEN - Comando da linguagem PostScript responsável pela definição dos pontos de retícula. Alguns parâmetros passados juntamente com o *setscreen* possibilitam a alteração dos parâmetros de frequência, tipo de ponto, ângulo e fundo, ou simplesmente desconsiderá-los.

SHAREWARE - Software distribuído gratuitamente por determinado período. Depois de um período inicial de testes, espera-se que o usuário envie um pagamento aos autores do programa para continuar a utilizá-lo.

SHARPEN (Nitidez) - Filtro de imagem que aumenta o contraste entre os pixels próximos, aumentando a nitidez e (até certo ponto) cancelando perdas de foco. Em imagens digitais, é usual dar um Sharpen um pouco mais forte que o necessário, para compensar previamente a atenuação de detalhes finos na impressão.

SLIDE - Cromo de 35 mm encaixado em uma moldura.

SLR (Single-lens Reflex) - Máquina reflexiva (sistema automático de espelhos e um pentaprisma) com focagem na própria objetiva.

SILK SCREEN - O mesmo que serigrafia.

SMALL CAPS - Texto composto exclusivamente em caixa alta. O mesmo que versalete.

SNAP - Em programas de paginação, é um efeito que faz os objetos se encaixarem automaticamente quando estão bem próximos a guias (snap to guides), a outros objetos (snap to objects) ou à grade (snap to grid).

SOBRECAPA - Papel impresso que geralmente envolve a capa de um documento para maior proteção.

SPOOL (Carretel) - Recurso dos sistemas operacionais modernos que permite a impressão enquanto se executa outras tarefas no computador. O material enviado para imprimir é gravado no HD e libera o programa rapidamente. A transmissão à impressora ocorre no background (segundo plano).

SPOT COLOR (Cor Especial) - Separação produzida para imprimir com tintas especiais. Uma spot color é separada como uma cor pura, produzindo uma nova chapa. Geralmente utilizada para impressão de cores extras, que não são geradas pelo sistema CMYK - prata, ouro ou qualquer outra pertencente a uma escala diferente (Pantone, Hexachrome e outras).

SPREAD - O mesmo que páginas espelhadas ou consecutivas. Também chamadas de facing pages e são usadas para melhor aproveitamento na saída de filmes.

STRIP - Emenda feita em fotolito ou rotofilme, visando corrigir pequenos erros sem ser preciso refazer todo o material. (Ver Fotolito e Rotofilme.)

STRIPPING

1. Emendas e correções de última hora feitas no filme limpo. O stripping só pode ser aplicado em áreas livres de retículas. Quase sempre no filme do preto.
2. Filme especial que possui uma camada que se destaca, usado para fazer emendas no filme pronto. Também chamado de strip.

SUBTÍTULO

Palavra ou frase que complementa o título, aparecendo juntamente.

T

TABLÓIDE - Jornal com uma dimensão menor que o tradicional contendo aproximadamente 6 colunas e um total de + 1000 linhas por página (tipo 5).

TABULETA

1. Unidade do meio outdoor, ou seja cada um dos locais de exibição dos cartazes ou painéis.
2. Armação na qual é colado o cartaz. (Ver Cartaz, Outdoor e Painel.)

TAMPOGRAFIA - Sistema de impressão indireto, no qual a imagem é transmitida da matriz para o suporte através de uma peça de silicone chamada "tampão"; devido à sua flexibilidade, ela pode imprimir sobre objetos curvos. A tinta, semi-líquida, varia de formulação de acordo com o suporte. Utiliza clichê em baixo relevo e um sistema de racle análogo à rotogravura, onde se retira a tinta do contra-grafismo. Muito utilizado para imprimir em pratos, teclas de computador, canetas, painéis de equipamentos etc. A primeira máquina foi construída por volta de 1970.

TEXTO CORRIDO - Texto composto em colunas regulares com nenhuma ou poucas variações tipográficas.

TEXTO IRREGULAR - Linhas de texto compostas em diferentes medidas, alinhadas (justified) por um lado (esquerdo ou direito) e irregulares (ragged) do lado oposto.

THRESHOLD (Limiar) - Cálculo usado como técnica de separação dos tons da imagem em dois valores uniformes. Assinala-se algum tom na escala como limiar (normalmente 50%, mas pode ser qualquer outro) e todos os valores dos pixels menores ou igual a esse valor são transformados em preto, enquanto os valores superiores são mapeados para branco. O efeito é utilizado para conversão de imagens grayscale em alto contraste.

TIFF (Tagged Image File Format)

1. *Tag* - etiqueta. O TIFF é o formato de arquivo digital usado pela maioria dos programas de editoração e tratamento de imagem, inclusive fotografia. Trabalha com imagens *raster*, bitmap mais a informação de cabeçalho, o *header*. Ele suporta imagens true color (16,7 milhões de cores), e possui um esquema de compactação que pode ou não ser ativado, dependendo da escolha do usuário. A compactação do TIFF é a LZW — compactação interna sem perda de dados, nenhuma informação de imagem é descartada, não existe perda de dados (guarda alguma semelhança com o formato ZIP de compactação). A única diferença é que a compactação torna os processos de abertura e processamento da imagem mais lentos. Profissionais que necessitam de um formato de arquivo para imagens de alta fidelidade encontram no TIFF uma ótima opção.
2. Formato de arquivo de imagens bitmap. Muito usado por *scanners* e programas de manipulação de imagens e paginação. Desenvolvido nos anos 80 em parceria por Aldus, Microsoft e fabricantes de

scanners. Suporta RGB, grayscale e CMYK, aceita clipping paths, canais alfa e tem como opcional a compressão — LZW (sem perda de qualidade da imagem).

TINTA - É formada pela combinação de resinas, solventes, pigmentos e aditivos. O pigmento dá a cor, o solvente a viscosidade, os aditivos o brilho, opacidade e consistência, e as resinas são responsáveis pelo transporte físico.

TIPO

1. Desenho de um caractere tipográfico. O sentido original era "matriz de metal para um caractere dentro de uma fonte". O metal usado é composto de chumbo para volume (85%), antimônio para dureza (11%) e estanho para liga (4%).
2. Estilo de uma letra impressa. Característica visual comum de cada uma das letras que compõe uma família de tipos. (Ver Família, Itálico, Negrito e Redondo.)
3. Caracter tipográfico.
4. O mesmo que "Fonte".

TIPOGRAFIA

1. No sentido atual, é simplesmente a ciência e arte da criação e composição de tipos. No sentido original, é um sistema de impressão direta. Usa tinta gordurosa e pastosa; os tipos são fôrmas relevográficas de metal. Originou-se da xilogravura (impressão com blocos de madeira em relevo), originalmente inventada pelos chineses; a prensa de tipos metálicos foi criada em 1440 por Gutenberg. Foi o principal sistema de impressão durante 400 anos. Ainda é usado na impressão de livros, folhetos, cartões de visita, convites e outros produtos de natureza semi-artesanal. Nas demais aplicações, foi substituída por outras tecnologias.
2. Antigo processo de impresso (geralmente apenas de textos e pequenos símbolos) de forma mecânica, com pressão da matriz em clichê sobre o papel. (Ver Clichê.)

TIRAGEM

1. Número total de exemplares impressos de determinado suporte e referente a uma dada edição.
2. Número de exemplares de uma edição impressos de uma só vez.
3. Quantidade de qualquer material impresso.

TIRA-RETIRA - Termos usado em artes gráficas para designar o processo de cópia frente e verso numa única chapa. Assim é possível imprimir frente e verso numa única passagem. Depois vira-se o papel e, utilizando a mesma chapa, casa-se a frente + verso e verso + frente.

TOM CONTÍNUO - Imagem com extensa gama de tons do branco para o preto, de forma que as tonalidades do branco ao preto absolutos misturam-se sem interrupção perceptível. Fotografias, pinturas,

desenhos a lápis ou a carvão são todos originais de tom contínuo. Como uma máquina de impressão só imprime a traço (presença total ou ausência total de tinta em cada ponto do papel), é preciso transformar esse tom contínuo em meio-tom de retícula.

TONER

1. Tinta sólida, composta de partículas finas de pó que possuem características eletrostáticas e são atraídas eletromagneticamente. Utilizado pelas copiadoras e impressoras a laser, que fundem essas partículas à superfície do papel e as fixam via aplicação de alta temperatura. O toner é uma substância tóxica.
2. Espécie de tinta composta de partículas finas de pó que possuem características eletrostáticas. Utilizado pelas impressoras a laser que fundem essas partículas em alta temperatura, para formar as imagens e textos que irão compor as páginas.

TRAÇO

1. Em artes gráficas, definição de ilustração ou símbolo sem nenhum meio-tom, em PB ou cor chapada.
2. Em mídia, expressão usada para definir audiências de rádio e TV muito pequenas, quase inexpressivas. (Ver Audiência, Meio-Tom e PB.)

TRACKING - Ajustamento do espaço entre as letras, mas não particularmente entre pares de letras para correção (*Kerning*). O *tracking* pode ser normal, solto ou apertado, consoante a distância que as letras passam a ter entre si.

TRAPPING

1. Recurso presente nos programas de paginação e ilustração, que expande automaticamente os contornos das cores chapadas de planos sucessivos, causando uma pequena sobreimpressão na aresta de contato entre as cores. Sua função é evitar que, devido a um eventual erro de registro, surja um filete na transição das duas cores. O mesmo efeito pode ser feito do primeiro plano para o segundo ou do segundo plano para o primeiro; o segundo caso é o usual em textos compostos com corpos muito pequenos, evitando que as letras pareçam muito espessas e próximas.
2. É o encaixe que existe entre cores adjacentes no fotolito. Quando geramos um fotolito pelo computador, áreas de cores adjacentes podem ficar tão milimetricamente justas que é inevitável para a gráfica realizar a impressão sem que apareça um filete branco entre elas (falta de registro).
3. A superposição intencional de uma na outra, na junção de cores diferentes, para dar tolerância ao registro.

TRATAMENTO DE IMAGEM - Manipulação digital envolvendo ajustes de cor e correção de defeitos.

TRUETYPE - Padrão de fontes conjunto da Apple e Microsoft, com versões (incompatíveis entre si) para Mac OS e Windows, no qual cada fonte é codificada em um arquivo único (podendo ou não as fontes da mesma família serem reunidas em maletas - suitcases - no Mac). Para sua visualização, não é necessário um software como o ATM.

TWAIN - Um interface de aquisição desenvolvido por um consórcio de desenvolvedores de software como um padrão para comunicações entre *scanners*, dispositivos de imagem e máquinas fotográficas digitais e o software de computador. O *twain* lhe permite importar (adquirir) uma imagem em seu software. Esta é o interface de troca na plataforma do *Windows*.

TYPE 1 - Desenvolvido originalmente pela Adobe como formato standard de tipos a usar nas impressoras postscript mas é atualmente um formato standard. É o formato mais utilizado de fontes postscript, sendo o outro o *Type 3*. As fontes *Type 1* são compostas por dois elementos: a fonte para tela (numa pasta própria) e a fonte para impressora.

U

UV (Ultra violeta) - Radiação eletromagnética invisível, cujo comprimento de onda está compreendido na faixa do espectro eletromagnético entre 10 e 400 nanômetros, empregada em processos fotomecânicos de reprodução fotográfica, de cópia de chapas e matrizes de impressão.

Utilizado também nas aplicações de acabamento de um impresso, isto é, em um sistema de secagem de envernizamento de peças gráficas.

UCR (*Undercolor Removal*)

1. Método de separação que remove em maior ou menor grau as cores primárias (CMY) das áreas neutras escuras, compensando a diferença com a adição de tinta preta (K). Reduz os tamanhos dos pontos de retícula das três cores de escala das áreas neutras e compensa o aumento dos tamanhos dos pontos pretos. O mesmo tom escuro é reproduzido com muito menos problemas de trapping e registro.

2. Técnica que remove Cyan, Magenta e Amarelo nas áreas de sombras neutras, compensando com preto e evitando problemas de decalque na impressão.

UCA (*Undercolor Addition*) - Método de separação que reforça as cores primárias (CMY) nas áreas neutras escuras, que são impressas pela tinta preta (K). Isso compensa o fenômeno de quando os tamanhos dos pontos de retícula amarelo, magenta e ciano são muito reduzidos pelo processo GCR. Sem UCA, as áreas escuras podem ficar mais claras do que o desejado.

UNSHARP MASK - *Sharpen* com controles de ajuste. (Ver SHARPEN)

V

VAZADO - Texto em branco sobre fundo preto ou cor chapada.

VEÍCULO

1. Nome genérico de qualquer empresa de comunicação, com editoras, emissoras, exibidoras de outdoor etc.

2. Empresa individual de cada meio de comunicação, como o canal ou a rede de TV ou rádio, a editora de jornais e revistas etc.

3. Título de jornal ou revista, emissora de rádio ou TV e qualquer outro instrumento de comunicação física, que leva as mensagens dos anunciantes ao consumidores.

4. Área da propaganda que agrupa os veículos de comunicação.

VERNIZ - Espécie de tinta de acabamento superficial do impresso que pode ter ou brilho ou textura fosca, com ou sem aroma.

VERSAL - Letra capital em corpo maior que o do texto e com a qual se inicia um capítulo. (V. Capitular.)

VERSALETE (SMALL CAPS)

1. Letra que tem a forma da maiúscula e a altura aproximada da minúscula. Pode-se escrever com os caracteres iniciais em caixa alta "normal" e os demais menores.

2. Quando o texto é todo escrito em baixa alta, sendo que as letras que comumente nos textos são escritas em Caixa baixa permanecem com o formato de Caixa Alta porém com tamanho menor.

VETOR

1. Desenho geométrico, obtido através de uma fórmula matemática. Existem diversos modelos matemáticos; o mais comum é o de Bézier. A resolução de um desenho vetorial é limitada unicamente pelo dispositivo de saída, permitindo ampliação ilimitada sem perda de qualidade. Os arquivos vetoriais são relativamente pequenos em tamanho. É possível combinar os vetores com bitmaps, os softwares vetoriais como o CoreDRAW, Adobe Illustrator, Xara Xtreme estão se desenvolvendo neste mix, afóra outros não tão conhecidos; a tecnologia de animação Flash é baseada nos dois.

2. Um formato de imagem eletrônica ou legível pelo computador, que incorpora uma fórmula matemática de representação de arte em traço, linhas e áreas. O formato de vetor, usado durante o processo de ampliação ou redução, mantém a qualidade das imagens e facilita modificações. Este formato também é usado frequentemente durante o processo de edição.

VINCAGEM - Operação destinada — com o auxílio de lâminas sem fio — a produzir vincos sobre papel de gramatura elevada, facilitando sua dobragem.

VINCO

1. Sulco pressionado na capa de um livro durante a encadernação.
2. Linha pressionada ao longo do eixo de dobra de uma folha de papel ou cartão, a fim de facilitar a dobragem.

VINHETA

1. Pequena ilustração colocada em um anúncio ou trabalho gráfico.
2. Filete ornamental empregado na composição tipográfica para separar o título do corpo da matéria ou do texto.

VIÚVA - Primeira linha de um parágrafo que fica sozinha no fim de uma coluna. É um defeito estético de paginação que deve ser evitado.

VOLANTE - Pequeno folheto, bem simples, de uma página. (Ver Folheto e Panfleto.)

VOLUME - Obra impressa com mais de 100 páginas.

W

WORKSTATION - Conjunto de computador, vídeo, cpu, scanner e outros acessórios que operam programas gráficos de editoração eletrônica para a preparação de anúncios, cartazes e outros materiais gráficos pela agência, estúdio ou fornecedor de artes gráficas. Base operacional dos sistemas de DTP.

WYSIWYG

(What You See Is What You Get; "O que você vê é o que obtém")

1. Slogan dos programas de DTP modernos, que exibem na tela o material de forma a imitar a sua aparência quando impresso.
2. Gíria para "o que você vê é o que você quer", se refere a imagens de tela precisas para impressão. Resultado do interface o Gráfico da Xerox.

X

X-HEIGHT - Altura de qualquer letra de caixa baixa, sem contar com as hastas ascendentes e descendentes, e tipificada pela altura de "x" (mas que inclui as alturas de a, c, e, i, m, n, o, r, s, u, v, w, z).

XEROGRAFIA - Processo de impressão na qual o papel da tinta é feito por um pó seco (toner) que é atraído eletrostaticamente para as áreas de interesse. É a mesma tecnologia usada em copiadoras e impressoras laser.

XILOGRAFIA

1. Caracteres tipográficos gravados em madeira.
2. Gravura em madeira.
3. Arte de gravar em madeira.

Y

YELLOW - A segunda cor da sigla CMYK: Quadricromia

Z

ZINCOGRAFIA

1. O mesmo que fotogravura a traço.
2. Processo de impressão litográfica em que as pedras calcárias são substituídas por chapas de zinco.

ZIP - Formato de compactação de arquivos mundialmente adotado.

ZIP Disk - Formato de mídia de computador, permitindo se gravar em duas capacidades, de 100Mb ou 250Mb, em uma espécie de disco removível.

ZOOM ou **ZUM** - Existem dois tipos. Zoom óptico é o zoom mecânico feito pela lente da câmera, que aproxima o objeto a ser fotografado. O "zoom digital" interpola os pixels provenientes do CCD da câmera; não é um zoom real, causando degradação por perda de detalhes ou serrilhamento.